

Revista da Semana

Ano XLIII -- N.º 15 -- 11 de Abril de 1942
1\$500 em todo o Brasil



A EXPOSIÇÃO
DO SENHOR
MORTO.

(Igreja de N. S. da
Conceição).

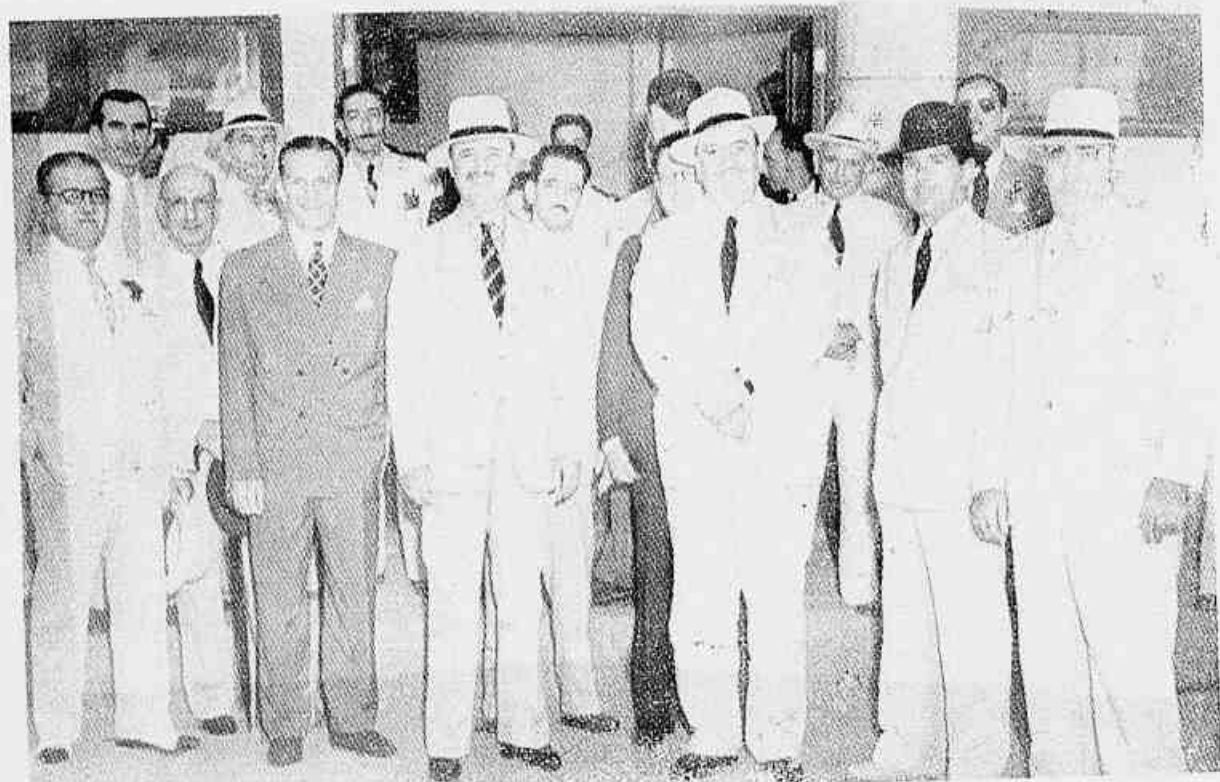
FIGURAS E FATOS



BRASIL — ESTADOS UNIDOS — A União dos Escoteiros do Brasil recebeu, em sua sede, o escoteiro norte-americano Alan Bath, que está percorrendo os países da América numa viagem de boa vontade. Vêmos um flagrante da visita do «boy scout» à U. E. B.



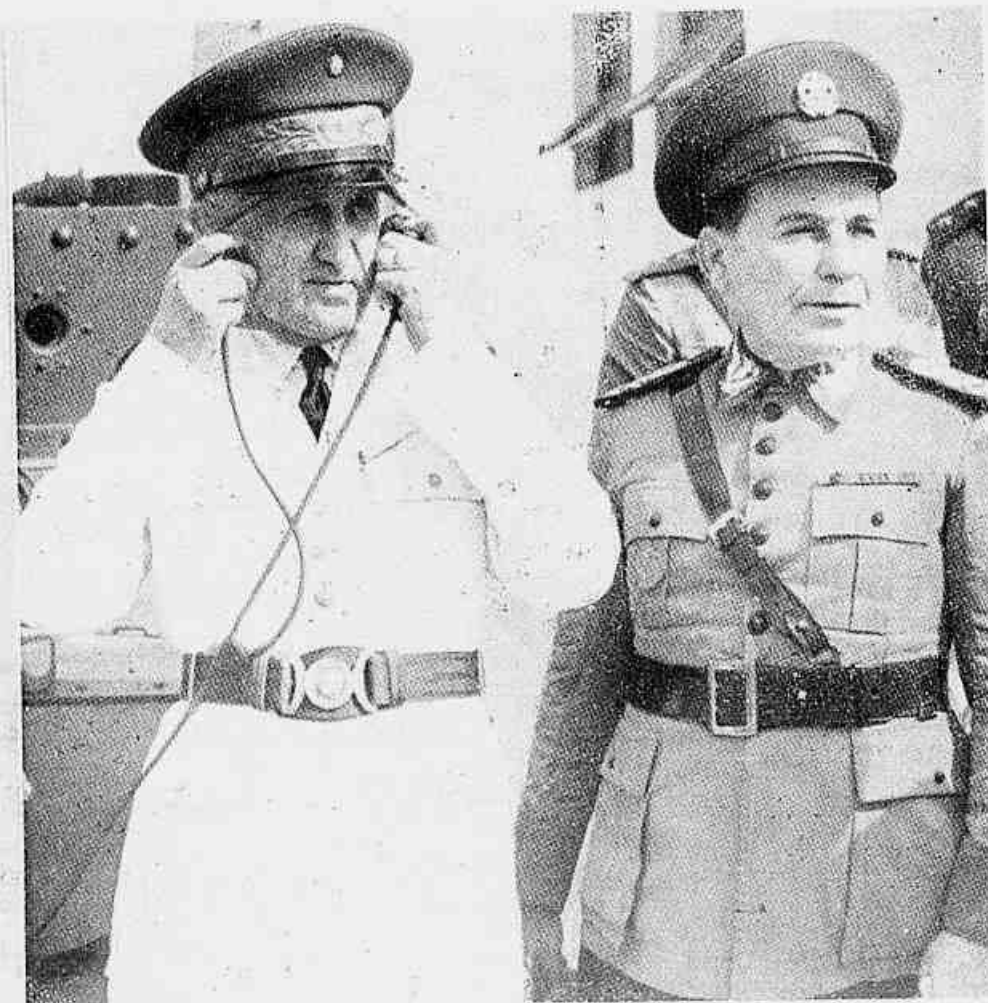
A POLÍCIA MODERNISADA — Realizou-se a inauguração das novas instalações do Corpo Motorizado e Oficina Mecânica da Inspetoria Geral de Polícia, à Avenida Francisco Bicalho, 250. A cerimônia foi presidida pelo major Filinto Muller, chefe de Polícia; presentes também o prefeito Henrique Dodsworth, o comandante geral da Polícia Militar, coronel Odílio Denys; o tenente-coronel Nelson Melo, comandante do Batalhão de Guardas; o tenente-coronel Felcissimo Cardoso, chefe do Serviço Central de Transporte do Exército; o coronel Alopercio Daemon, outras autoridades civis e militares e chefes dos serviços da Polícia Civil.



PARA SÃO PAULO — Em aviões da Força Aérea Brasileira, seguiram para São Paulo os Ministros da Aeronáutica e da Fazenda, acompanhados de pequena comitiva. Os dois titulares foram participar da festa aviatória na capital paulista.



AS VISITAS A' A. B. I. — Aspecto da visita das alunas das Faculdades Católicas à sede da Associação Brasileira de Imprensa.



O PREPARO DO EXÉRCITO — No decorrer da inauguração, realizada no Centro de Instrução de Moto-Mecanização do Exército, o general Gaspar Dutra, ministro da Guerra e outras altas autoridades militares tiveram ocasião de assistir à interessante demonstração dos carros de assalto, adquiridos recentemente pelo Brasil aos Estados Unidos da América do Norte. Na foto vê-se o titular da pasta da Guerra em companhia do general Silva Junior, comandante da Região Militar.

O centenário do almirante Carlos de Noronha

Grupo colhido em 25 de Abril de 1904 por ocasião de um almoço a bordo da fragata argentina "Presidente Sarmiento", no porto do Rio de Janeiro. Vê-se no grupo o almirante Carlos de Noronha — o segundo, a contar da direita — sentado ao lado do prefeito Pereira Passos.



As figuras militares, grandes ou pequenas, têm a história da sua vida escrita por mão alheia à proporção que os acontecimentos vão surgindo. E' a fé de ofício que as exalta ou que as deixa na obscuridade. Umas têm rutilâncias gloriosas, outras são vulgares. No momento, emerge do pó com um dos arquivos a história da vida de um marinheiro que merece a homenagem da recordação. Esse marinheiro foi Carlos Frederico de Noronha, nascido na cidade do Rio de Janeiro no dia 12 de Abril de 1842, filho de José Joaquim de Noronha e D. Carlota Joaquina de Noronha, ambos brasileiros, aquele falecido a 20 de Janeiro de 1887.

Ingressando na velha Academia de Marinha a 16 de Março de 1858 e tendo feito com grande aproveitamento o curso e merecendo notas excelentes, o futuro almirante atingia o primeiro degrau do oficialato, com o posto de guarda-marinha, a 30 de Novembro de 1860, tendo por condiscípulos, entre outros, Carlos Balthazar da Silveira, Pedro Benjamim de Cerqueira Lima, José Pinto da Luz e Theotônio de Carvalho. Em 1862 e 1864 era sucessivamente promovido aos postos de segundo e primeiro tenente.

Não estava longe o seu batismo de fogo, e meses depois, a bordo da fragata Amazonas, navio capitanea da esquadra brasileira comandada pelo almirante Francisco Manuel da Silva Barroso, tomou parte no combate naval de Riachuelo, a memorável página de 11 de Junho de 1865.

Ainda no mesmo navio, foi um dos combatentes contra as fortificações de Mercedes e Cuevas, a 18 de Junho e 12 de Agosto daquele ano.

A bordo do encouraçado Silvado, pertencente à divisão comandada pelo capitão de mar e guerra Mamede Simões da Silva — quando comandante em chefe da esquadra o almirante Visconde de Inhaúma — foi ferido gravemente, a 7 de Setembro de 1868, por estilhaço de bala, diante da fortaleza de Angostura.

Comandava o Silvado o capitão de fragata José da Costa Azevedo — futuro almirante, Barão do Ladário — que, em sua parte de combate, reproduzida nas «Efemérides Navais» de Garcês Palha, exalta o valor militar do imediato Carlos de Noronha, lastimando vê-lo no leito de dores.

Os contemporâneos da guerra do Paraguai recordavam, por vezes, o denodo do então primeiro tenente Noronha, que, apesar de gravemente ferido, se obstinava em permanecer no convés do encouraçado Silvado, quando mais acesa se desenrolava a luta. O comandante Costa Azevedo, vendo o sacrifício de vida a que se expunha o seu imediato, ordenou-lhe que se retirasse para o camarote e, se não o fizesse, seria obrigado a considerá-lo insubmisso. Só diante do gesto imperativo do futuro Barão de Ladário se retirou o tenente Carlos de Noronha para a enfermaria do navio.

Capitão-tenente, no quadro extraordinário, pelos relevantes serviços de guerra, a 2 de Dezembro de 1869, foi elegiado «pelo comportamento militar e pela resignação com que soube suportar as privações e toda a sorte de sacrifícios em favor da causa nacional». Coube-lhe o voto de louvor e gratidão do Poder Legislativo do Império a «todos quantos haviam conquistado glória imperecível na guerra do Paraguai, até a morte do ditador Solano Lopez, em Aquidaban, a 1 de Março de 1870, término da campanha na qual a Marinha e o Exército nacionais prestaram assinalados serviços ao Brasil».

A 7 de Dezembro de 1878, ascendia ao posto de capitão de fragata, e, por feliz coincidência, era também na mesma data promovido a esse posto seu irmão Julio Cesar de Noronha, mais moço, e que depois demarcaria, quando ministro da Marinha do presidente Rodrigues Alves, um período de grande e proveitosa atividade à nossa marinha de guerra.

No posto de capitão de fragata, entre inúmeras comissões foram das mais úteis ao país as exercidas no comando da flotilha do Alto Uruguai e na inspetoria do Arsenal

de Marinha do Pará, economizando para os cofres públicos elevadas somas no corte de madeiras destinadas à construção naval, e no exercício de comandante da barra do Rio Grande. Exercia este cargo quando ocorreu o naufrágio do Rio Apa, revelando o comandante Noronha admiráveis qualidades de homem do mar. A bordo de um rebocador, afrontando o temporal que varreu a costa sul em Julho de 1887, saíu para o oceano revoltado em procura daquele paquete nacional, sendo infrutífero, porém, os seus dedicadíssimos esforços para o salvamento de vidas que tiveram por túmulo o seio profundo das ondas. Por este ato de humanidade que se conjugava ao dever militar, louvou-o o Chefe do Quartel General em ordem do dia de 28 de Julho de 1887.

Capitão do Porto do Rio de Janeiro, em 1889, deixou nesse cargo indelevel traço de operosidade, continuando a campanha encetada por seu digno e culto irmão, Julio Cesar de Noronha, quando exercera o mesmo cargo no ministério Cotejipe — na repressão às cercadas de peixe e nos estudos profundos sobre o importante problema da pesca.

Promovido a capitão de mar e guerra, em Janeiro de 1890, a 21 de Outubro seguia para os Estados Unidos, no comando do cruzador Guanabara, na divisão naval sob a chefia do almirante Carlos Balthazar da Silveira.

Contra-almirante a 18 de Agosto de 1892, comandou o Corpo de Marinheiros Nacionais. De 12 de Janeiro de 1894 a Julho de 1895, dirigiu o Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro. Ainda nesse posto, várias comissões desempenhou: na direção da Carta Marítima, no comando da divisão naval da Bahia, por ocasião da insurreição de Canudos, voltando em fins de 1902 a ocupar, pela segunda vez, a Inspeção do Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro.

Dedicado aos problemas de construção naval, deu novo regulamento às Oficinas do Arsenal, modificou várias disposições relativas ao montepio dos operários, procurando ampará-los, de forma que suas famílias fossem beneficiadas com maiores pensões do que então usufruíam.

Bondoso por natureza, dispensou especial atenção à sorte dos pequenos serventuários da Nação, que nele tiveram o seu melhor amigo. Minorando-lhes as agruras da vida, cuidou do futuro de suas esposas e filhos. Ainda estão bem vivos na memória da classe operária em serviço naquele Arsenal os grandes benefícios que lhe prestou o almirante Carlos de Noronha.

O Club Naval, a velha instituição de classe, de que foi presidente, deve-lhe a construção do novo edifício na Avenida Rio Branco, mandando ele lançar a pedra fundamental do majestoso prédio no dia 11 de Junho de 1905.

Vice-almirante a 17 de Janeiro de 1903, almirante graduado a 12 de Dezembro do mesmo ano, presidiu a comissão incumbida de dar parecer sobre as condições hidrográficas das bahías da Ribeira, Jacuacanga e Rio de Janeiro, de forma a proporcionar ao governo elementos precisos para julgar a respeito da localização do novo Arsenal de Marinha, fóra da bahia de Guanabara.

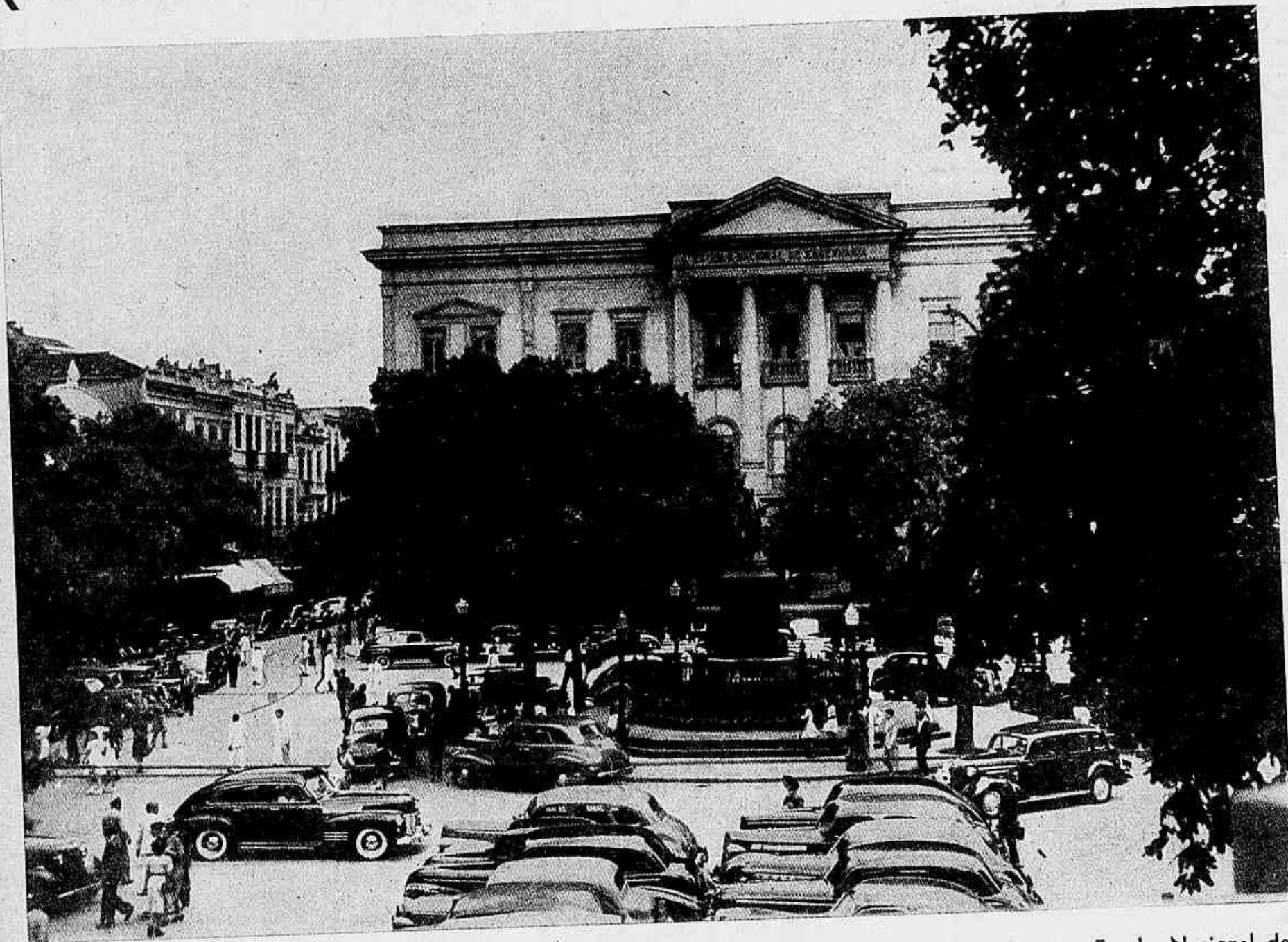
Diretor da Escola Naval, Consultor do Almirantado, Inspetor de Portos e Costas, revelou nesses cargos, ao lado do técnico capaz, o administrador tolerante, justo e sempre digno no cumprimento do dever militar.

Reformado compulsoriamente no posto de almirante a 14 de Abril de 1910, faleceu quinze anos depois, a 5 de Julho de 1925, com 83 anos de idade.

Toda a sua vida foi um exemplo edificante de dever militar, de amor à profissão e das mais belas virtudes de patriotismo.

Na guerra, soube dar o seu sangue com heroísmo; na paz, soube dar sua energia com dignidade.

LOGRADOUROS PUBLICOS (RESPIGANDO NAS SEARAS ALHEIAS)



Largo de S. Francisco. Vêem-se a estatua de José Bonifácio e a Escola Politécnica — denominada agora Escola Nacional de Engenharia — no seu aspecto atual, com três pavimentos.

O LARGO DE SÃO FRAN- CISCO

Ha quase um século atrás, não faltava quem achasse o Largo do Paço — a hoje Praça 15 de Novembro — dotado de menos beleza que o Largo de São Francisco de Paula. Em uma crônica publicada em 1845 no «Ostensor Brasileiro», assim dizia J. A. Cordeiro:

«Apesar do Largo do Paço ser-lhe superior na grandeza de suas dimensões, e no numero de edificios que marcam a raia da sua extensão, esta praça não lhe cede a palma em beleza, e se mostra orgulhosa por possuir a Igreja de S. Francisco e a Escola Militar». A Escola Militar a que se referia o autor é a atual Escola Politécnica.

Muitos outros teriam opinião contrária, preferindo o velho largo com a Capela Imperial, o Palácio dos Governadores — depois Paço — o antigo Convento do Carmo, o Arco do Teles, o chafariz que Gomes Freire construiu e D. Luiz de Vasconcelos remodelou.

De gustibus non disputandum...

O hoje Largo de S. Francisco nasceu no lugar chamado Campo do Rosário por uma necessidade que o Cabido sentia de ter uma Sé própria e na altura, porquanto a primitiva, na Igreja de São Sebastião do Morro do Castelo, apresentava inequívocos sinais de ruína. O Cabido batera às portas de São José, bem pequena capela então; entrara pela Cruz dos Militares; procurara em vão a Candelaria e, por ultimo, fôra, a contragosto seu, para o convívio dos homens de côr de N. S. do Rosário. Mas urgia sair daí e o Cabido preparou tudo para isto.

Joaquim Manoel de Macedo conta o caso nas suas preciosas «Memórias da Rua do Ouvidor»:

«Mas o governo da metrópole (reinado de D. João V) aprovando o plano apresentado, mandou construir nova igreja para Sé do Rio de Janeiro, e o governador, Gomes Freire de Andrade, o bispo, e o engenheiro diretor das obras de acôrdo escolheram para o templo lugar no Campo do Rosário, a curta distancia da rua da Vala, defronte da extrema imposta á rua do Padre Homem da Costa»

A Vala é a hoje rua Uruguaiana e a Padre Homem da Costa a do Ouvidor. Prosseguindo, Macedo informa:

«No assinalado histórico dia aniversário, 20 de Janeiro de 1749, foi lançada com aparatosa solenidade a primeira pedra da Sé Nova, cujos alicerces e grossas paredes haviam de servir não para ela, *sic vos non vobis*, mas para o edificio de que é ultima herdeira a Escola Politécnica do Rio de Janeiro.

«Para o solene lançamento da primeira pedra limpára-se, aterrara-se em alguns pontos e todo se igualara o terreno fronteiro á futura igreja, o qual, ou no mesmo dia 20 de Janeiro, ou pouco depois, recebeu a denominação de Largo da Sé Nova.

«Então a rua Padre Homem da Costa, vendo um largo aberto no campo do logradouro



Sofrer

do fígado... estar bilioso, abster-se dos prazeres da mesa... Levantar a vida sem saúde... Regularize as suas funções hepáticas com ENO e tudo isso se normalizará...

Não sendo em vidros, não é "Sal de Fructa".

ENO "Sal de fructa"



O Largo de S. Francisco no tempo dos "gondolos".



Aspecto atual da Igreja de S. Francisco de Paula.

Até o Gênio! Uma Calamidade!



Muitas mulheres sofrem de moléstias que fazem da vida um verdadeiro inferno.

Uma Calamidade!

Em certas doenças, até o Gênio da Mulher pode ficar alterado e ela, de alegre e bem disposta que era, passa a ser triste, aborrecida, desanimada, sem vontade nenhuma de trabalhar e zangando-se facilmente pelas cousas mais insignificantes.

Um martírio!

Para tratar estes padecimentos, consequências do mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos, use **Regulador Gesteira**.

Regulador Gesteira é o tratamento indicado.

Regulador Gesteira é o Remédio de Confiança para tratar inflamação do Útero, o Catarro do Útero causado pela inflamação, Debilidade, Palidez e Perturbações nervosas provocadas pelo mau funcionamento dos órgãos Útero-ovarianos, a Pouca Menstruação, as Dôres e Cólicas do Útero e Ovários, as Menstruações Exageradas e Muito Fortes ou Muito Demoradas, as Dôres da Menstruação e as irritações causadas pelo pêso do Útero congestionado.

Comece hoje mesmo a usar **REGULADOR GESTEIRA**

publico, usou do seu bom direito, saltando a vala, e estendendo ou continuando suas duas filas de casas até abrir-se no largo da Sé Nova».

Mas as obras começaram a parecer eternas. Referindo-se a elas diz Ferreira da Rosa, na sua obra «Rio de Janeiro», que ás «paredes, em 1752, tinham vinte côvados, parando, então toda a fabrica até 1796 em que prosseguiu e chegou a Capela-mór. De novo, porém, se interrompeu a construção, até 1810, ano em que houve ordem de continuá-la e concluí-la — não já para templo mas para séde da Real Academia Militar».

O largo, porém, nesse momento, já não era mais da Sé Nova, e sim de São Francisco de Paula. E por que?

Ainda é Macedo quem explica:

«Mais afortunada que a Sé, a igreja de S. Francisco de Paula começou a construir-se em 1759 (dez anos depois daquela) no mesmo largo, em 1801 já estava acabada pelos seus Mínimos, que assim deram quinquênio aos máximos do governo, e em prêmio do seu zelo o povo mudou o nome do largo, que ficou sendo chamado de S. Francisco de Paula».

Antes, porém, em 4 de Abril de 1757, tinham sido iniciadas as obras de uma ermida, que ficou concluída em 19 de Janeiro de 1758, resultado da iniciativa de D. Frei Antonio do Desterro, bispo do Rio de Janeiro, que lograra dar realidade á sua idéa de aqui instituir a Ordem Terceira de S. Francisco de Paula. E' o que registra Vieira Fazenda nas suas notáveis «Antiquilhas e Memórias do Rio de Janeiro», acrescentando que a 5 de Janeiro de 1759, «com toda solenidade, era lançada a pedra fundamental do novo e vasto templo», que é o atual.

O grande cronista da cidade reproduz o termo então lavrado «no ano de seis mil novecentos e cinquenta e sete da criação do mundo, aos mil setecentos e cinquenta e nove do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo», que é um documento curioso.

Sobre a pretendida Sé Nova, Ferreira da Rosa dá os seguintes pormenores:

«Real Academia Militar em 1810, depois Escola Militar (1842-1856), Escola Central (1856-1874). E' hoje estabelecimento de ensino superior e profissional de Engenharia Civil, sob o nome de Escola Politécnica, fazendo parte da Universidade do Rio de Janeiro, creada em 1920». Af' funcionou, de 1880 a 1888, a Escola Normal, hoje denominada Instituto de Educação.

O edificio ostentava uma fachada de linhas sóbrias, projeto do brigadeiro Cunha Matos; em 1905, foi modificada a feição primitiva, com o levantamento de um terceiro pavimento.

A Igreja de S. Francisco teve em toda sua frente um alto gradil, que existiu por longos anos e foi retirado, salvo erro, em 1906.

Falando sobre a igreja e o largo a que ela deu nome, Ercole Cremona apresentou em uma crônica estes periodos interessantes:

«Durante muito tempo tocava o sino de S. Francisco, anunciando os incendios e ao recolher da cidade. Por duas vezes foi o templo vítima da inclemencia de tempestades; na tarde de um domingo de Novembro de 1861 caiu um raio na torre do galo, quebrando-lhe

um pedaço, arruinando também a claraboia da Capela-mór. A 1 de Fevereiro de 1868 caiu outro raio sobre a torre esquerda, arrancando um fragmento da montagem do sino, arremessando-o ao meio da praça. Das antigas construções do antigo Largo, excetuando-se a Igreja e a Escola Politécnica, nada mais existe; onde se levantavam acaçapados prédios, erguem-se hoje suntuosas casas que apagaram por completo os vestígios da época colonial. Não escaparam sequer as decorações existentes em conhecida casa comercial, executadas por Castagnetto, talvez num dos seus dias de miséria... Eram duas marinhas magnificamente pintadas sobre madeira. Talvez os maiores quadros do artista.

Ao centro do largo, ergueu-se desde 7 de Setembro de 1872 — data em que transcorreu o meio-centenário da Independência do Brasil — o monumento a José Bonifacio de Andrada e Silva, o fator máximo da nossa emancipação política. O monumento, de iniciativa do Instituto Histórico e executado por subscrição popular, é obra de Louis Rochet. Foi o segundo que a cidade teve.

Tem o Largo de São Francisco 6.000 metros quadrados de superfície.

Ao fim da campanha de Canudos, quando a rua do Ouvidor teve o nome efemeramente trocado pelo de Moreira Cesar, o Largo de São Francisco de Paula passou a ser Praça Coronel Tamarindo, para recordar a figura de Pedro Nunes Tamarindo, decapitado pelos jagunços em 3 de Março de 1897. Como naquela, também neste não vingou o novo nome, e o logradouro voltou a ter até hoje a denominação que recebera ao ser erguido o templo da Ordem dos Mínimos.



A Igreja de São Francisco de Paula ao tempo em que tinha grades.

DESPERTE A BILIS DO SEU FIGADO

Sem Calomelanos—E Saltará da Cama
Disposto Para Tudo

Seu fígado deve derramar, diariamente, no estômago, um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevem a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Nada há como as famosas Pillulas CARTERS para o Fígado, para uma ação certa. Fazem correr livremente esse litro de bilis, e você sente-se disposto para tudo. Não causam dano; são suaves e contudo são maravilhosas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pillulas CARTERS para o Fígado. Não aceite imitações. Preço 3\$000



O artista

Por mais habituado que esteja a exhibir-se em publico, o artista de teatro experimenta um certo nervosismo sempre que tem de estrear uma peça ou apresentar-se diante de uma platéia desconhecida. O remédio é simples: um ou dois comprimidos de ADALINA, tomados alguns minutos antes de entrar em cena, bastam para acalmar os nervos excitados, evitando o "trac", como denominam o medo do artista diante do publico. ADALINA não oferece perigo a orgão algum.

ADALINA
BAYER

CALMANTE DOS NERVOS
SUAVE E INOFENSIVO

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

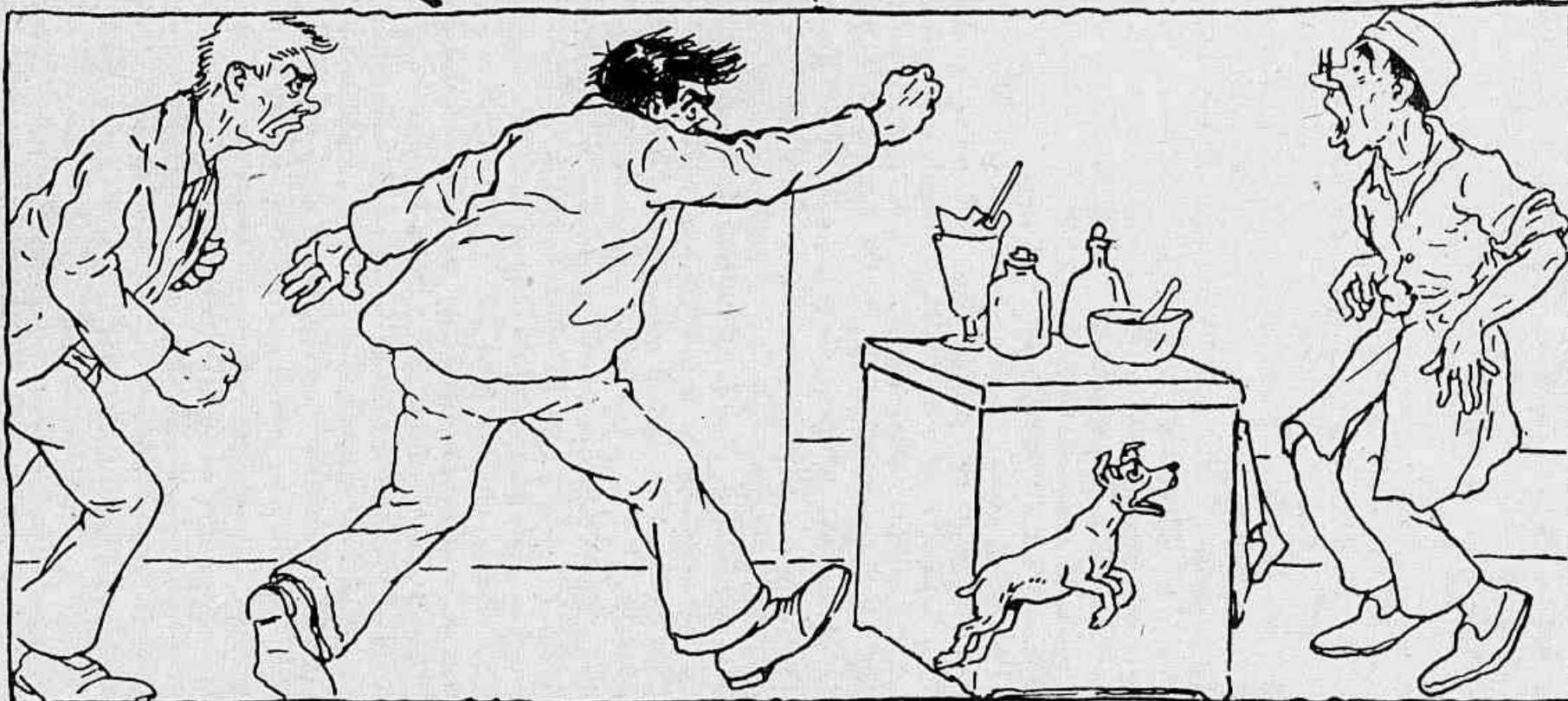
A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas, as asperezas e a tendência para a pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante"

Experimente-o



Complicações



- Boticário sem entrânhas! Ainda tens o desafôro de fazer propaganda do teu tônico ?!



- Pôinha-se lá fora! Não admito que venha me dizer, sempre, que devo obedecer a' dieta !



- Cambáda!... Comigo ninguém brinca!... Quem fôu que tentou me impingir chianti em cristal japonês ?!...

Santos e Efemérides da Semana

ABRIL

11 São Leão Magno. — Doutor da Igreja. Papa, sucessor de Xisto III. Seu pontificado assinalou-se pela luta que empreendeu contra as heresias, particularmente o monofisismo de Eutiques. Restaurou e manteve a disciplina eclesiástica. Rejeitou a Atila e opôs-se vitoriosamente ao saque de Roma por Genserico, em 455. Morreu em 461.

— **Santa Godeberta.** — Nascida de pais ligados à corte de Clotário II, fundou, com autorização desse príncipe, um convento em Noyon, sob a direção de Santo Eloi e aí morreu em 670. Seu corpo foi inhumado na capela de São Jorge que, mais tarde, tomou o título de Santa-Godeberta.

— Combate de Serinhaem, na campanha contra os holandeses (1635). — Falece em Pernambuco Moraes e Silva, nascido no Rio em 1 de Agosto de 1756, gramático, o maior dos nossos lexicógrafos, patrono da cadeira 12 dos sócios correspondentes da Academia Brasileira (1824). Falece no Rio o brigadeiro Martiniano José de Andrade e Silva (1825). — Falece no Rio Machado Nunes, ministro do Supremo Tribunal (1876). — Falece no Rio Joaquim Manoel de Macedo, romancista, professor, historiador, médico, patrono da cadeira 20 da Academia Brasileira de Letras (1882).

12 São Julio. — Nasceu em Roma, de uma família modesta, e tornou-se papa em 337. Amparou com zelo e firmeza Santo Atanásio contra os partidários do herético Ario e enviou seus legados ao concílio de Sardica em 347. Morreu em 352, após quinze anos de um glorioso pontificado, sob o qual se verificaram numerosas conversões.

— **Bemaventurada Mectilde da Escóssia.** — Filha de David, rei da Escóssia. Abandonando a corte e seu pai, transportou-se para a França e viveu em seu retiro, perto de Citeaux. Morreu em 1150.

— Inauguram-se os trabalhos da estrada de rodagem União e Indústria, entre Petrópolis e Juiz de Fora (1856). — Nasce em Angra dos Reis (E. do Rio) Raul Pompéia, romancista, jornalista, patrono da cadeira 33 da Academia Brasileira, que se suicidou em 25 de Dezembro de 1895 no Rio (1863). — Falece no Rio Grande do Sul David Canabarro, brigadeiro honorário (1867). — Nasce no Rio o almirante Carlos Frederico de Noronha, vulto da guerra do Paraguai (1842).

13 São Justino. — Nasceu em Flávia Neapolis em 103, aproximadamente, na Palestina; foi batizado aos trinta anos. Abriu, algum tempo depois, uma escola de filosofia em Roma e mereceu pelo seu notável ensino o título de doutor da Igreja. Condenado à morte por Avilasio, prefeito de Roma, sofreu o martírio com a maior coragem (168).

— **Bemaventurada Ida.** — Descendente de Carlos Magno. Desposou o conde de Boulogne e foi mãe de Godofredo de Bulhão. Enviuvando, consagrou-se à virtude. Morreu em 1113.

— Falece o brigadeiro Domingos de Azeredo Coutinho Melo e Souza Chichorro (1813). — É cantado pela primeira vez o hino de Francisco Manuel da Silva, que viria a ser o **Hino Nacional** (1831). — Falece no Rio o general Bento Corrêa da Câmara, figura de relevo nas campanhas de 1811 a 1820 (1851). — Falece no Rio João Ribeiro, natural de Sergipe, gramático-filólogo, historiador, professor da Academia Brasileira (1934).

14 São Tibúrcio. — Sofreu o martírio em Roma, ao mesmo tempo que seus companheiros, São Valeriano e São Máximo, por se haver recusado a renegar a fé e a sacrificar em público aos falsos deuses, no decurso de uma terrível perseguição orientada contra os cristãos (século III).

— **Santa Lidwina.** — Nasceu em Schiedan, na Holanda em 1380. Foi, desde a mocidade, atingida por enfermidades tão dolorosas quanto repugnantes. Durante os trinta anos que passou num catre, não deixou de dar exemplo da maior piedade, e morreu em 1433, após um verdadeiro martírio.

— Nasce em São Luiz (Maranhão) Aluizio de Azevedo, romancista, contista, teatrólogo, consul, da Academia Brasileira (1857). — Falece no Rio Antonio Francisco de Paula Holanda Cavalcanti de Albuquerque, visconde de Albuquerque, onze vezes ministro de Estado, senador (1863). — O marechal conde d'Eu é nomeado comandante em chefe do Exército Brasileiro em operações no Paraguai (1869). — Falecem os Ministros do Supremo Tribunal Caetano Vicente de Almeida, barão de Mucuri, em Niterói (1890) e Augusto Olimpio Viveiros de Castro, no Rio (1927).

15 São Paterno. — Nasceu em Poitiers, em 482, retirando-se para a solidão desde a adolescência. Contribuiu muito para a evangelização do Cotentin e ocupou a cadeira episcopal de Avranches. Morreu em 556 e seu corpo foi inhumado na igreja de uma aldeia que tomou o nome de Saint-Pair, nome por que é vulgarmente chamado São Paterno.

— **Santa Anastácia.** — Filha de um senador pagão e de mãe cristã, foi exilada sob Diocleciano, por se haver negado a sacrificar aos falsos deuses. Reconduzida a Roma, foi queimada viva, em 304. Sofreu este martírio com a maior

coragem e sem dar aos seus algozes a alegria de um desfalecimento.

— Falece no Rio o mestre-de-campo Luiz Barbalho Bezerra, grande figura da guerra contra os holandeses (1644).

16 São Frutuoso. — Fundador de numerosos conventos na Espanha, foi em 656 elevado ao bispado de Braga, em Portugal. Expirou na sua igreja em 665. Suas relíquias estão em Compostella.

— **Santa Bernadette Soubirous.** — Virgem, de Lourdes. Favorecida pelas graças celestiais, foi-lhe dado, na gruta desde então famosa, ter dezoito aparições da Santa Virgem. Tendo abraçado a religião, terminou seus dias no convento de Nevers (1844-1879).

— É creada a Ordem Imperial de Pedro I, na qual, além de alguns membros da família imperial, só dois brasileiros foram admitidos: o marquês de Barbacena, no primeiro reinado, e o duque de Caxias, ao voltar do Paraguai (1826). — Nasce em Sabará Julio Ribeiro, filólogo, romancista, patrono da cadeira 24 da Academia Brasileira (1845).

— Falece no Rio, José Manoel de Moraes, tenente-general, Ministro da Guerra (1848). — Falece no Rio o senador Francisco de Paula Souza e Melo (1851). — Falece no Rio Heráclito Graça, filólogo, da Academia Brasileira, natural do Ceará (1914).

17 Santo Aniceto. — Sírio de nascimento. Foi eleito papa em 157, por morte de Paulo I. Esforçou-se por manter a religião na sua pureza original e impediu, com a sua vigilância, as funestas associações das heresias de Valentino e Marciano. Sofreu perseguições de Marco-Aurélio, e por elas morreu em 173.

— **Santa Godelieve.** — Teve esta santa a desgraça de desposar um pagão irredutível que não podia suportar o espetáculo das suas virtudes cristãs. Foi estrangulada por ordem do marido, pouco tempo depois do casamento, na diocese de Thérouanne. — Sedição no Rio de Janeiro promovida pelo partido restaurador, com o objetivo de depôr a Regência (1832). — Combate de Laguna Sirena, na guerra do Paraguai (1866).

... dias tranquilos

mercê do

OVARIUTERAN

Contém o hormônio feminino

Um produto ★ Raul Leite ★

SACHA-RIO

O INVEJO

Conto de MIGUEL ZAMACOIS

E' com bastante prazer que janto, de quinze em quinze dias, em casa de Francmédy — em primeiro lugar porque lá se come bem e depois porque, finda a refeição, os convivas se podem espalhar por duas salas, um *fumoir*, uma sala de bilhar, um jardim de inverno, uma galeria e um vestíbulo.

Graças a esta profusão de peças, uma vez terminada a absorção de alimentos obrigatoriamente em comum, pode uma pessoa livrar-se dos maçadores e arranjar um canto onde saborear em sossego o seu charuto. Esta liberdade de se ficar só é uma delícia. Porque ninguém calcula o número de charutos que, desde que no mundo há fumantes, tem sido envenenados ou pelo menos destituídos de todo o gosto por uma conversação insípida depois de jantar.

Da primeira vez que fui convidado por Francmédy, haverá oito anos, passei a noite a procurar o recanto desejado até que, às onze e meia, o encontrei. Era tarde para poder desfrutá-lo na mesma noite, mas ficava sendo meu para sempre!

Com efeito, dessa data em diante, sempre que janto com o meu velho amigo Francmédy, posso aguardar no mais estrito isolamento e na mais perfeita calma a hora do sobretudo e da evasão. O retiro em questão encontra-se no vestíbulo que a gente precisa de atravessar para sair. Ninguém jamais pensou em ali estacionar. Num canto bastante sombrio há uma palmeira, sobre um suporte japonês de ferro trabalhado. Por trás da palmeira desdobra-se um biombo alto, de seis folhas, em couro de Córdoba; e por trás desse paravento está uma *banquette* Renascença, provida duma larga, fofa, suavíssima almofada. E' aí que, depois de me haver habilmente libertado dos outros convidados e do próprio dono da casa, me refugio todos os quinze dias, para fugir ao *bridge* e às conversas sobre a carestia da vida, à falta de criados, e para fumar um charuto, fazendo toda a sorte de castelos no ar que, no momento, me possam ser agradáveis. Verdade seja que, às vezes, me perguntam no momento de me despedir:

— Homem, onde esteve todo este tempo?

Eu, porém, respondo, por exemplo:

— Naquela outra sala, com o Legrieux... Palestrando sobre o futuro da Bosnia-Herzegovina.

E nunca o interlocutor insiste, com medo de que eu repita as considerações trocadas e de que a conversa sobre tal assunto se generalize. Está claro que, conforme as circunstâncias, mudo o nome do meu pretenso companheiro de palestra, escolhido entre aqueles que vi safarem-se sem dar cavaco, e bem assim troco o nome do país cujo futuro tanto me interessa e preocupa...

Mas, aí de nós! Não há bem que sempre dure e, decididamente, a paz perfeita não é deste mundo. Há cerca de um mês, estava eu enterrado, com suprema beatitude, na minha *banquette* Renascença, envolto em espessa nuvem de fumo de Havana, quando ouvi uma voz alarmada:

— Ora espera! Está ardendo qualquer coisa atrás deste biombo!

E logo um ser estranho entrou no meu reduto. Era Grisselle, outro assíduo comensal da casa.

— Que faz o senhor aí? perguntou ele, surpreendido. — Está de castigo?

— Estou fumando.

— Isso vejo eu. Julguei até que fosse incendio!

Mergulhado em reflexões profundas, tirara algumas fumaças mais depressa e maiores, revelando assim a minha presença. Todos os erros se pagam e eu tinha que pagar o meu. Grisselle sentou-se ali, ao lado:

— Estou vendo que o senhor também se aborrece aqui bem regularmente, hein?

— Esse "também" deixa-me depreender a natureza das suas impressões nesta casa. Eu, porém, não me aborreço. Fumante inveterado, afas-

to-me para melhor gozar o meu vício. Eis o caso. E de mais a mais devo declarar que considero Francmédy um amigo precioso. E' um rapaz distinto, leal, inteligente, espirituoso...

— Sim, inteligente para os negócios... para os seus negócios...

— Se me não engano, o senhor e Francmédy são também velhos amigos.

— Conheço-o, com efeito, desde criança. E justamente por isso me considero habilitado como poucos a julgá-lo.

— O senhor diz isso num tom...

— Homem, com franqueza, quer saber o que é Francmédy? Um homem de sorte. Nesse particular posso dizer alguma coisa, eu que, sendo tão inteligente como ele, senão mais, me vejo há cinquenta anos ao seu lado, reduzido ao papel de parente pobre, a uma figura secundária, sempre sacrificada.

— Como assim?

— E' isto mesmo, senhor. Não sei que desesperadora fatalidade me coloca sempre, mas sempre, atrás dele ou em plano inferior. E há meio século que isto dura. Imagine como hei de gostar de tal homem!

Fiz um gesto para o induzir a falar mais, explicar-se melhor; e ele, caindo pesadamente numa poltrona:

— Podia apontar-lhe fatos positivos, insofismáveis durante oito dias, mas bastarão alguns exemplos característicos...

— Sim, hão de bastar.

— As primeiras revelações da sorte de Francmédy — ou da minha falta de sorte — remontam aos bons do tempo do collegio onde nos aca-maradamos. Por exemplo: sempre que se fazia uma classificação por ordem alfabética, qual de nós dois ia adiante? Francmédy, por causa do F; eu lhe sucedia imediatamente com o meu malfadado G; e o vigilante constata: "Grisselle a seguir a Francmédy". O mesmo se deu mais tarde, no regimento, onde fazíamos o serviço juntos. Francmédy é elevado a brigadeiro justamente no prazo regulamentar; quanto a mim, esforço-me, esmero-me no serviço, faço mais que a minha obrigação, esfolto-me, soffro o diabo... Até que um dia recebo a noticia de que vou ser promovido e dirijo-me a Francmédy para lhe anunciar a boa nova — boa para mim, naturalmente. E eis-lo que me responde: "Mas que coincidência! Hoje de manhã fui eu promovido a cabo!" Aí está, meu caro senhor. E assim tem sido sempre. Sempre, entende bem? Olhe do ponto de vista industrial: ele fabrica seda e eu apenas algodão. Por que? Os acasos do principio de carreira. Na exposição de 1900 teve ele uma medalha de prata e eu, naturalmente, uma de bronze. Em Chicago, obtive a de prata; ele, porém, apanhou a de ouro. E quando, em S. Francisco, conquistei, sabe Deus com que custo, a medalha de ouro, Francmédy foi condecorado! Dez anos eu esperei a Legião de Honra; em Janeiro do ano passado apresso-me a telefonar-lhe para lhe participar que recebera a cruz de cavaleiro... "Decididamente... responde-me ele — nós nos seguimos sempre, como velhos amigos: acabam de me comunicar que me foi concedida a roseta de oficial!" "Nós nos seguimos"... E' um modo de falar. Eu é que o sigo. Francmédy vai sempre adiante. Na vida particular, a mesma historia. Francmédy casou um ano antes de mim. Ficou dois anos sem ter filhos. Bom, disse eu comigo, no dia em que minha mulher me revelou as suas "esperanças", neste particular, pelo menos, vou eu desbancar Francmédy. Zás! Daí a oito dias, dava-me ele a mesma alegre noticia. Nasce-me um filho, um rapagão esplêndido, antes que o dele viesse ao mundo. Antes dele... Até que enfim! Sabe, porém, o que aconteceu? Doze dias depois dava a senhora Francmédy à luz dois gêmeos! Concorde o amigo que é forte!

— Intolerável! concordei.

Animado pela minha, embora falsa, indignação, Grisselle ia prosseguir na enumeração das suas razões de queixa, quando uma voz áspera, azeda, desagradável ao extremo, abalou o vestíbulo:

— Ernesto! Ernesto! Mas onde se meteu ele? Que estará fazendo?

— E' minha mulher... murmurou Grisselle, encolhendo-se todo. — Não me faltava mais nada. Que teria eu feito noutra vida para nesta ser castigado assim? — Levantou-se, nervoso. — Vou ouvir recriminações o resto da noite. Só se calará quando adormecer... e assim mesmo talvez continue em sonho. Por isso mesmo, sobe o que eu menos perdão a esse felizardo de Francmédy? Ter enviuvado antes de mim.

E afastou-se, de frente curvada, como se já fosse recebendo nos ombros a tempestade conjugal.

No jantar seguinte tornei a encontrar o pobre Grisselle.

— Sabe que não me pude conter por mais tempo... declarou ele, assim que me viu. — Hoje, resolvi expandir-me, desabafar e disse a Francmédy... tudo o que lhe tinha a dizer. Dou-lhe um doce se o senhor adivinhar o que o malandro me respondeu.

— Que seria?

— "Achas que sempre usurpei a tua vez... ponderou ele — que sempre e em toda a parte te tomei a dianteira... Peço-te desculpa e prometo-te uma compensação: deixar-te morrer antes de mim. Que mais queres?"

REVISTA DA SEMANA

Publicação de arte, literatura e modas — A decana das revistas nacionais
Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e nos Grandes Premios
nas Exposições de Sevilha e Antuérpia em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo
em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples: Um ano — 63\$000; seis meses — 32\$000.
Registrada: Um ano — 80\$000; seis meses — 40\$000.

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — 170\$000; seis meses — 90\$000.

O número avulso custa 1\$500 em qualquer parte do país; o número atrasado: 2\$000.

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Endereço Telegráfico: "Revista" — Rio de Janeiro.
Telefones — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570;
Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602.

Tem agentes em todas as localidades do territorio nacional.

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Koppe & Cia.
Times Bldg., New York City. Na Africa Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal
434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente 1746, Montevideo.

Todos os originaes enviados à REVISTA DA SEMANA devem vir datilografados, e os
trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

ESTE NUMERO CONSTA DE 52 PAGINAS

— Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA. Diretor: Gratuliano Brito —

DE BOM HUMOR...

"Grinalda"...

O nome dele era outro, bem diferente. José, Manoel, Antonio, ou Joaquim... Não me lembro. Só sei é que passou, de certa época em diante, a ser o "Grinalda" *tout court*.

Veio-lhe a alcunha de um episódio comum na vida burocrática. Ainda não disse que o "Grinalda" era funcionario publico; mas agora ficam todos sabendo. O episódio comum foi a morte de um colega...

Como sempre acontece quando o luto invade assim, de repente, uma repartição, os sobreviventes correram de mesa em mesa uma lista e arranjaram uma importância razoável, que daria para uma corôa e um automovel.

Naquele tempo era feio ir alguém a um enterro de roupa de brim, e até mesmo com um terno claro. Era o preto no duro!

"Grinalda" estava naturalmente indicado para ser o representante dos colegas de repartição por um motivo simplissimo: andava sempre de fraque preto. Não era mania: era conveniencia. Porque o fraque indefectivel era o providencial disfarçador dos enormes remendos das calças.

Está tudo explicado.

O homem do fraque botou a mão no dinheiro, recebeu instruções e partiu.

Uma grinalda modesta... Uns dizeres expressivos... "Saudades dos seus colegas..."

O embaixador dos sobreviventes da repartição foi cumprir a missão que lhe confiaram. Mas como? A seco?!... Não! Era preciso molhar a palavra. E molhou, e tornou a molhar... Não era por vicio apenas: era um pouco tambem para afogar a magua da perda do companheiro.

E mais um calice, e mais outro...

Hão de imaginar todos que ele, no fim de contas, com tanta carga de alcool na carcassa, acabou esquecendo-se de comprar a grinalda. Qual esqueceu, qual nada! Comprou, e bem compradinha, regateada, modesta — como lhe haviam dito — uma bruta rodela que parecia uma estranha rosca rôxa.

Não se esqueceu, porém, de continuar a engulir os calices, isto é, o conteúdo deles. Só se esqueceu de que a bebida muito abundante acaba subindo á cabeça e descendo às pernas... E toma mais uma, e toma mais outra!

Acabou tendo a noção exata da maxima que um antigo colega do "ambulante" apregoava aos quatro ventos:

— Desgraçada da humanidade, se a metade não fosse movida a alcool! !

Mas para que havemos de acompanhá-lo na via-sacra por todos os botequins da cidade? Para que?

Basta que saibamos que ele bebeu até não poder mais, até botar pelo ladrão, como dizia um companheiro de repartição.

E na manhã seguinte, à hora do expediente, compareceu à secção, solene, envergando o fraque. Levava, entretanto, a tiracolo, um grosso arame onde ainda se viam resquícios do que fôra a grinalda... E quando os colegas iam interpellá-lo, ele, estendendo os braços, desanimado, perguntou-lhes:

— Mas, afinal de contas, vocês nem me disseram onde era o enterro!

CANDONGAS

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

Funciona até às 7 horas da noite

**DEPOSITOS,
DESCONTOS
CAUÇÕES**

ALFANDEGA, 50

PENSAMENTOS

Tres virtudes conduzem ao cumprimento de nossos deveres: a prudência, que faz discernir o bem do mal; o amor universal, que liga todos os homens entre si; a coragem, que nos dá a força para fazer o bem e fugir do mal.

(Maxima chinesa)

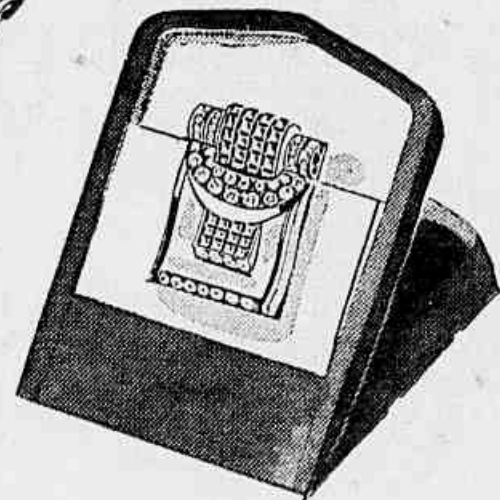
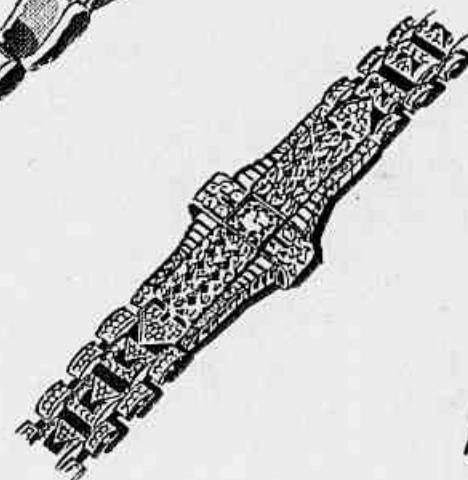
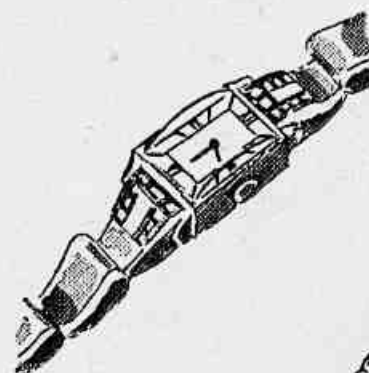
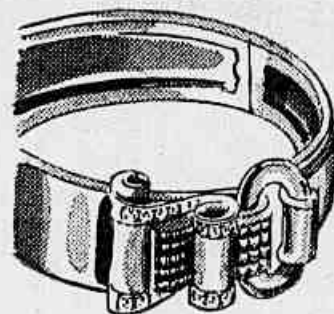
tuem apenas dever de conservação, mas ainda dever de dignidade. A experiencia ensina que a pobreza e a miséria nos colocam na dependência de outrem e que a necessidade conduz á mendicidade. Aquele que sabe equilibrar seus meios de vida assegura-se pois, através o futuro, não só a existência, mas a independência. Privando-se de prazeres fugazes e medíocres, alcança o que vale mais: a dignidade.

A economia e a poupança não consti-

P. Janet.



Jóias cintilantes



NAS noites deslumbrantes de festa, a passeio ou em qualquer reunião social, a joia completa de modo harmonioso, a elegância feminina. Si deseja realçar ainda mais o seu encanto pessoal, procure nas riquíssimas e variadas coleções de Mappin & Webb, a joia que melhor se ajuste à sua personalidade e ao seu temperamento artístico. As jóias de Mappin & Webb, de grande beleza e alta perfeição, são criações exclusivas de artistas de fama mundial.



Sirva-se onde a Casa
Real Inglesa é servida!

MAPPIN & WEBB

RUA DO OUVIDOR, 100 — RIO DE JANEIRO
Londres — Buenos Aires — Johannesburg — Bombay

OUTROS RIRAM...



— Nunca a felicidade lhe bateu á porta?
— Bateu. Mas julguei que era um «cadaver» e dei-lhe com a porta na cara.



— Imagine você: ha mais de um ano que não falo a minha mulher.
— Estão zangados?
— Não, homem! E' porque ela fala o tempo todo!



— Acabam de me pedir a tua mão.
— Mas eu não quero casar. Não me posso separar de mamãe.
— Não seja essa a dúvida! Leva-a contigo!



— Você casou com uma viuva, não? E que faz quando ela lhe fala do primeiro marido?
— Fico com inveja dele!



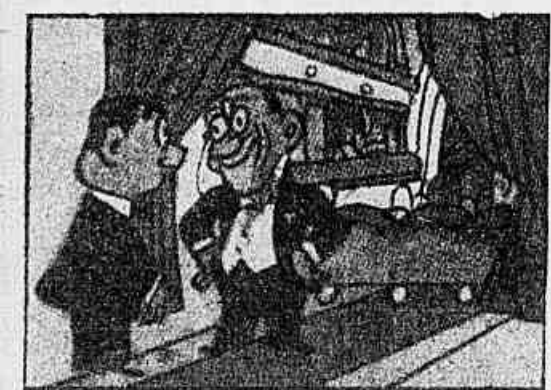
— O senhor entende de canto?
— Não, senhor, mas pode mandar prendê-la sob a minha responsabilidade.



— Venho dizer-lhe, senhor, que resolvi casar com sua filha.
— Bom, mas que tenho eu com isso? A culpa não é minha!



— Coitado! Onde dorme você?
— Em cima deste banco.
— Mas no inverno, com tanto frio?
— No inverno, durmo debaixo.



— Com que então a senhora sua mãe naquela idade não perde um só concerto sinfônico?
— E' verdade. Mas não lhe faz mal nenhum. E' surda como uma porta.



SUA BÔCA ESTÁ LIMPA:
NÃO É APENAS IMPRESSÃO,
É UMA Realidade!

Basta começar a escovar os dentes com o Creme Dental Squibb para sentir logo uma esplêndida sensação que invade todo o meio bucal! O sabor é delicioso — a sua frescura agradabilíssima! A sensação de limpeza dos dentes não é imaginária — é uma realidade. E é um asseio sem prejuízo algum para os dentes, porque o Creme Dental Squibb não contém substâncias raspan-

tes ou adstringentes, nem sabão. Há, neste dentífrico, um eficaz anti-ácido que, ao entrar em contacto com as bactérias na bôca, ajuda a neutralizar a acidez por elas provocada. Passe a usar o Creme Dental Squibb e sinta a diferença! Ajude o seu dentista a proteger os seus dentes (e a saúde) com este valioso complemento dos cuidados profissionais.

Creme Dental SQUIBB

...O DENTÍFRICO ANTI-ÁCIDO

ESCÔVA ANGLE SQUIBB

Cientificamente construída e recurvada da maneira mais adequada para atingir, por igual, os interstícios e as superfícies de todos os dentes.



— Meu marido escreve nos jornais.
— E é uma boa idéia. O papel de carta está tão caro...



— Veja como o Fernandes beija a esposa ao partir para a repartição. Por que não faz você o mesmo?
— Oh! Faria da melhor vontade, se soubesse que o Fernandes não se zangava!



Ela — E' a conta da modista (Pau-sa) Então? Não dizes nada?
Ele — Minha filha... As grandes dores são mudas.



— Reconheço que é uma mulher belíssima. Só não lhe aprecio o nariz.
— Não diga isso! Um nariz perfeito!
— Sim mas que ela tem a mania de meter onde não é chamado.

A SEMANA QUE PASSOU

(DE SEGUNDA A DOMINGO)

Ainda é a guerra o assunto máximo de todas as semanas e em toda parte do mundo. Desde 1939... E já caminhamos para o meio de 1942, sem que seja possível à Humanidade a certeza do grande dia da Paz!

Parece incrível que em pleno século XX as criaturas sejam quase iguais às das éras bárbaras. Há, entretanto, na evolução histórica dos povos uma cousa providencial: o retardamento do progresso. Calculemos os bárbaros de antes de Cristo com o poder, dos ultra-bárbaros de hoje! Que seria do mundo?

Teria há milênios desaparecido, porque, com as armas de hoje, a população da terra se esmagaria mutuamente em vinte e quatro horas.

Debruçados sobre a memória dos homens de genio, só podemos bendizê-los por terem custado a vir... e tivessem vindo antes, os hunos e os vândalos já teriam feito o mundo desaparecer...

A "QUINTA-COLUNA". — A "quinta-coluna", cuja teia misteriosa e extensíssima vem sendo pouco a pouco descoberta e inutilizada na nossa terra, tem dado ensejo a que saibamos de que é capaz o artifício humano a serviço da traição. Os estrangeiros detidos pela polícia só por exceção são o que mostram ser. Há soldados estrangeiros que viram médicos, generais que se tornam donos de pensões, padres que se fazem boticários, almirantes que se transformam em dentistas... Ainda está por terminar a lista infinita desses traídores individuais que, para melhor poderem agir, tomam a profissão que lhes parece mais propícia à execução dos seus intentos.

Agora, por exemplo, andam no Paraná à cata de um alemão que varias vezes foi visto, envergando a roupa de couro dos vaqueiros e cobrindo-se com o capacete dos aviadores, a correr vertiginosamente numa motocicleta pelos arredores de Curitiba.

Dizem que essa criatura pertence, como oficial, ao exército alemão.

E agora? Que "apito" toca ele?

Agora... o homenzinho é apenas frade...

A IMITADORA DE S. JANUARIO. — Notícias de Buenos Aires puseram-nos ao corrente da existência de uma mulher chamada Vitoria — que pelo nome não perca — a qual deitava sangue da testa e dos joelhos, sem mais nem menos. Já não era a primeira vez que a "mística sangrenta" alvorecia a cidade de Juan de Garay.

Movimentaram-se todos, agora, para, compenetrados da teoria de S. Tomé, ver, pois só vendo poderiam acreditar. E era verdade mesmo!

Até religiosos de categoria se imiscuiram com os milhares de pessoas que queriam ver d. Vitoria deitar sangue, não pelo nariz, como qualquer mortal, ou pela boca, como qualquer tuberculoso, mas da testa e dos joelhos, como ninguém até hoje havia feito.

Aí, entretanto, a polícia interveio, espalhou a multidão com gases lacrimogênicos e pediu o auxílio da ciência para constatação do fenômeno.

Resultado: d. Vitoria havia feito, com um instrumento cortante, pequenos cortes na testa e nos joelhos...

E foi assim que d. Vitoria chegou à derrota!

A SEMANA SANTA NO VATICANO. — S. S. o Papa Pio XII participou da liturgia fúnebre levada a efeito na Capela Sixtina na sexta-feira da semana que passou.

O cardinal oficiante descobriu a Sagrada Cruz e pô-la num coxim sobre os degraus do altar. O Papa, então, de pés descalços, foi até ao altar e beijou o crucifixo. E todos os grandes vultos da Igreja imitaram o gesto de Sua Santidade, descalçando-se para a devota cerimônia do beijo.

Trata-se apenas de uma questão de exterioridade; entretanto, os brâmanes, até para entrar nos templos, tiram as sandálias.

Está aí mais uma vaga aproximação entre Cristo e Buda, já relativamente aproximados, um pela negativa e outro pela afirmativa, nas suas máximas que são — para que não repetir o substantivo como adjetivo? — as máximas.

Cristo disse: "Não façais aos outros o que não quiseses que te façam".

E Buda pregou: "Faze aos outros o que quiseses que te façam".

VÃO NADAR... NO INFERNO! — Informam de New York que os estudantes da Universidade de Colgate irão aprender o melhor método de nadar em águas carregadas de petróleo ou infestadas de... tubarões!

Já estão destinados para essa aprendizagem sessenta estudantes.

Não podemos saber qual irá ser o método, porque não temos o dom de adivinhar; mas, francamente, ficaremos ansiosos pela conclusão desse curso de natação. Quantos estudantes chegarão ao fim?

Se forem nadar mesmo entre tubarões, é possível que a turma chegue ao fim reduzida à expressão mais simples...

E se, por um milagre, chegarem todos, sem falta de um só?

Neste caso, teremos de convidá-los para cá. Venham ao Maranhão ensinar o jeito, porque, lá, tubarão "é mato"...

OS VÂNDALOS DOS JARDINS. — A Municipalidade, no afã louvável de embelezar a cidade, plantou há pouco varias palmeiras imperiais na praia do Russell. Sabe-se agora que foram elas inutilizadas por vândalos que às vezes usam colarinho e gravata, por miseráveis que não têm a menor noção dos deveres dos cidadãos educados.

E' lamentável que isso corra por conta dessa entidade de costas largas a que se dá o nome de "povo".

FRAQUEZA CEREBRAL, DISPEPSIA NERVOSA, NEURASTENIA, FALTA DE MEMORIA E PERDA DE APETITE.

Neurobiol
O TONICO DO CEREBRO

A' VENDA EM TODO O BRASIL

Não, não é o povo!

O povo é aquele que ainda irá pegar pela gola os patifes dessa natureza, para, copiando os versos de Junqueiro,

"... estampar-lhe na face os cinco dedos,

Para ver se ainda chega a cor da madrugada!"

E A COMIDA? — Vichy anuncia que foi determinada pelas autoridades francesas a requisição de todos os uten-

sílios de cozinha de cobre, níquel, chumbo, zinco e estanho existentes nas casas particulares, restaurantes e hotéis.

De tudo isso, cinquenta por cento serão fundidos e os outros cinquenta convertidos em sulfato de cobre para os parreirais.

E depois? E a comida, onde é que se fará?

Está parecendo que Vichy deseja que o povo, em vez de comer, beba a sua água maravilhosa... E ainda há um consolo: o povo pode esperar pelo progresso dos parreirais, para então mudar a chapa e beber vinho...

Rigadin.

LIVROS NOVOS

UMA, DUAS ANGOLINHAS... — por Mariza Lira e Leonor Posada.



Um livro de duas educadoras, de nomes, aliás, bastante conhecidos nas letras pátrias. Já seria alguma cousa; mas não é tudo, porque assinam agora uma obra verdadeiramente curiosa.

Uma, duas angolinhas... é um livro de folclore infantil. Mas há mesmo esse folclore?

Havia, e não davamos conta disso, porque ele vivia aqui e ali, no norte e no sul, espalhado pelos lares, pelo recreio dos colégios, por toda parte.

As autoras apresentam uma fazenda que se transforma numa colônia de férias e recebe a creangada alegre. Através dos dias de animação da nova colônia desfilam as sugestivas páginas do folclore infantil. São brinquedos que nós todos conhecemos na infância, acalantos, lendas, credences, um mundo de coisas curiosas, compendiadas agora pela primeira vez e por mãos hábeis.

Nem poderia deixar de ser preciosa essa coletânea, porque a sra. Mariza Lira é uma folclorista apaixonada e competente, especializada no assunto, e a sra. Leonor Posada é escritora e poetisa apreciável.

«Dedo mindinho», «Pampolinha», «Seu lobo», «Amanhã é domingo», «Calunga», «Serra, serrote», «A formiguinha»; as lendas do «Caipora», da «Mãe do ouro», do «Mapiquari», da «Mãe d'agua», e adivinhações e brinquedos que há longos anos alegam o espírito infantil vêm contados singela e atraentemente nas páginas com sugestivas gravuras de «Uma, duas angolinhas...»

O livro das sras. Mariza Lira e Leonor Posada é, sem favor, uma preciosa contribuição para o folclore indígena e se se destina às crianças de hoje, não deixa de ter um gratíssimo sabor para as crianças de ontem.

♦ ♦ ♦

A DERROCADA — romance de Rubem Rocha.

O romance do sr. Rubem Rocha, embora o título seja, em vernáculo, o que é a *débâcle* no francês, nada tem de comum ou de parecido com o famoso livro de Zola, da série de

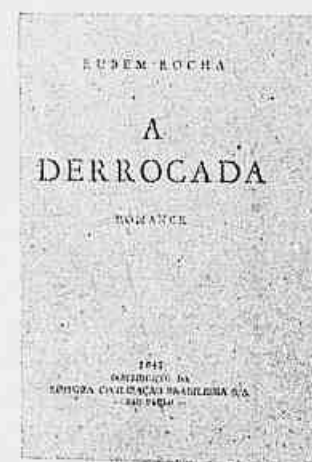
Rougon-Macquart. Em *La Débâcle*, Emile Zola contrapõe à França do segundo Império uma nova França e tem o pretexto natural de pintar quadros da guerra de 1870, em *A Derrocada*, o sr. Rubem Rocha romantiza a crise do café em São Paulo, numa sucessão de páginas que pintam quadros de uma época de desalento.

O nosso romancista conta a história de um moço paulista que herdara do pai uma fazenda de café e que, jovem bacharel sem ca usas e sem grandes recursos de inteligência, se defrontou com a crise da rubiácea, de 1929, com a revolução de 1930 e com a baixa tremenda de 1936.

O bacharel, não podendo mais aguentar a vida na Paulicéa, resolveu ir viver na fazenda. O «Fundão». Mas a fazenda era uma desolação. Carecia de tudo. De trato conveniente, de cercados, de ranchos para os animais. Estes nem sal tinham, havia muito! E onde encontrar dinheiro?

A crise do café fazia-o sentir vãos todos os apelos aos institutos de crédito. Ninguém queria emprestar dinheiro. A colheita foi uma decepção. Tentou alienar a fazenda, premido por mil compromissos, de juros, de hipotecas, de impostos. Nada! E a esposa chegou a confiar nos sonhos e comprar um bilhete inteiro, de loteria de mil contos, com o restinho de economias que possuía.

O fazendeiro já não suportava mais nada. E, alucinado, foge com uma cabocla da fazenda, Na Paulicéa, como último meio de salvar-se, apela para o jogo. O bicho, a roleta, o bacará... Chegou a ganhar e acabou perdendo tudo! Tenta



Bilhete premiado!

JARDIM CARIOCA

Quem COMPRA terreno no JARDIM CARIOCA, compra um BILHETE PREMIADO!

Sim, compra um bilhete premiado, porque, além de concorrer aos **SORTEIOS DE QUITAÇÃO** que a Empresa oferece gratuitamente aos seus prestamistas, compra um imóvel que se valoriza dia a dia, tem o seu capital perfeitamente garantido, quicá triplicado em pouco tempo!

Compre o seu terreno! Forme o seu patrimônio! Aumente o seu pecúlio!

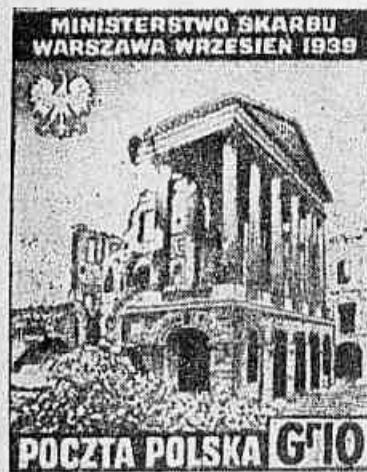
Realizar-se-á no próximo dia 25 outro grande e tradicional **SORTEIO DE QUITAÇÃO!**

Enquanto é tempo, escolha o seu terreno e concorra ao próximo Sorteio!

Solicitem prospectos e informações a **JARDIM CARIOCA**, Av. Rio Branco, 108-6.º andar, fone: 42-3812, e tudo lhes será facilitado.

(Legalizados e inscritos sob n.º 1 no 7.º Of. de Imóveis, conf. Decreto-Lei, n.º 58).

O governo polonês, em Londres, emitiu uma série de selos que oferece aos filatelistas um interesse particular.



Destina-se a referida série, composta de oito selos, à correspondência postal transportada pelos navios poloneses que, distantes de suas bases, percorrem os mares, afirmando a soberania polonesa perante o mundo.



A emissão desses selos foi feita conforme as estipulações da Convenção Internacional Postal de Berna, e representa um caso raro da aplicação prática da referida Convenção. Na história da filatelia há poucos exemplos da edição dos selos em apreço, bastando lembrar a posta europeia que funcionava na China como também na Turquia, gravando nos selos emitidos na Europa a



RARIDADES FILATELISTICAS POLONESAS

sobrecarga "Levante" tão procurada pelos colecionadores.

O valor filatelístico dos selos poloneses é realçado pelo fato de serem editados em plena guerra, em circunstâncias excepcionais.

Os selos representam a história do heroísmo polonês nesta peleja. Um deles evoca as ruínas do Palácio Real, em Varsóvia, vendo-se no centro a celebre coluna do monumento do Rei da Polónia, Sigismundo. Um outro, a destruição do Ministério das Finanças e o palácio da Embaixada Americana, em



ruínas, também em Varsóvia. Os demais mostram: o famoso submarino "Aguiá", cujas façanhas são conhecidas em todo o mundo; a "Esquadriha 303", que abateu mais de 450 aviões alemães e, finalmente, as colunas mecanizadas do exército polonês.

De futuro, não só os filatelistas, como também os historiadores encontrarão, nessa edição de selos poloneses, uma parcela do formidável documento da barbárie, com que está sendo conduzida a guerra pelos alemães.



CASPA!
CABELOS BRANCOS

use **LOÇÃO XAMBÚ**

CABELOS BRANCOS OU GRISALHOS
VOLTAM A SUA COR NATURAL
ELIMINA A CASPA - ÊXITO GARANTIDO

INF. E PEDIDOS — RUA SOUZA DANTAS, 23 — RIO

vivo, atraente, com todo o colorido de uma época que fez o desespero dos produtores de café e a opulência dos agiotas. O seu estilo é leve, rápido, incisivo; daí todo o agrado que «A Derrocada» desperta.

O NACIONALISMO DE CASTRO ALVES — por Mercedes Dantas.

Castro Alves continua a ser um soberbo tema para os estudiosos e para os exaltadores dos valores pátrios. Afóra Afranio Peixoto que, pelo vulto da obra, é o mais notável dos analistas de Castro Alves, citam-se autores vários que, no livro, na crônica da imprensa, tem dedicado o pensamento à figura singular do altíssimo poeta bahiano.

A sra. Mercedes Dantas aparece como um dos mais destacados comentadores do gênio d'«Os Escravos» e das «Espumas Flutuantes», em virtude da verdadeira paixão com que se tem debruçado sobre a obra e a vida do Poeta. A acentuada aproximação da escritora à veneranda sra. Adelaide de Castro Alves Guimarães, irmã do propagandista iluminado de «Vozes d'Africa» e «Navio Negreiro» — recentemente falecida — foi-lhe útil ao idealismo de fazer um juízo pessoal sobre Castro Alves. Suas mãos tiveram a fortuna de tocar originais do Poeta — poesia e desenhos —; seus olhos viveram o deslumbramento espiritual de interpretar a letra do creador de idéas e belezas, e os seus ouvidos aprenderam, através de relatos insuspeitos, páginas curiosas da vida brevíssima do que iria ter a vida inacabável dos imortais. Por isso, a escritora pôde firmar-se sobre bases seguríssimas e julgar.

No seu julgamento, a sra. Mercedes Dantas pôde pisar terreno firme. E fê-lo com carinho e entusiasmo justificados, realizando um magnífico estudo do Poeta. Embora várias passagens da existência de Castro Alves perpassem através das páginas do seu livro, a escritora não teve por objetivo biografar o grande vate. Encarou-o, perscrutou-o, analisou-o de um ponto de vista que, afinal, se resolve numa síntese completa da razão de ser da poesia de Castro Alves: o nacionalismo.

Desdobrando aos olhos dos leitores capítulos vários, a sra. Mercedes Dantas fere em todos eles, com sonoridades diferentes, a mesma tecla: a exaltação da personalidade brasileiríssima do Poeta, cantando a paisagem, profligando os erros políticos, anunciando

suicidar-se, mas houve mãos humanitárias que o arrancam da águas do Tietê. Já havia abandonado a cabocla e é num leito da Santa Casa que vai passar dias desacordado. E é aí que o vai procurar a esposa a quem a sorte favorecera com mil contos do bilhete que o sonho a fizesse comprar.

O sr. Rubem Rocha deu ao entrecio o mínimo possível e consagrou o máximo à análise do problema do café, extravasando idéias interessantes e conceitos curiosos. Realizou um romance

fosse a sua habilidade de escrever na língua inglesa, e o esplêndido filósofo chinês seria quase inteiramente ignorado, circulando apenas entre os decifreadores dos inúmeros e estranhos caracteres da sua língua materna. Mas tem, por aquele motivo, circulação universal. Profundo e leve ao mesmo tempo, severo e humorista, suavíssimo e inflamado, Lin Yutang fez de cada um dos seus livros um degrau, e hoje sobe, aureolado, pelo edifício literário que vem construindo através dos tempos com uma arquitetura personalíssima e encantadora.

O original inglês do livro que aqui tratamos — «With Love and Irony» — foi habilmente traduzido pelo nosso patricio Carlos Domingues, vitorioso tradutor de autores e obras outras, como, por exemplo, o «Danton» de Hermann Wendel.

«Com Amor e Ironia» é um título feliz. Feliz e justo. O amável filósofo chinês reúne nas suas páginas assuntos vários, e se vibra o seu amor na ternura com que pinta paisagens e costumes chineses, espelha a jovialidade da sua ironia quando analisa problemas graves do mundo atual.

Uma rápida transcrição de um paralelo entre a Inglaterra e a China dará aos que nunca leram Lin Yutang uma idéia do feito literário do notável escritor:

«A grande diferença entre a Inglaterra e a China é que há mais virilidade na cultura inglesa e mais astúcia feminina na cultura chinesa. A China faria bem em aprender um pouco de virilidade com a Inglaterra, e a Inglaterra faria bem em aprender com os chineses mais moderação e a suave compreensão da vida e a arte de viver. A verdadeira prova de uma civilização não consiste em mostrar como podeis conquistar e matar, mas como podeis conseguir da vida o maior estimulante; e quanto a essas humildes artes da paz, tais como dar de comer aos pássaros, cultivar orquídeas, cozinhar cogumelos e ser feliz num ambiente simples, o Ocidente tem ainda muito que aprender com a China.»

«Com Amor e Ironia» é um livro originalíssimo em que há conceitos que, por vezes, aturdem, mas onde sempre esvoaça, modernizado, o sorriso de Voltaire. O. T.



SE USA DENTADURA
liberte-se do COMPLEXO DE INFERIORIDADE!

Quem usa dentes postiços, pensa que todo o mundo o nota. Mas só as dentaduras mal cuidadas chamam atenção pelo aspecto e mau hálito. Se usar dentadura em perfeito estado de limpeza, nada tem a recear. Use o Pó Hamilton e evite quebrar ou desgastar a dentadura com a escova, prejudicando a sua perfeita adaptação. Pó Hamilton é seguro. Não contém ácidos nem substâncias abrasivas. Uma solução de Pó Hamilton, durante 15 minutos ou enquanto dorme, assegura seu bem-estar.

PÓ HAMILTON

Em todas as farmácias, drogarias, perfumarias e depósitos dentários. — Distribuidor: PROFAR LTDA. - Rio - Caixa Postal, 61 — Preço pelo Correio: 13\$000.



NÃO ESCOVE SUA DENTADURA!
ESTERILIZE-A!




SEUS MOVEIS FICAM mais bellos

usando **OLEO DE PEROBA**

novos horizontes sociais, sempre com a inequívoca preocupação nacionalista.

A sra. Mercedes Dantas trouxe, com o seu livro esplêndido, uma nova contribuição para o monumento que, através dos anos, o orgulho nacional vem erguendo a uma das mais fascinantes figuras do mundo espiritual do Brasil.

COM AMOR E IRONIA
— de Lin Yutang.



Lin Yutang é um nome conhecido mundialmente. Não

AGUARDEM

Em Maio proximo o numero especial de aniversario da

REVISTA DA SEMANA

PERFUMES TIRADOS DE FLORES, FOLHAS, MADEIRAS, RAIZES E RESINAS

A **Ambrette**, perfume que se assemelha ao do ambar, é tirado de uma planta cultivada na Índia francesa, da família dos hibiscos. A ambrette é uma herbácea de um metro de altura com grandes flores cor de ouro com centro de púrpura. Sua fruta capsular contém numerosos sementes cinzentas, de onde é extraído o perfume.

O **Ylang-Ylang** é tirado das flores da Canaga odorata, da família das Anonáceas, árvores cultivadas na Índia-China e em Madagascar.

O **Patchouli** é tirado das folhas do Patchouli, da família das labiadas.

O **Bois de Rose** é uma essência tirada da madeira da Licaria Guianense, da família das Laureáceas. Uma outra árvore que fornece um perfume com cheiro de rosa é a Linaloe do México (Bursera delpechiana).

O **Sândalo**, perfume da madeira do sândalo (santalum album) que cresce na Ásia oriental, na Índia-China e na Malásia.

Conforme a essência é tirada da parte exterior ou do cerne do tronco, o perfume é chamado «sândalo branco» ou «sândalo citrino». A madeira do sândalo é queimada nos templos do Extremo-Oriente impregnando-os do seu perfume no qual a rosa e o almíscar parecem misturar-se.

O **Vitiver** (andropogon muricatus) é o nosso capim cheiroso, tirado das raízes desta graminea.

O **Benjoim** é tirado de uma resina fornecida pelo Styrax benzoin, pequena árvore que cresce na Índia-China, Sumatra, etc. O tronco da árvore é golpeado para sair a resina.

O **Incenso** e a **Mirra** são produzidos por árvores da família das curculáceas. A boswellia carteri da Arábia é a que dá o melhor incenso. Sob forma de lágrimas brancas o incenso corre dos golpes dados no tronco da árvore. O que chamam incenso castanho é a resina colhida no chão, suja pela terra, é de menos valor.

ILHAS DE GUANABARA

Quantas ilhas ha nas aguas atlânticas banhando o Rio de Janeiro e Niterói? Para não poucos só duas: Governador e Paquetá. Isso por uma série de razões das quaes principal a habitação naquelas ilhas de duas especies de população, a fixa e a de verão.

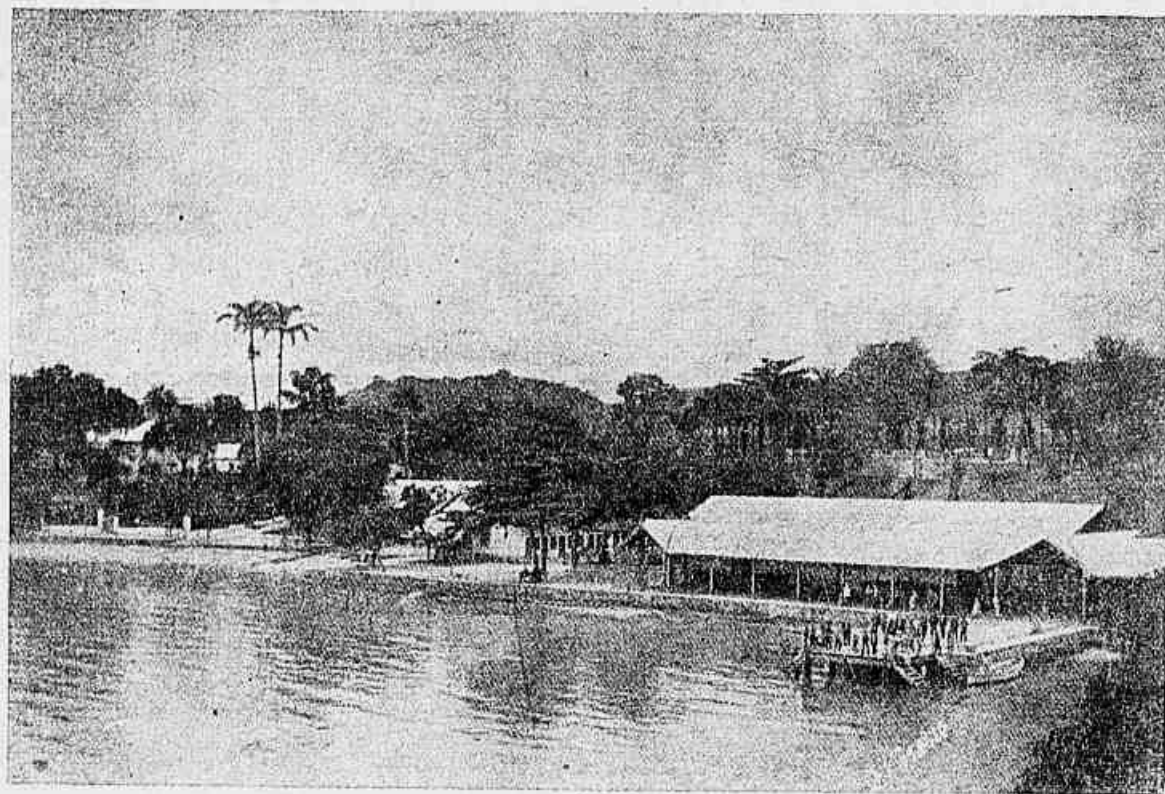
Reconheçam-se os prestimos de Governador e Paquetá sem desconhecer o elevado numero de ilhas da barra guanabarina para dentro. A maior parte pertence ao Distrito Federal, desde Municipio Neutro com honras de Estado. Nas pessoas como nas cousas o tamanho diminuto não exclue valor grande.

Consideradas por varios poetas e prosadores, as ilhas cariocas e fluminenses não escapam ao exame dos autores de corografias. Muito proximas do Rio e de Niterói, Governador e Paquetá são verdadeiros suburbios maritimos do Distrito Federal e da antiga Praia Grande. Ligar aquelas ilhas ao continente ou entre si é desideratum do péga larga, principia e não acaba tão de projetos nossos.

Muita gente ignora e quer continuar a ignorar a origem do nome da ilha do Governador. A insciencia tem suas delicias. Tendo recebido denominações indigenas ou pitorescas, Parapuan e Sete Engenheiros por exemplo, ficou a ilha com o nome de um seu dono, Salvador Corrêa de Sá e Benevides, o Velho, governador do Rio de Janeiro, nomeado ao tempo da sujeição de Portugal á Espanha. Mandou Felipe IV que Salvador permanecesse tres anos no cargo e nele mais tres anos «se no primeiro trienio se comportasse como devia» convido registrar tão prudente recomendação hoje obsoleta.

Corrêa e Benevides comprou a ilha que lhe perpetuaria lembrança, ainda que só por cargo exercido, a uma D. Barbara de Castilho, viuva de Aires Maldonado. Na época o matrimonio não obrigava a mulher a adicionar ao proprio o apelido do conjuge.

O adquirente Benevides deu duzentos mil réis por uma ilha comprida de treze quilometros, larga de quasi seis por quarenta de circumferencia. Não venha agua na boca, nem inveja á alma de quantos caçam transações, anciosos por negocios da China, como diz o povo, sem explicar porque hão de ser só realizados no ex-Celeste Imperio, agora nem uma cousa nem outra.



Ilha das flores.

Paquetá dista pouco de Governador. Seus aspectos paisagistas, os costumes dos seus pescadores são conhecidos do publico frequentador de exposições de arte pelas consagradas telas de Pedro Bruno, natural, morador inamovível de Paquetá e seu defensor entusiasta.

Governador e Paquetá foram alvo da atenção ou apreço de senhores de alto coturno. Aqui estão dous: D. João VI e Maximiliano d'Austria. O Bragança e o Habsburgo irmanaram-se no enlevo pela nossa flôra, ambos tão habituados á flora oposta da Europa, ambos de vida mais aventureira que venturosa.

Na ilha do Governador D. João VI, quando sobretudo Principe Regente, passou temporadas. No sitio estabeleceu tapada para caça, a recordar-lhe a outra anexa ao palacio de Mafra tão de flanco á basilica de D. João V.

Em Governador, num convento beneditino, D. João VI chegou-se a Deus e á sua justiça, apelando para ela no repouso das trapaças dos homens. A oração é meio ótimo de esquecer umas e outros.

Paquetá também mereceu simpatia e presença de D. João VI, que na ilha não se entregou a praticas cinegeticas, tão do gosto da gente de linhagem ou realza. Os unicos ruidos mais fortes aos ouvidos do principe foram o bater das resacas ou o trom dos canhões para salva na chegada ou partida do hospede régio.

Util monografia do professor Pereira da Silva informa que na casa das audiencias do palacete habitado por D. João VI ainda — e esse ainda é bem expressivo — uma cama de jacarandá de grande espaldar, forrado de seda carmesim, com escada e armação para cortinado. Augusto Severo, veranista em Paquetá, adquirio o movel. Para onde voou á hora da morte do aeronauta?

Em coluna no portão do palacete de D. João VI, a Comissão da Festa da Arvore apoz placa de mármore na qual se lê: Nesta casa hospedou-se o Principe Regente D. João 1808-1817.

D. Pedro I visitou igualmente Paquetá, alojando-se em casa na praia Grossa. Casa abarracada, de colunas, adianta Pereira da Silva, foi oferecida pelo dono a D. Pedro I, e este declinou da oferta. Que imperador ingenuo! dirão muitos de hoje. Fiquem apenas no qualificativo de ingenuo.

Habitante de Paquetá, em dias de grato socego ou de amargor politico, José Bonifacio tem lembrança vivaz em Paquetá, onde a casa do Andrada na praia da Guarda devia pertencer a patrimonio historico nacional.

Evaristo conheceu Paquetá, Macedo com A Moreninha sagrou a ilha no romance patrio, em obra adequada a época na qual familia, civilidade, classes sociais separadas tinham plena significação.

Viajante ilustre, avido de vêr globo, Maximiliano d'Austria passou pelo Brasil, pelo Rio de Janeiro, por Paquetá. Percorreu o arquiduque a ilha toda, gabando-a sobremaneira. Segundo Pereira da Silva entrou em casa da familia Araujo. Hospitaleira, esta ofereceu ao inesperado visitante, que não disse quem era, uma chicara de café, do colhido na chacara e preparado em saco, á nossa moda.

Maximiliano saboreou o café e ao retirar-se, agradecendo acolhimento, entregou cartão de visita que lhe descobria a jerarquia. Durante muito tempo a chicara em que Maximiliano bebera foi conservada como lembrança de familia.

Bem podia Paquetá memorar o malogrado imperador do Mexico, que soube morrer com honra para sua raça. Uma lembrança qualquer, pequena que seja, é devida a Maximiliano por Paquetá. Correspondendo a falsidades historicas ou exaltando heroes de convenção os grandes monumentos não raro são de ironia.

Mas não há só Governador e Paquetá nas aguas de Guanabara, recentemente anunciada a venda da ilha d'Água, denominação singular á primeira vista tratando-se de porção de terra cercada de mar por todos os lados.

Provém o nome da ilha da existencia nela de nascente de agua potavel apreciada por promotores e convidados de passeios maritimos, a nascente protegida por basto arvoredor sob o qual muita festa campestre tem desdobrado toalha para comes e bebes antes ou depois de danças.

Na ilha d'Água empenharam-se em duelo, sem maior consequencia, Ferreira de Araujo, redator-chefe da *Gazeta de Notícias* e o visconde de S. Salvador de Mattosinhos, proprietario e diretor de *O Paiz*.

Ilha d'Água é nome pitoresco, ofidico o da ilha das Cobras, antes de Madeira. No seculo XVI vendeu-a João Guterre a frei Pedro Ferraz, que a comprou por quinze mil e trescentos réis, talvez achando caro.

Envolvida em sucessos de nossa historia, a ilha das Cobras, pela posição estrategica por sua serventia naval, recomenda-se á utilidade publica e fere a vista de quem chega ao cães Pharoux.

Historica ficou a antiga ilha dos Ratos, depois Fiscal, pelo descrito e redescrito baile que precedeu de poucos dias a queda de uma monarquia de sessenta e sete anos.

Ligada mais tarde ao continente, a ilha dá sede á Diretoria de Navegação do ministerio da Marinha, diretoria á qual votou serviços relevantes o almirante Tacito dos Reis Moraes Rego, tão inopinada quão prematuramente falecido, desfalcando o precioso quadro dos homens de bem.

A' marinha nacional, por muito tempo, servio a ilha das Enxadas onde a Escola Naval de ilustres directores, um dos quais Saldanha da Gama, primeiro entre pares, teve vida e morte para exemplo do que é Fortuna.

Historica se sabe a ilha de Villegaignon, este o corsario latinista. Dominava outrora a ilha o morro das Palmeiras afinal arrasado. E' nos agradável arrasado. Duas palmeiras ficaram na ilha entregando á calma ou ao sopro dos vento penacho de corôa a longo fuste. Aquelas palmeiras tiveram nota durante os combates travados entre a artilharia da ilha e a fortaleza da barra na revolta naval de 1893-1894.

De paz, por industrial, é a ilha do Vianna. Nas suas aguas se afogou, em 1837, o conde de Gestas, por algum tempo representando a França junto ao Brasil. O conde morreu ao prestar socorro a um escravo doente de quem nada podia esperar. O coração de alguns sabe ser fidalgo.

Durante certo tempo a ilha do Vianna foi conhecida por ilha do Moinho nela posto um moinho de vento, dando a paisagem tropical longes de cenario holandês.

A ilha do Bom Jesus, primeiro da Caqueirada, depois de ter pertencido a franciscanos, passou a sede ao Asilo do Invalidos da Patria, abrigo de inutilizados pelo serviço das armas a gastar moços e velhos.

Ao sul do Bom Jesus, ainda dos lados do Cajú, demora a ilha da Sapucaia, deposito do lixo e da triagem do que nela diariamente vasa o Rio de Janeiro, nas sujidades de suas vias publicas e suas casas.

Apague-se a util, povoada mas imperfumosa lembrança da Sapucaia e para satisfação de gastrônomos seja recordada a ilha dos Melões, fruto apreciado nas mesas de papafina, dos que já obtiveram aquilo com que se compra os melões.

A ilha deles já desapareceu, por aterro, restam as frutas de amarelado ou esverdeado aspecto e doce polpa.

Governador e Paquetá são ilhas rainhas na Guanabara. Formam-lhes côrte numerosas ilhotas e pedras circumvisinhas. Figura na côrte a ilha do Rijo onde o astrônomo Liais desejava o nosso Observatorio Astronomico quando o transferissem do morro do Castelo de tão inaciana memoria.

Em *Corografia do Distrito Federal*, valorizada por minucioso mapa do provecto Olavo Freire, Noronha Santos informa que cento e treze são ao todo as ilhas da Guanabara, pertencendo a grande maioria das mesmas ao Distrito Federal.

Atenta a copia insular claro está que as presentes linhas só devem apresentar algumas ilhas. Os interessados pelo Rio de Janeiro procurem saber onde ficam as demais, a nôr parte sem superficie avaliada, até surgir uma hora não marcada pelos ponteiros do relógio, mas apontada pelo linguajar carioca, a fatidica hora H.

Na riqueza insular de Guanabara cabe quinhão ao Estado do Rio de Janeiro representado por Niterói. Ficam fronteiras a esta cidade as Mocangues, exigindo plural, uma Mocanguê Grande, a outra Mocanguê Pequeno. Estiveram em evidencia no correr da revolta de 1893-1894, como em evidencia, por admiravel miradouro do porto, está a ilha da Boa Viagem. Aquele porto Mawe o considerou cavado pela natureza para formar o elo de união do comercio de todas as grandes Nações do globo. Esse pouco!

De face para o morro niteroiense das Neves, encontra-se a ilha das Flores. Nela o senador Silveira da Motta, nome a lembrar quando se trata de piscicultura nacional, tentou criação de peixes, em grande escala, sem lograr exito.

Localizou-se depois na ilha a Hospedaria de Imigrantes, primeiro tétó de quantos deixando a terra natal buscam a nossa para lhe se: em uteis ou indesejáveis. Muitos agora estão recolhidos á ilha das Flores porque nos espinham. Obrigam quem fôr culto a reler expressiva fabula de La Fontaine — *Le Villageois et la Couleuvre*, apologo na qual o fabulista, inspirado em Esopo e Phedro, mostra o perigo do desentorpecimento de ofidios enregelados.

Escragnolle Doria

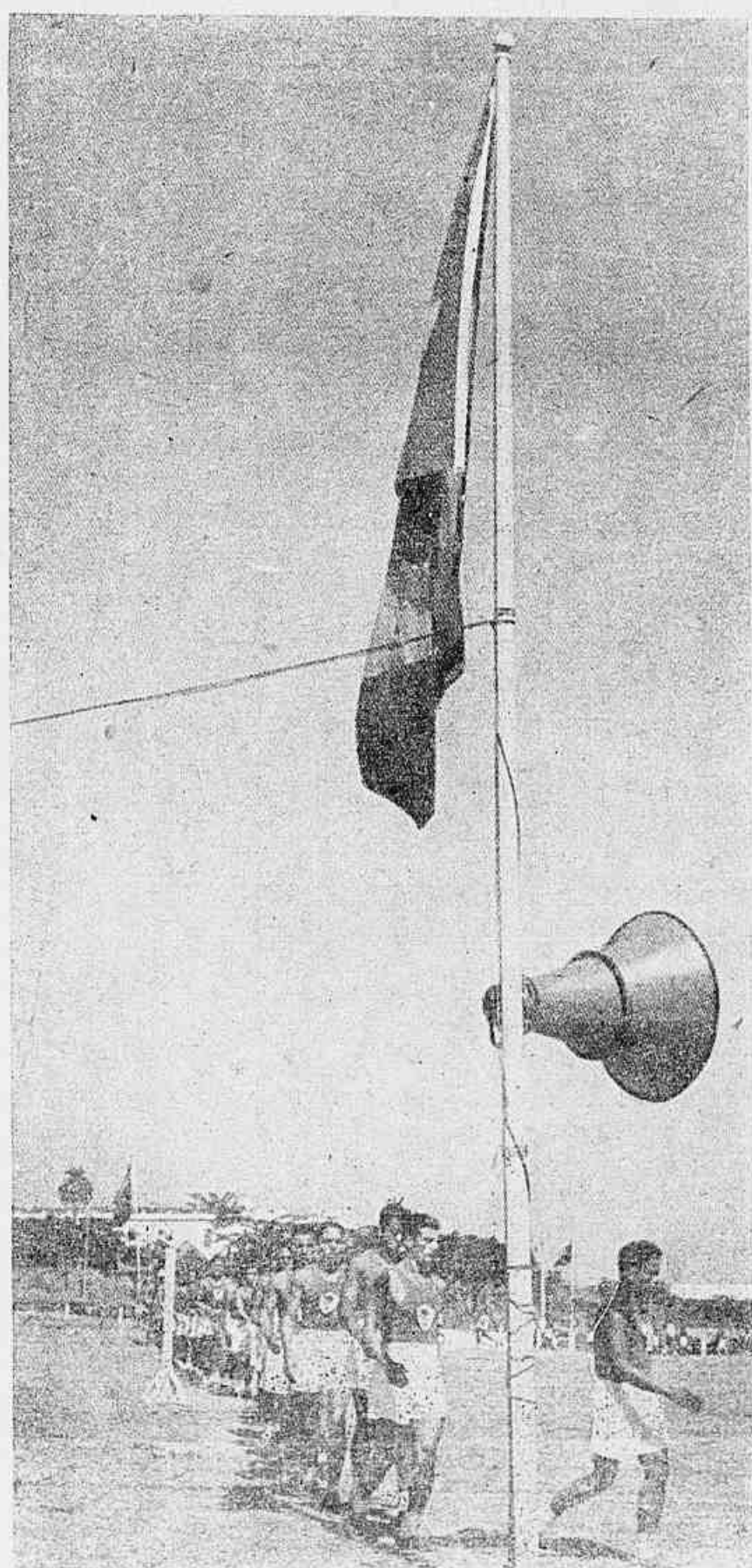
O 10.^o aniversario do Grupo Escola Vila Militar



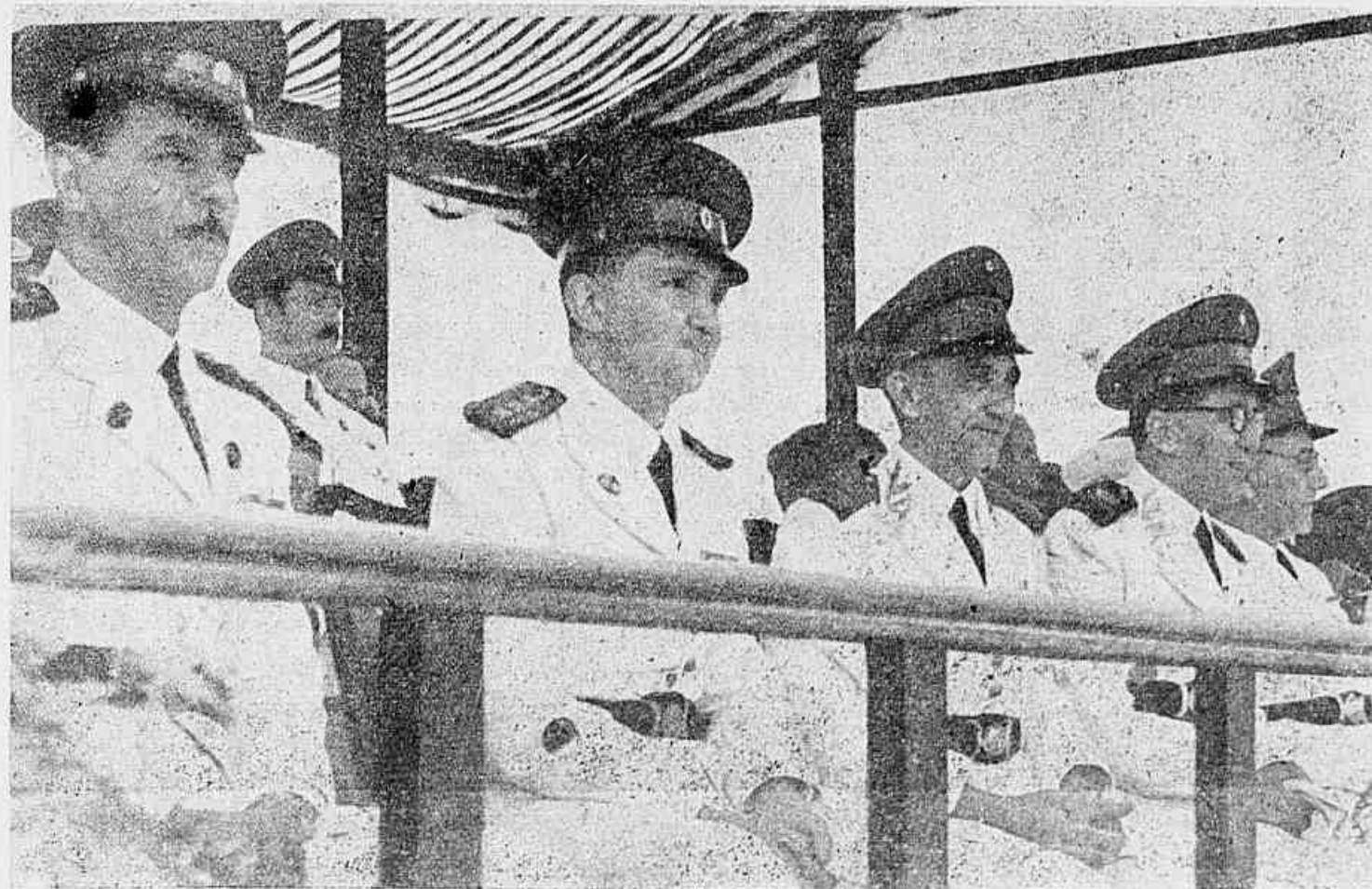
Prova de Hipismo.



Educação Física pelos soldados do Grupo Escola.

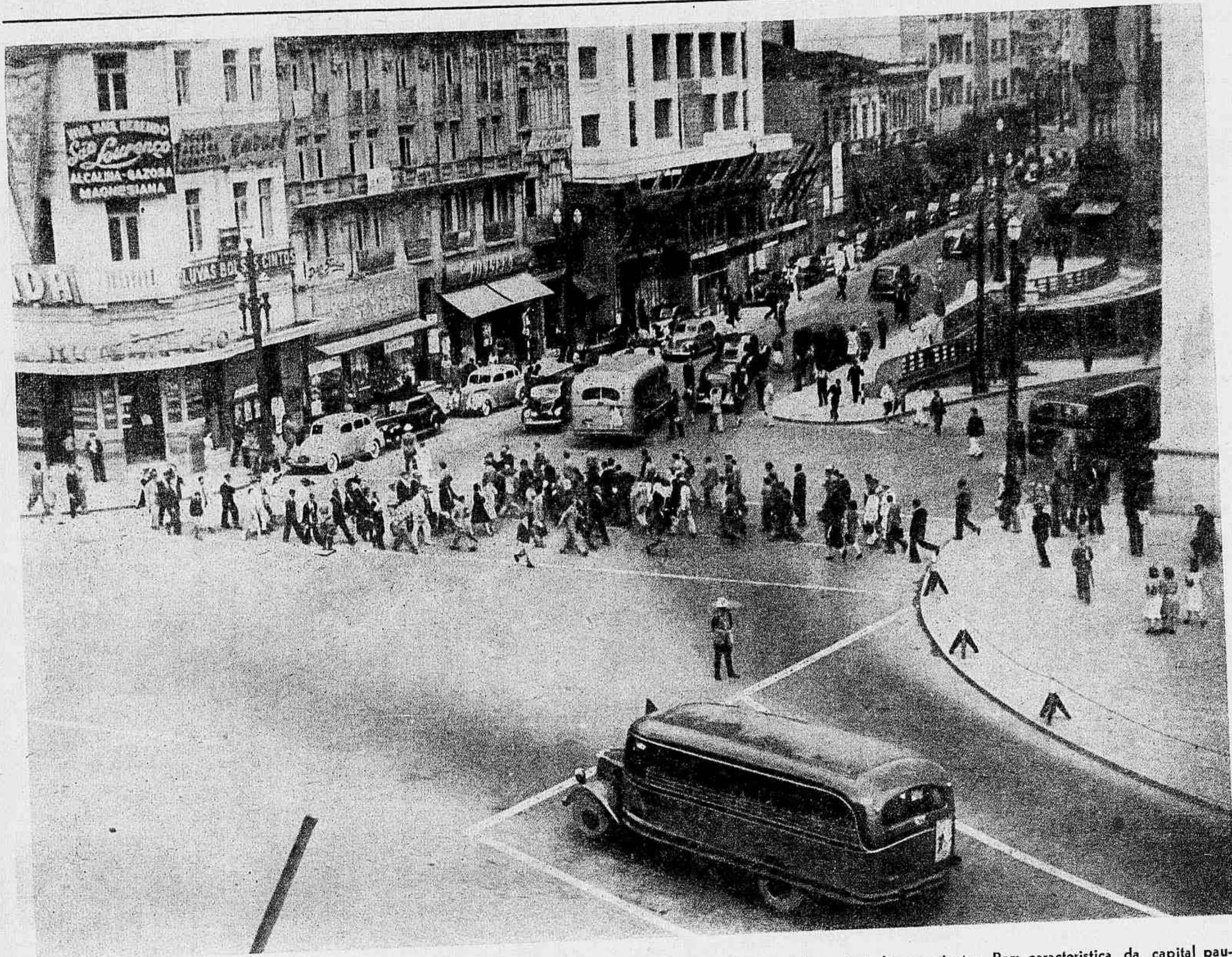


Inicio das provas de Educação Física.



Da esquerda para a direita: coronel Alvaro Assunção, comandante do 1.^o R.I.; coronel Alcio Souto, comandante da Escola Militar; general Heltor Borges, comandante da 1.^a Brigada de Infantaria; general Cesar Obino, comandante da 1.^a Brigada de Artilharia, e general Souza Docca, diretor de Fundos do Exército.

DE SÃO PAULO



AGORA É A SUA VEZ, PEDESTRE — PODE PASSAR, MAS CONSERVE A DIREITA! — É a cantilena de todos os minutos. Bem característica da capital paulista é a obediência às leis do tráfego. Há mesmo uma perfeita identidade do pedestre com as restrições disciplinares. Quando um "avança o sinal" vê que é carioca, rebelde e irreverente. É que em S. Paulo, com o centro comercial comprimido numa área pouco extensa, o problema assume a gravidade da falta de whisky no inverno londrino... Este instantâneo do praça do Patriarca dá uma idéia.

Cronica de duas cidades

De ADEMAR NOBREGA

Isto não é absolutamente um assunto novo.

Muita pena já correu sobre o papel em função de cronista para fixar características da metropole brasileira e da capital bandeirante. E desse proposito têm saído paginas lapidarias para a literatura jornalística.

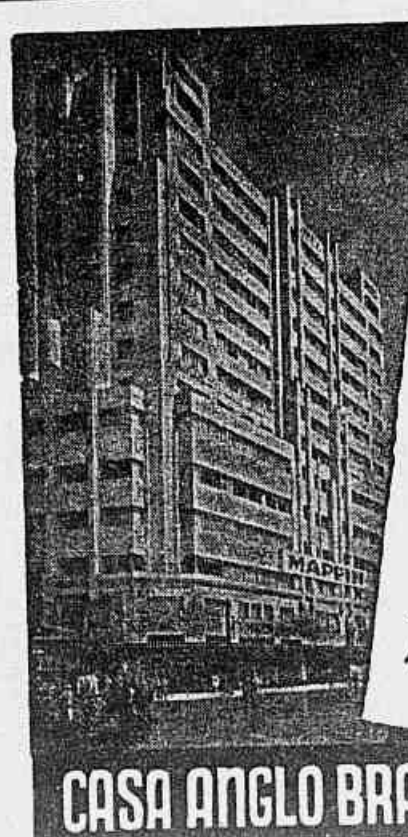
Mas há um ponto de vista pre-existente para todos os que se ocupam do assunto. É um tabú, um preconceito de observação, opor eternamente o Rio a S. Paulo, definindo-lhes como antagonicos todos os seus aspectos característicos.

Para a nossa literatura de revistas, S. Paulo tem sido sempre a cidade exclusivamente industrial, uma especie de Manchester, Hamburgo ou Liverpool, onde todas as atividades seriam subordinadas à conjugação dos verbos *fazer* e *vender*. O lado *bom* da vida o bandeirante não levaria em consideração. Não faria no *Diario* de sua existencia nenhum *lançamento* onde o prazer fosse um amavel *devedor*.

Por outro lado (e isso é verdade, de fato) o Rio não deixa de ser a *cidade-soriso*, a *cidade-mulher*, a cidade que os morros encantam com a poesia da sua miseria e onde as privações daquela inesquecível "Amelia" constituem motivo para samba de Carnaval.

"...A's vezes passava fome ao meu lado
E achava bonito não ter o que comer."

Não resta duvida que o paulista não vai com esse "modus vivendi". Isso é peculiaridade do carioca, vassallo do prazer.



Quando fôr a São Paulo

... não deixe V.S. de incluir em seu programma de passeios ou digressões uma visita aos

Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil

★

• Restaurante • Salão de Chá • American Bar (4a. sobreloja)

CASA ANGLO BRASILEIRA

Successora de MAPPIN STORES 9 RUA DE AZEVEDO, S. PAULO



COPACABANA! Qualquer legenda é supérflua. Só a imaginação fértil pode conceber o encanto desse colar que deram de presente ao Rio de Janeiro.

Mas daí a considerar diametralmente opostas as duas capitais ha muita distancia, implica num eclipse de observação.

Vejam, senhores, como se parecem as genuinamente cariocas ruas do Ouvidor e Gonçalves Dias e as ruas Direita e de S. Bento na metropole do café. Com um pouco de liberdade, dir-se-iam quatro irmãs que se separaram e foram morar, duas na vila de S. Sebastião e duas em Piratininga. Em todas elas pode-se vêr, à tarde, um espetáculo empolgante na pressa dos homens de negocio e no encanto agressivo dessas lindas meninas que, sob o inocente pretexto de "ir ao comercio", vão assinar o ponto na feira da vaidade.

"Vanitas vanitatum..."

Que se apele para o deslumbramento de Copacabana à tarde ou à noite, como recurso privilegiado de encantamento. E', sem duvida, um motivo de orgulho para o carioca.

Mas a Paulicéia tem um sucedaneo de Copacabana. Se bem que lhe falte o espetáculo do oceano, a visão panoramica que se descortina da avenida Paulista é maravilhosa.

E ali no Trianon, no melhor trecho da luxuosa arteria bandeirante, tambem se passeia despreocupadamente, futilmente e deliciosamente como em Copacabana.

Domingo à noite. S. Paulo cumpriu o seu dever, trabalhando pelo progresso da terra, durante a semana inteira. Da segunda ao sabado, os dias foram-lhe uma sucessão interminavel de ofertas e procuras de debitos e creditos, de vantagens e insucessos. Enfim, ele viveu mergulhado numa verdadeira consciencia mercantil e seus minutos foram contados pelas cifras dos lucros e perdas. E agora, ele está ali, no Trianon, folgado como um bom carioca, cedendo às sugestões humanas que não pertencem ao programa da corretagem do café nem da Bolsa de Titulos e Valores.

E ali o leitor poderá vêr mulheres tão belas que a gente se esquece do orçamento de um milhão de contos e daquela legenda que retrata o orgulho bandeirante:

"São Paulo é o maior parque industrial da America Latina."



INSTITUTO ROENTGEN

Radioterapia superficial e profunda

DRS. ALVARO FORTES-FERNANDO AZZI.

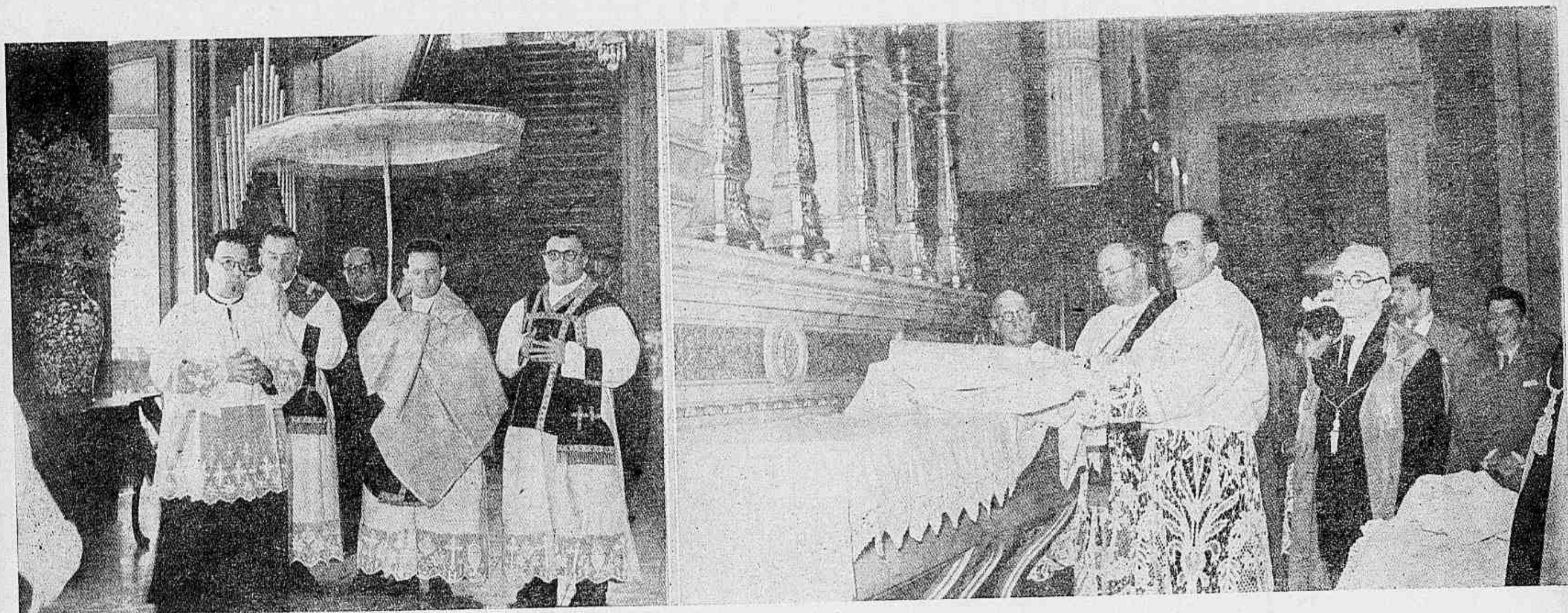
Rua Barão de Itapetininga, 139

Salas 10, 11, 12 e 14 -- Tel. 4-0394

— SÃO PAULO —

ESTA É A TAL — A rua Direita, de S. Paulo, que não teme um confronto com a do Ouvidor e a Gonçalves Dias, no Rio. A' tarde, parece um formigueiro. E curioso é que as suas formigas ferrom nos olhos e o efeito é no coração. Veja, leitor, se isso não é mais bonito do que uma parada militar na Unter den Linden...

A Semana Santa no Rio



A' esquerda: a exposição do Santíssimo; á direita, a desnudação dos altares — na quinta-feira de Endoenças, na igreja de S. Francisco de Paula.



Dois aspectos colhidos na capela da Santa Casa de Misericórdia ao realizar-se na quinta-feira santa a cerimônia do lava-pés.]



S. Em. o cardeal d. Sebastião Leme — tendo ao lado S. Ex. o bispo d. Benedito — na adoração do Senhor Morto, na igreja de S. Francisco de Paula, e um aspecto da tradicional procissão do Senhor Morto, na sexta-feira da Paixão, imponente préstito que saiu da Catedral Metropolitana e se recolheu á igreja de S. Francisco de Paula.



Dois flagrantes colhidos no sábado de Aleluia na igreja de S. Francisco de Paula, á esquerda, a Benção do Fogo Novo, á direita, a Benção do Círio Pascal.

As solenidades da Semana Santa tiveram no Rio o costumeiro esplendor em inúmeros templos da cidade. Avultaram, entretanto, as que se realizaram na tradicional igreja de S. Francisco de Paula, com o seguinte programa:

No Domingo de Ramos — benção e distribuição de palmas e pequena procissão de Ramos até às escadarias do templo, pela manhã, e à tarde a Procissão do Encontro. Na Quarta-feira de Trevas — ofício de Trevas e lamentações. Na Quinta-feira de

Endoenças — exposição do Santíssimo e desnudação dos altares, pela manhã, e à tarde a cerimônia do Lava-pés. Na Sexta-feira da Paixão — Missa dos Pressantificados, adoração da Cruz, procissão interna e Reposição do S. S. Sacramento, pela manhã, e à tarde e à noite Sermão das Sete Palavras, Descida da Cruz e Procissão do Senhor Morto. No Sábado de Aleluia — as bênçãos do Fogo Novo e do Círio Pascal. No Domingo de Páscoa — Matinas e Laudes cantadas e Procissão do Senhor Ressuscitado.



A Procissão do Senhor Ressuscitado ao sair da igreja de S. Francisco de Paula ao amanhecer do domingo de Páscoa.



Outro aspecto da Procissão da Senhor Ressuscitado no Largo de S. Francisco de Paula, no domingo de Páscoa.

A SEMANA SANTA COM



Trabalha-se com afã. A procissão passará por esta rua que homens e bichos se apressam a limpar.

A cidade durante os preparativos — Cruzando com Santos e conversando com Apóstolos — Pai Abraão é funcionario público...

*Reportagem de Celso Furtado, enviado especial da REVISTA DA SEMANA.
(Fotos de Arnaldo Vieira).*

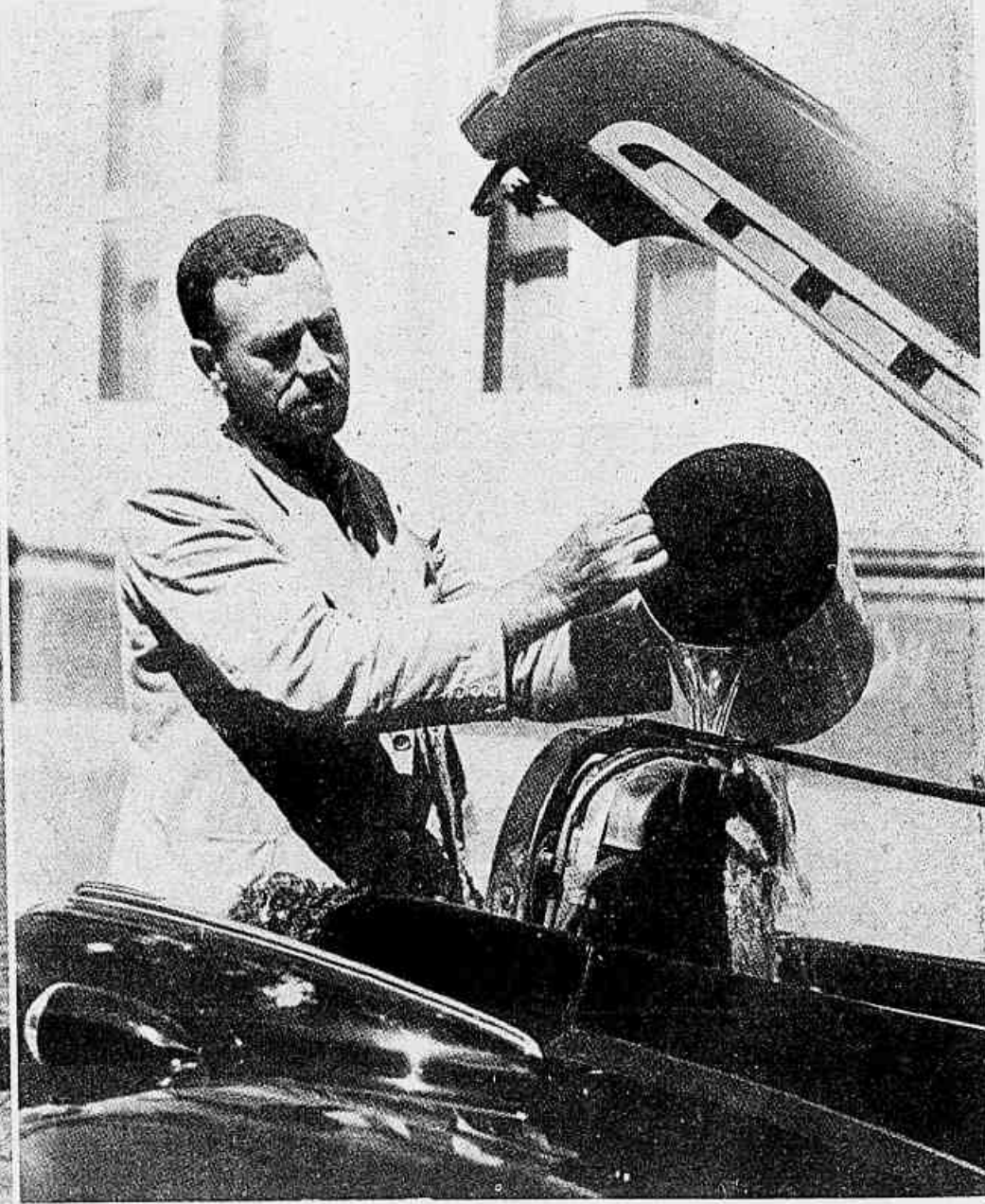
Quando se aproxima a Semana Santa Ouro Preto sofre um colapso em sua vida monótona de cidade que sobreviveu a si mesma. Visitantes afluem por todas as estradas, e as ladeiras e becos tortuosos da velha Vila Rica regorgitam de peregrinos fieis e turistas curiosos. Quando lá chegamos a antiga metrópole das Minas estava já em plena efervescencia. Ia repetir-se o drama que há séculos ali tem lugar, e cada pessoa se aprestava para assumir seu posto, pois para cada um existe um posto nesses dias memoraveis da vida ouropretana. As ruas por onde as procissões teriam de passar são cuidadosamente limpas; na Matriz trabalha-se como mouro; nas vias públicas cruza-se aqui e acolá com uma imagem que está sendo transportada para algum altar vasio, ou com a vestimenta dalgum Apóstolo, que a costureira atrasou na entrega. Dentro das casas não é menor a atividade. Familia não há que não tenha em seu seio um Anjo, um guarda romano, um Apóstolo ou, em último caso, alguém que se esteja preparando para condignamente pagar uma promessa em que foi atendido. E os forasteiros continuam afluindo; há centenas de máquinas fotográficas espalhadas pela cidade. Aqui é o antigo palacio do marquês de Barbacena, lembrando um castelo medieval, que prende as atenções de um grupo; mais adiante são cabeças em-



GUARDA ROMANO — O jovem Aguiar Lourenço Alves diz que em nada lhe doi a consciência o papel de verdugo do Cristo. Qualquer responsabilidade cabe ao vigário.



APOSTOLO E CARTEIRO — Alfredo Fernandes Torres com seu saco de cartas sorri á lembrança de que á noite vestirá a túnica de discípulo de Jesus.



VERDADEIRO APOSTOLO — O chauffeur José Ferreira nos diz: "Sim sou Apóstolo. É para guiar carro nessas ladeiras e despenhadeiros é preciso ser apóstolo".

EMORADA EM OURO PRETO

brulhadas em lenços coloridos, que namoram através de óculos negros algum resquício romântico da Marília de Dirceu... Em uma viela estreita e semi-circular que, não fôra um negro poste de iluminação elétrica, daria uma visão integral do Brasil setecentista, entra um carro moderno de linhas dinâmicas assombrando magros cabritos que faziam a sesta num telheiro baixo...

E' isto Ouro Preto de 1942 em plena Semana Santa.

Ao descermos do trem que, naturalmente com uma margem de atraso, nos transportou àqueles mil e tantos metros de altura, já dentro do taxi nos aguardava a primeira surpresa: o simpático *chauffeur* da moderna *limousine* era nada mais e nada menos que um dos doze apóstolos do Senhor.

— São Pedro ou São Paulo? — indagamos, sem conter a curiosidade.

— Ah, não sei. Todos nos vestimos da mesma forma...

Na matriz o vigário prestou-se a responder um pouco às perguntas impertinentes. Indagamos se seria fácil encontrar algumas das pessoas que tomariam parte na procissão representando personagens bíblicos.

— Estão no trabalho, e também não fiz todas as escolhas ainda.

— Onde trabalha o Pai Abraão?

— O Pai Abraão é funcionario público. E' o Lucas.

— E a Guarda Romana?

— Há na guarda um pintor, um ferreiro... O centurião penso que vai ser o meu leiteiro. No entanto o senhor poderá ir ver a Verônica e a Madalena, que estavam no Rio e vieram especialmente para a Procissão. São João terá de ser uma mulher, pois é difícil encontrar um homem de cabeleira comprida.

Quando saíamos da igreja encontramos-nos com o pintor Ismailowitch.

— Venho da igreja das Mercês, disse-nos, e estou maravilhado com uma Ceia que lá estão armando. Vá ver aquele Judas que vale a pena.

E olhando para as casinhas de taipa caiadas e baixas que no oitão escuro da igreja formavam uma escada com seus telhados de alturas desiguais, acrescentou melancolicamente:

— E quando eu imagino que daqui a cem anos tudo isto terá desaparecido...

Despedimo-nos e, sem nenhum propósito particular, conjecturamos: "será que Ismailowitch espera viver cem anos ainda?..."

Fomos procurar os apóstolos e guardas romanos, que confraternizavam ou discutiam as últimas novas nos adros das velhas igrejas.

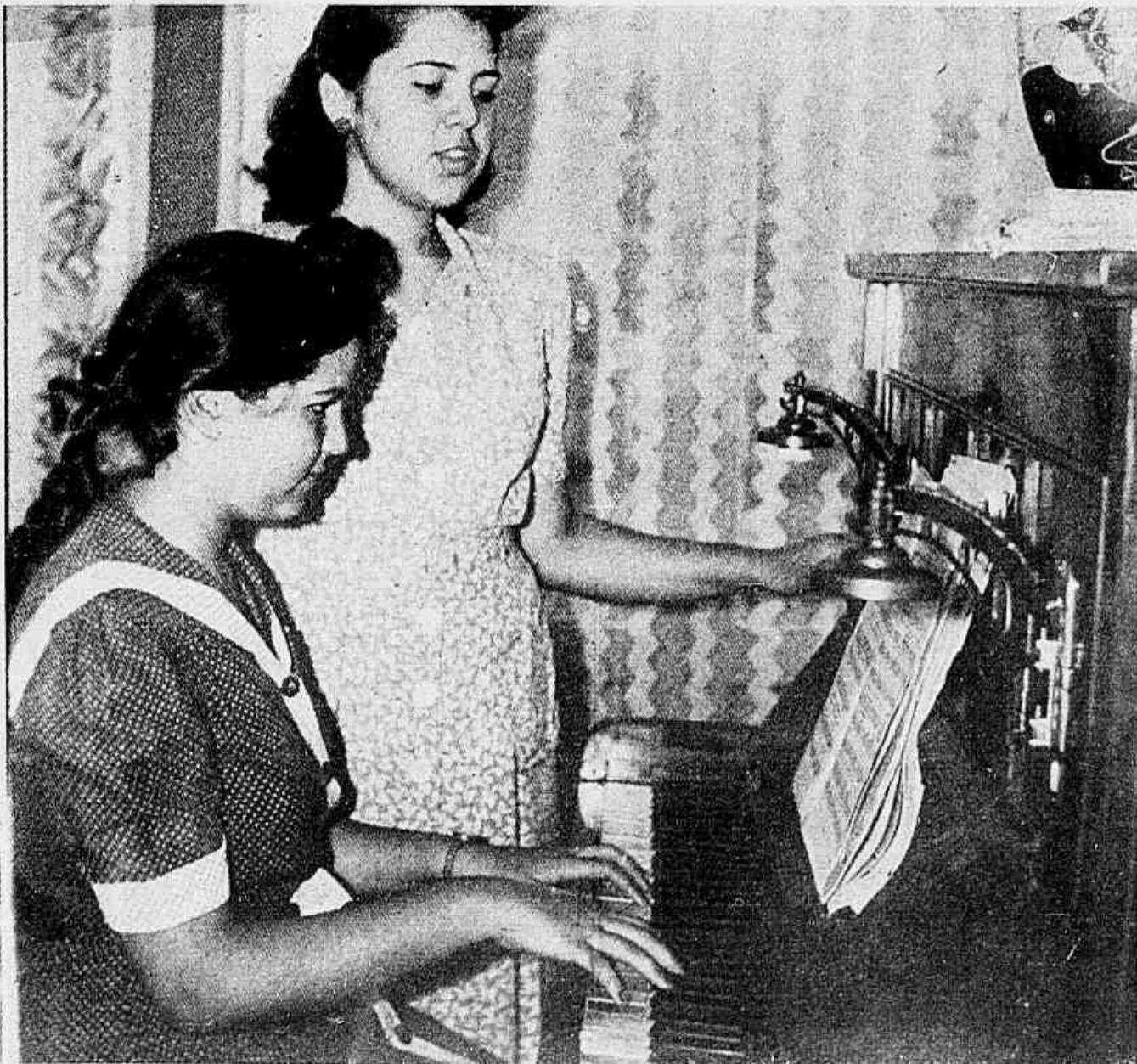
Era quarta-feira, o dia em que o grande Sinedrio resolvera condenar Jesus à morte, e Judas vendera o seu Mestre por trinta dinheiros. À noite assistiríamos ao Ofício de Trevas.



Aqui e acolá cruza-se com uma imagem retardada que segúz para algum altar vazio.



ENGARRAFADOR DE CACHAÇA — O senhor engarrafa bom vinho, seu Zé Barbosa, por isso acredito que saiba lidar com a vinha do senhor. E o bom mineiro sorriu com expressão que podia ser de Apóstolo ou de mártir.



A VERONICA ENSAIA COM MADALENA AO PIANO — Maria Lúcia e Elza Assis Figueirêdo são as pequenas que "vieram do Rio" no dizer do Vigário, para maior brilho da Procissão do Senhor Morto. No entanto são legítimas ouropretanas.



O castiçal triangular quando era apagada a primeira vela que anuncia a aproximação das Trevas. Em baixo: celebrando o Ofício de Trevas.

Ofício de Trevas e Lava-Pés

"Ao nome de Jesus se dobrem os joelhos de todos que estão no céu, na terra e debaixo da terra..."

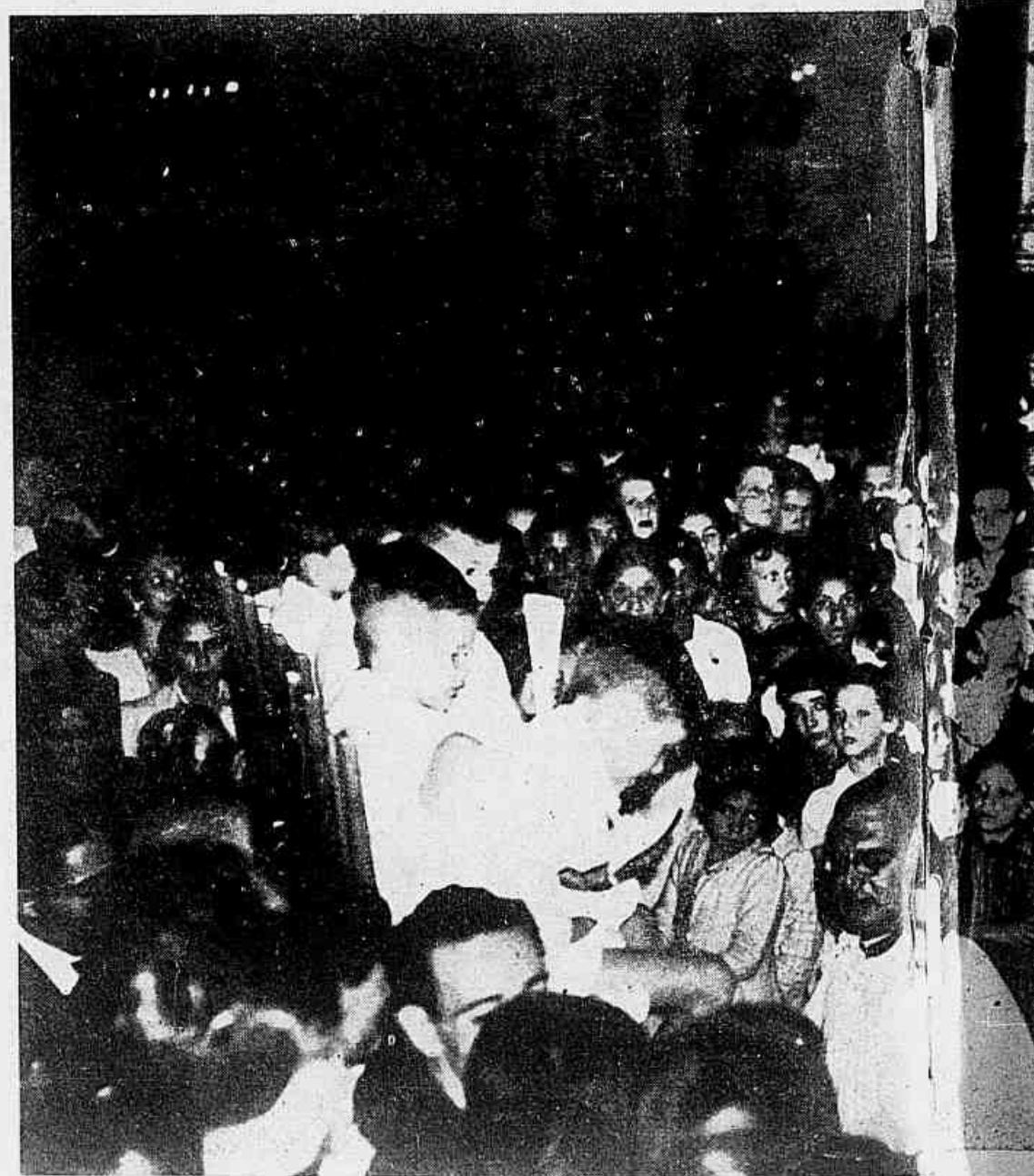
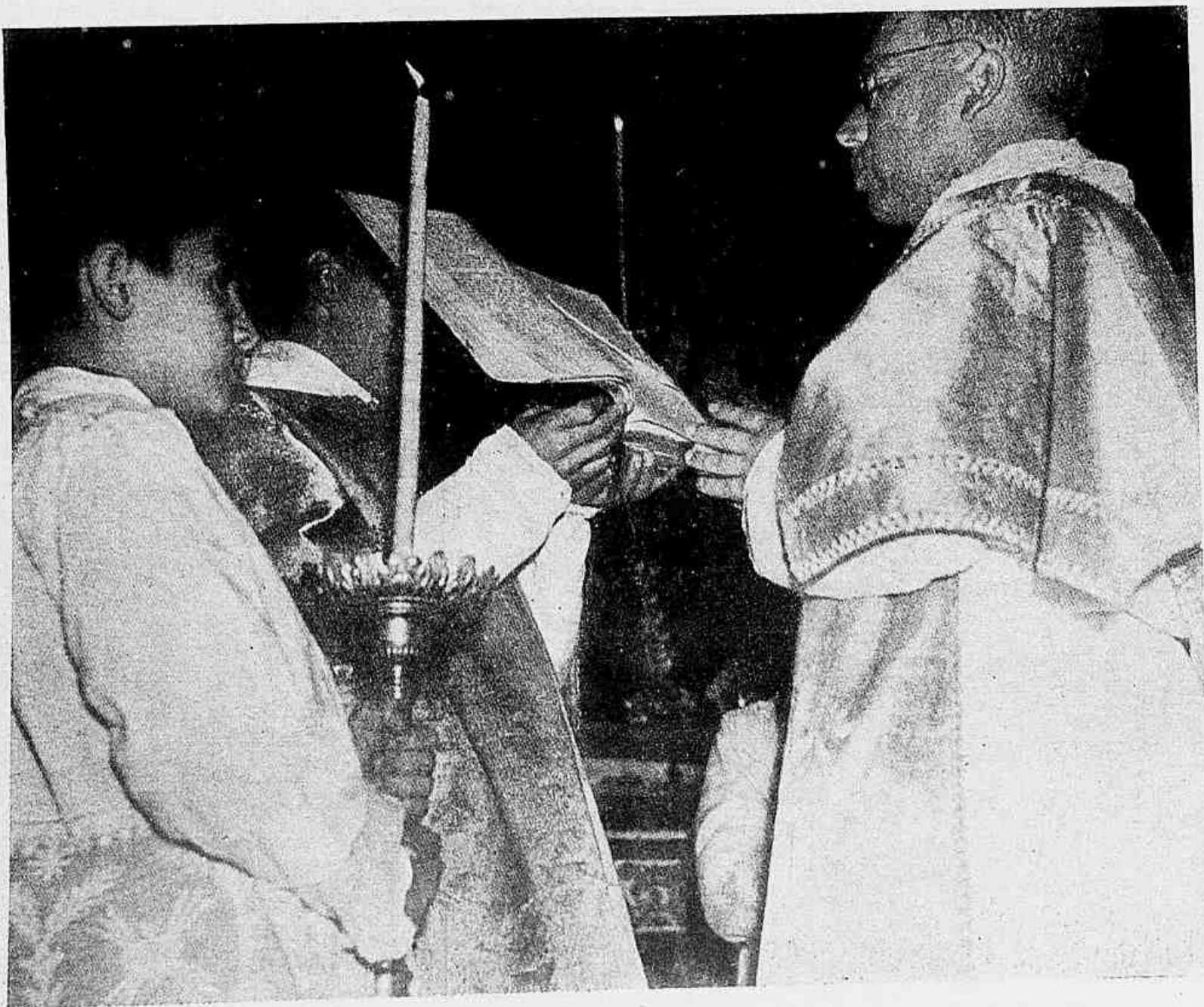
"Ó Deus onipotente, incessantemente aflitos por causa dos nossos excessos, nós Vos suplicamos concedei sejamos libertados pela Paixão de Vosso Filho Unigênito..."

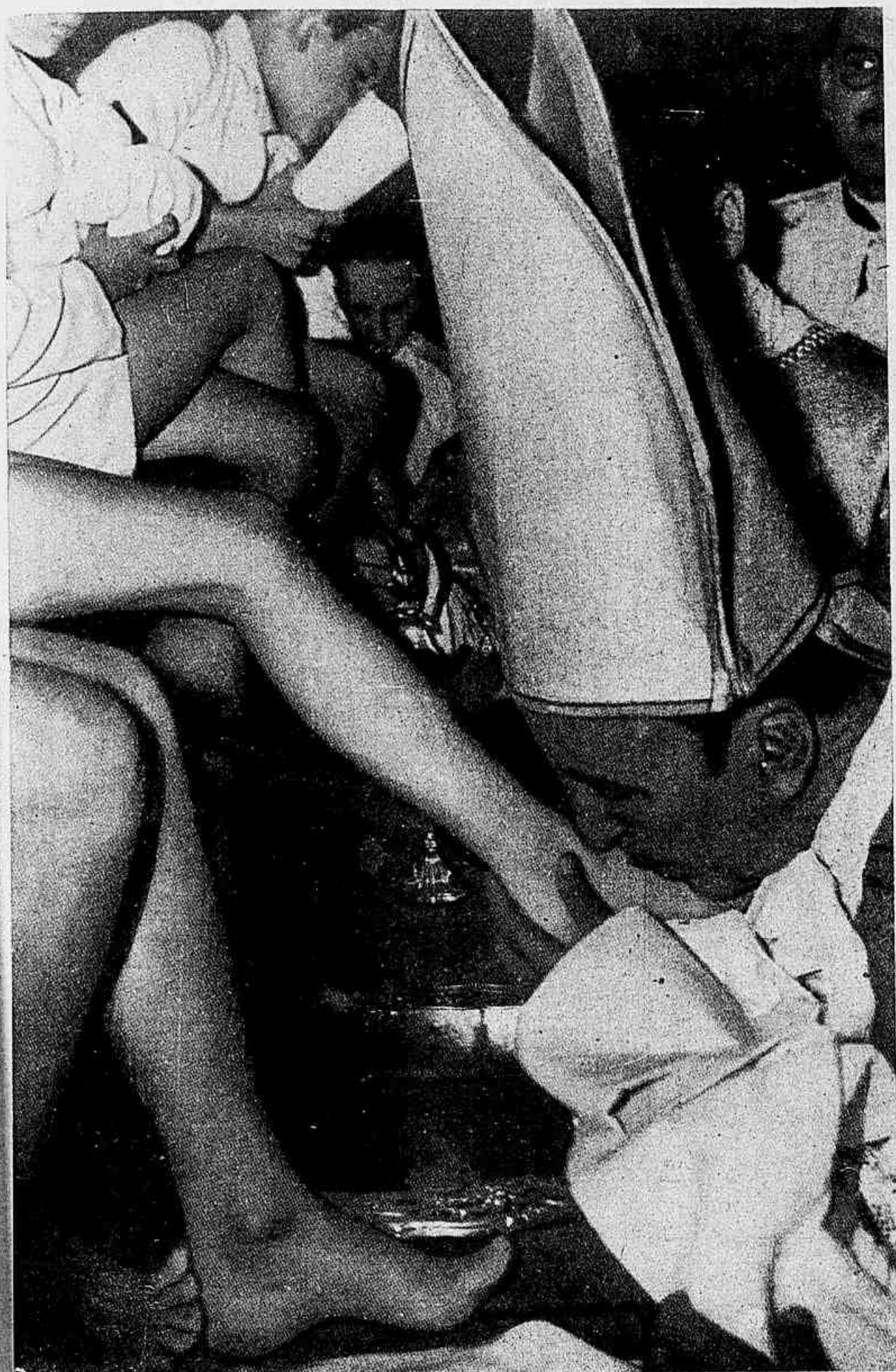
E dentro da Matriz de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto tinha-se dado início ao Ofício de Trevas. Nesse ofício medita-se em tudo que se vai sofrer e sentir na quinta e sexta feiras santas, e agradece-se o bem que finalmente advirá com a Ressurreição. Em sinal de tristeza apagam-se, pouco a pouco, todas as luzes, e daí a designação de Trevas. O castiçal de 15 velas vai sendo apagado à proporção que se cantam os psalmos, sendo a última vela, que representa Jesus Cristo, escondida atrás do altar. E com uma oração em forma de súplica termina o Ofício de Trevas.

As duas fotos à esquerda fixam momentos da liturgia dessa bela cerimonia da religião católica.

Na quinta-feira santa, ou da Ceia do Senhor, comemora-se a Instituição do Sacrifício e Sacramento da Eucaristia e do Sacramento da Ordem. Na única Missa que nesse dia é celebrada, são consagradas duas Hostias, das

"Depois de se ter levantado da mesa, o Senhor deitou água Na igreja de N. S. do Pilar alinham-se aqueles





"Senhor", Vós me lavais os pés? — Respondeu Jesus e disse-lhe: Se eu não te lavar os pés, não terás parte comigo.

numa bacia e começou a lavar os pés dos seus discípulos", que substituirão os discípulos do Senhor.



"Se eu, o Senhor e Mestre vosso, vos lavei os pés, quanto mais deveis vós lavar os pés uns aos outros!"

quais uma é levada processionalmente ao altar da exposição, onde é feita a adoração do Santíssimo Sacramento até a Missa do dia seguinte, pois na sexta-feira santa nenhuma Hostia é consagrada. E' feita em seguida a desnudação dos altares, significando pesar pelo afastamento de Jesus.

A cerimonia do Lava-pés tem lugar à noite. D. Helvecio, arcebispo de Mariana, entra na Matriz de Ouro Preto, onde o esperam aqueles que foram escolhidos para o lugar que um dia ocuparam os discípulos do Senhor.

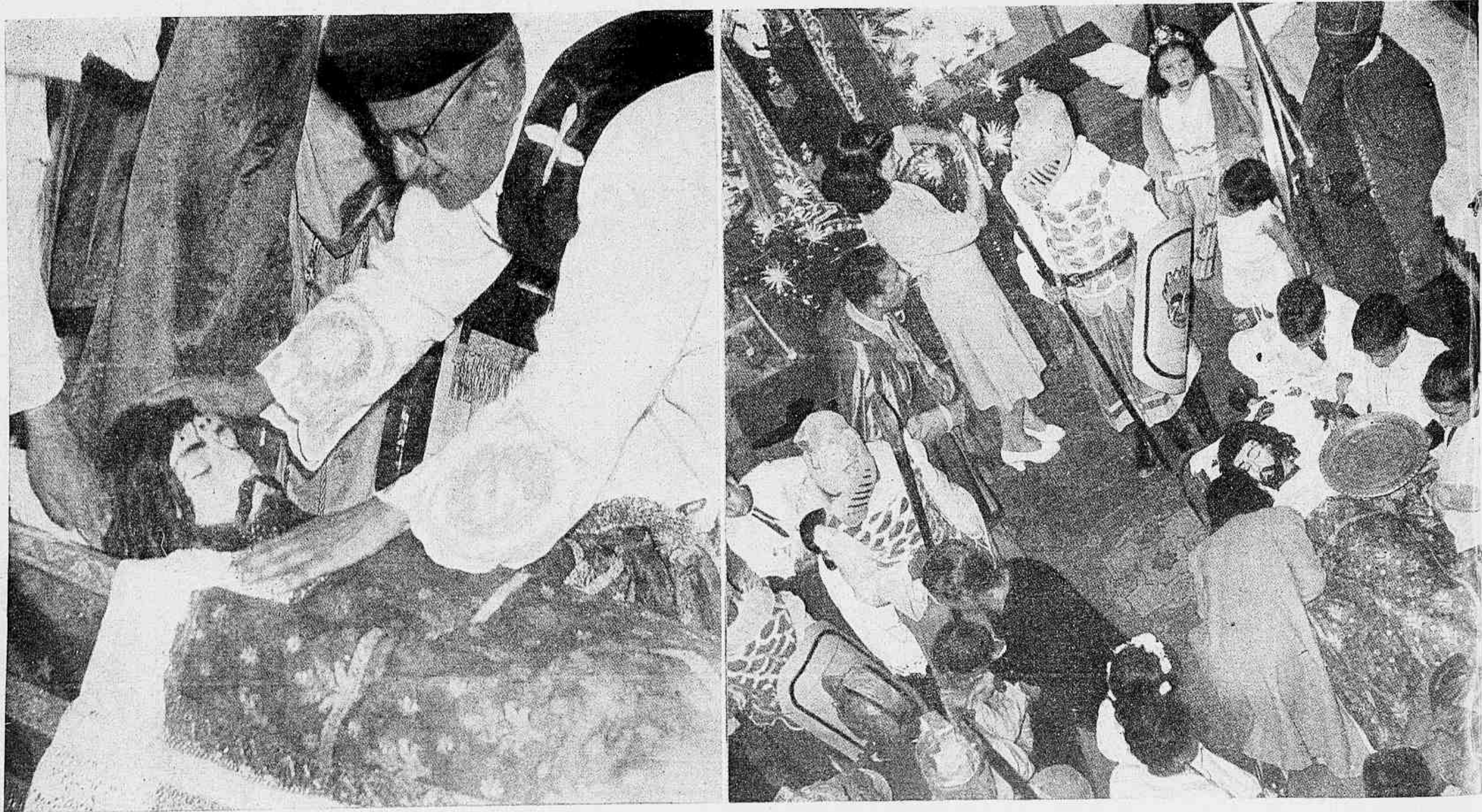
Após a cerimonia tem lugar o sermão, pronunciado essa noite pelo padre Lobo, que começou situando Cristo na Historia para concluir que ainda é Ele a lição máxima dos tempos.

D. Helvécio, arcebispo de Mariana, lava as mãos para dar início á cerimônia simbólica de humildade e caridade, que é o Lava-pés.





A CEIA DO SENHOR — Na igreja de Nossa Senhora das Mercês de Ouro Preto foi exposta esta "Ceia do Senhor". Mereceu a atenção de diversas pessoas este trabalho pela diversidade de expressões que o artista conseguiu imprimir às varias figuras. A imagem de Judas, que parece curvado por um começo de arrependimento, contrasta flagrantemente com a expressão angelica de São João. No rosto do Senhor se estampa uma meio dolorosa ante-visão dos fatos.



ADORAÇÃO DO SENHOR MORTO — Após a descida da cruz o Senhor é posto no caixão e conduzido ao pé do altar da Matriz, onde passa a ser objeto de adoração dos fiéis.

A DESCIDA DA CRUZ



A DESCIDA DA CRUZ — Estávamos em plena noite. Grande multidão permanecia no oitão da igreja, em pesado silêncio, tendo à frente a imagem dolorosa do Cristo Crucificado. Esperava-se o momento em que o Cristo exângue seria descido da cruz.

Na sexta-feira santa a Igreja não celebra o Sacrifício da Missa. Em sinal de luto ela congrega os fieis em redor d'Aquele que se ofereceu como Vítima pelos pecados do mundo. É o dia de luto universal.

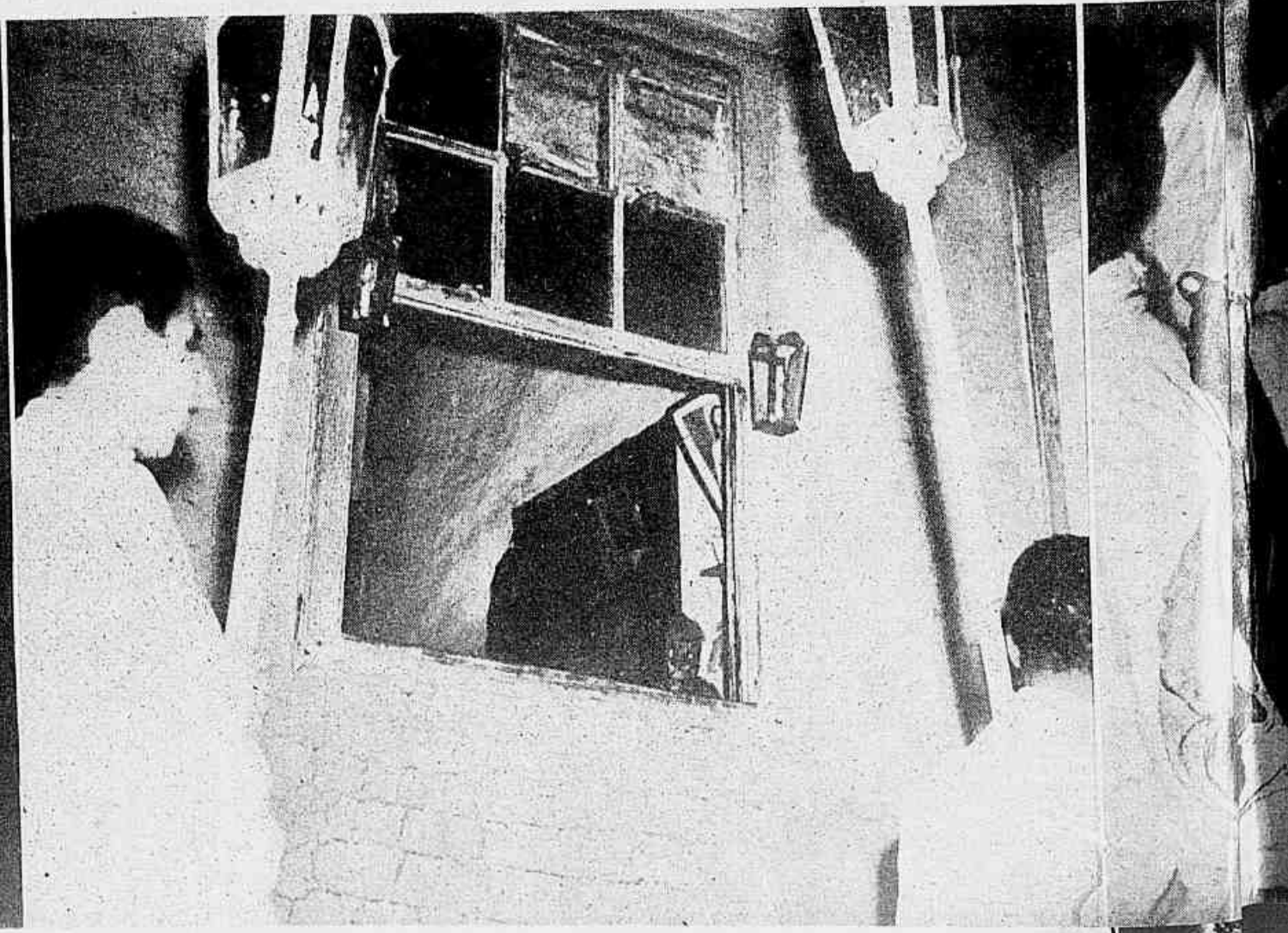
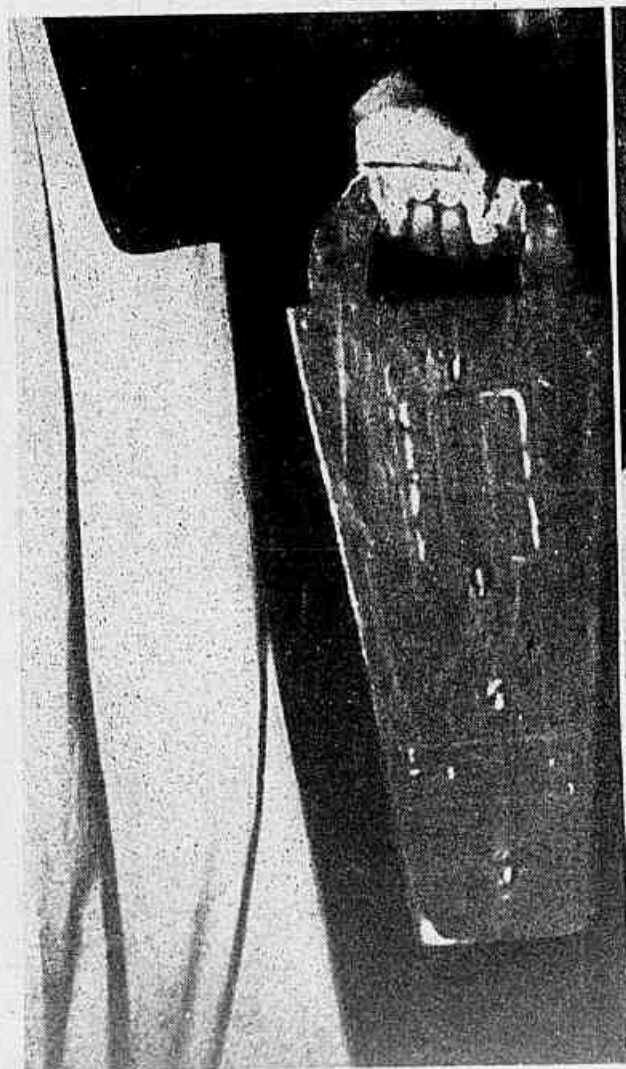
Às horas do entardecer grande massa de povo se comprime no oitão esquerdo da Matriz de Ouro Preto, onde Cristo crucificado jaz ao lado de dois anônimos. Vai ter início a cerimonia da Descida da Cruz. Precedeu-a uma incisiva oração pronunciada pelo padre José Mendes.



O Senhor morto, em adoração na igreja de São Francisco de Paula de Ouro Preto.



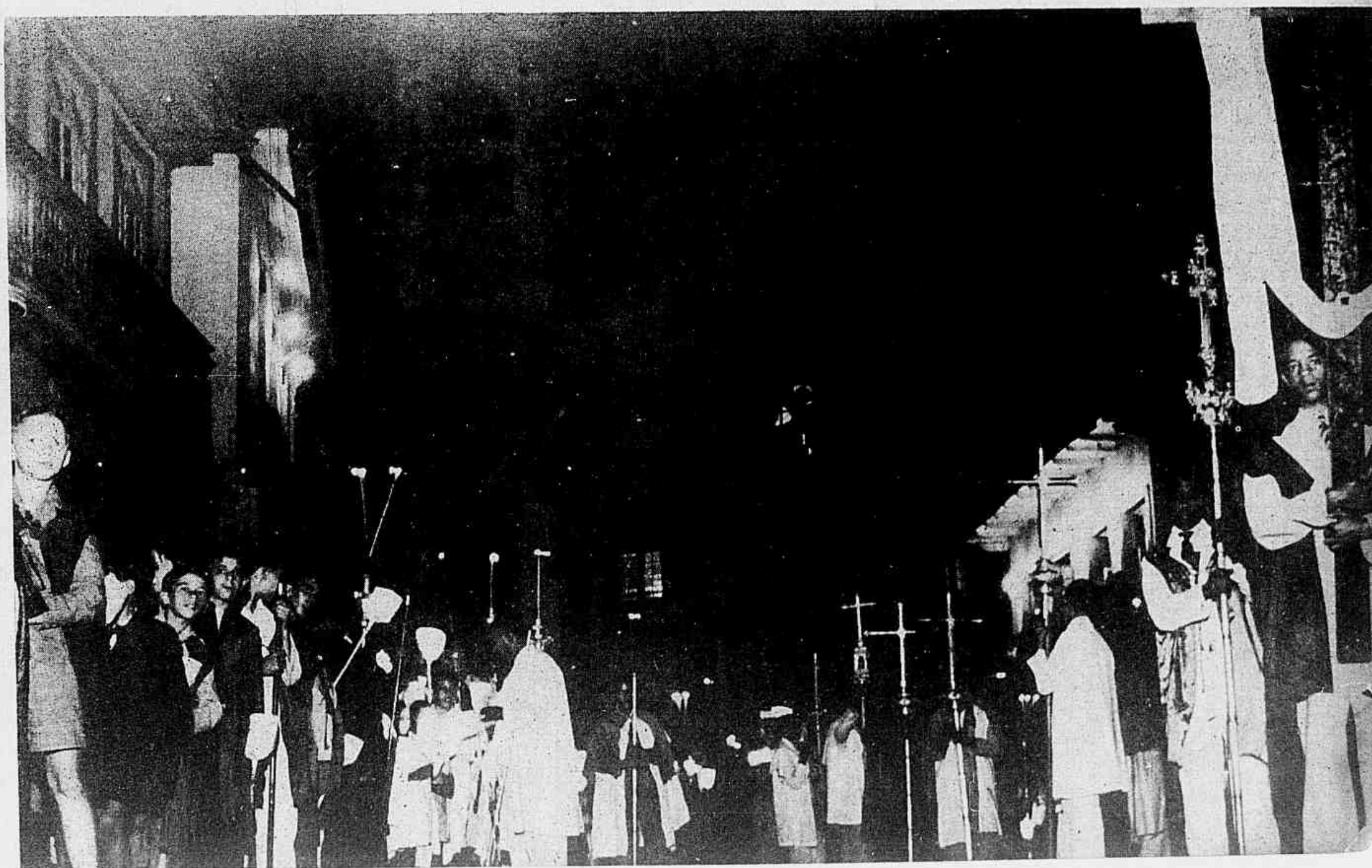
A procissão do Senhor M





A MAXIMA CERIMONIA DA CRISTANDADE, EM OURO PRETO

Morto





Na Praça Tiradentes, coração da cidade de Ouro Preto, a Verônica entoa o seu canto de piedade e consolação.



A' esquerda: Maria Madalena e as tres Marias; á direita: o menino Isaac, Pai Abraão e o Anjo Gabriel.

A procissão do Senhor morto, em Ouro Preto, é alguma coisa de surpreendente que palavras e fotografias não podem reproduzir. Dezenove Ordens com respectivas opas e encabeçadas por belas insignias de prata formam a primeira parte do corpo imenso da procissão. No centro vai o Palio, tendo à frente o menino Isaac, Pai Abraão e o Anjo Gabriel, e a Verônica; ao redor os Apóstolos e a Guarda-romana, e atrás Maria Madalena, as três Marias e Nossa Senhora. Finalmente desdobra-se com uma faixa escura a multidão de povo.

Vista na moldura sombria que é Ouro Preto, subindo e descendo as ingremes e escuras ladeiras da velha cidade, iluminada aqui e acolá por lampeões improvisados e lâmpadas tristonhas, seguindo o ritmo rude das lanças dos guardas romanos batendo nas pedras ásperas do calçamento irregular — a Procissão ora mais estreita ora mais larga, pontilhada de cruzes brilhantes e velas mortíças, é uma imagem viva do sentimento religioso.



Apóstolos acompanhando o Senhor na descida do Calvário e a guarda romana exercendo sua severa vigilância. Estará o leitor reconhecendo estes notáveis personagens? Se não, reporte-se às páginas 20 e 21 desta Revista.

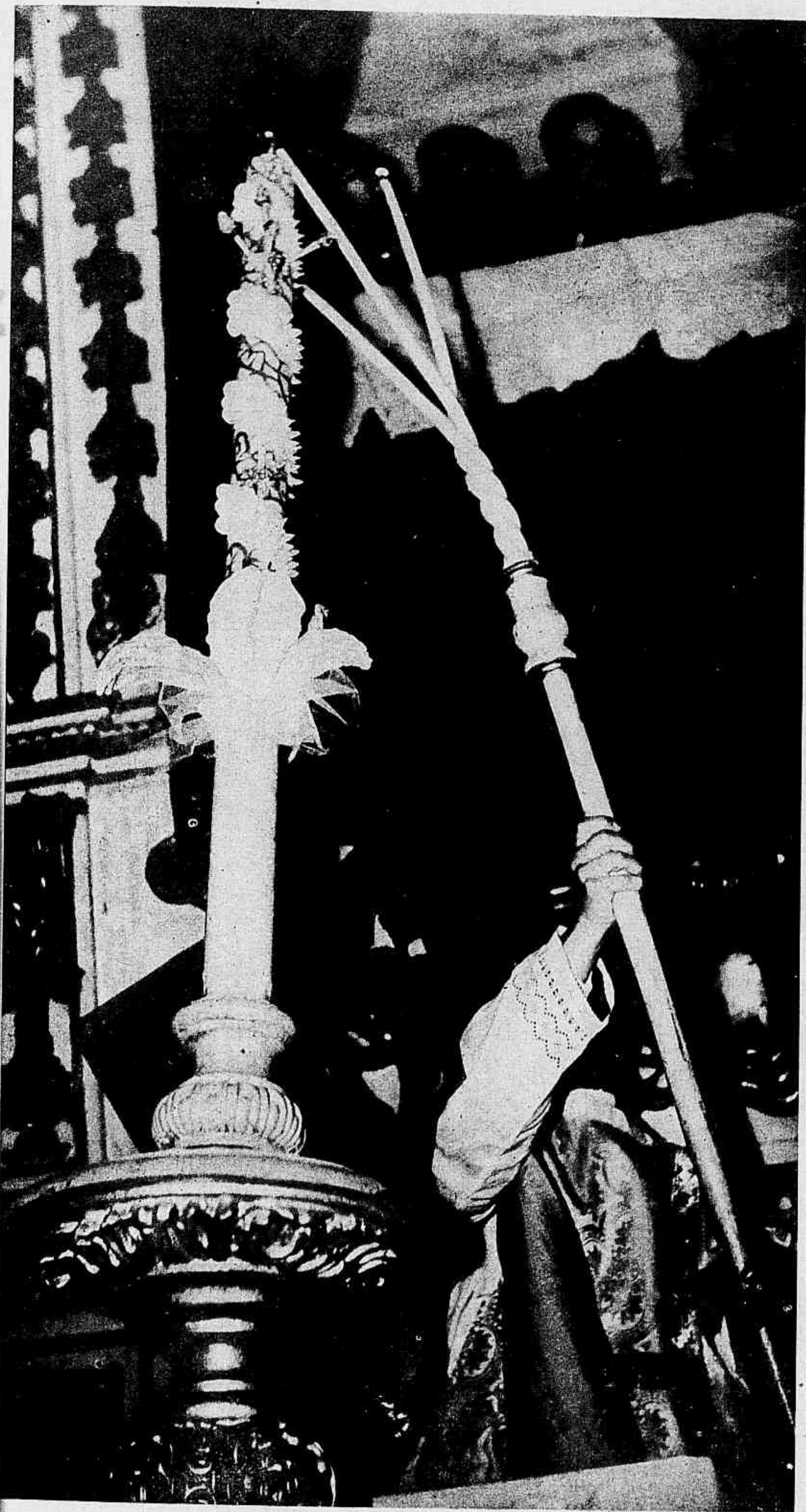


O FOGO NOVO — À porta da Matriz do Pilar, monsenhor Castilho acende o fogo novo, que simbolizará a volta da luz. Em seguida o mesmo fogo recebe a bênção.

Do Fogo Novo à Missa de Aleluia



A PROPAGAÇÃO DO FOGO — No meio da Igreja é acesa a segunda das três velas de onde sairá o fogo para o Cirio Pascal. À direita: o sacerdote cravando os grãos de incenso no Cirio que representa o Cristo.



ACENDENDO O CIRIO — Ao cântico triunfal do Exsultet, aparece o próprio Cristo, simbolizado no Cirio Pascal, que é aceso. E' este o momento solene da Ressurreição, da vitória da Luz sobre as trevas.

"Eu sou a luz", disse Jesus Cristo. E é em forma de luz que ele ressuscitará após as Trevas. Na manhã do Sábado de Aleluia os sacerdotes e o povo se encaminham para a porta da Igreja onde, da pedra, será extraído o Fogo Novo, símbolo da volta da luz. E' então que o sacerdote, acendendo as três velas simbólicas no começo do Templo, no seu centro e ao pé do altar, anuncia a Ressurreição: Lumen Cristi! No desenrolar da cerimonia que se segue, o sacerdote crava no Cirio Pascal, que representa o próprio Cristo, os cinco grãos de incenso. Logo após é o Cirio que é aceso. Esta ação significa o momento da Ressurreição de Cristo, quando a força divina reanima o seu corpo. Antes da bênção da Pia batismal, que precede imediatamente a Missa de Aleluia, tem lugar a leitura das doze Profecias que falam da força das águas e da regeneração interior. Durante a bênção da Pia, o sacerdote com a mão direita divide a água em forma de cruz, lançando quatro porções dela nas quatro direções do mundo.

E forma-se pouco depois uma procissão que acompanha o Cirio Pascal da Pia Batismal, que fica à entrada da Igreja, através da nave principal da antiga Matriz de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto, até o altar principal. Todo o Templo nesse momento já está iluminado e pronto para a Missa de Aleluia.



BENÇÃO DA AGUA — "Desça na plenitude desta fonte a força do Espírito Santo", diz o sacerdote mergulhando o Cirio na Pia Batismal.



Divide a água com a mão, lançando quatro porções dela nas quatro direções do mundo, e diz: "Por isso eu te abençoo, criatura de água..."

GAIO, MARTI & CIA.

A maior organização de comercio varejista do Rio



Rua Copacabana, 1274



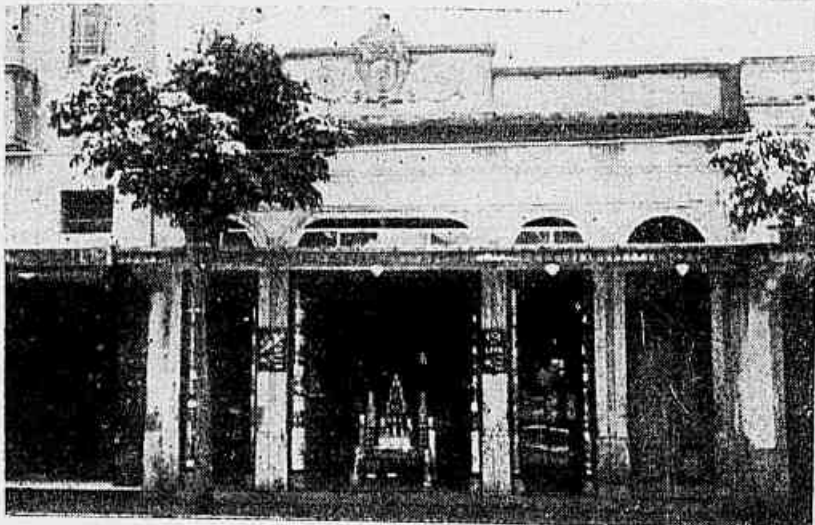
Rua Conde de Bonfim, 696

Rua Conde de Bonfim, 498
Avenida Princesa Isabel, 32

Rua Visc. de Pirajá, 414



Rua Vol. da Pátria, 447

Rua Senador Vergueiro, 165
Rua Marquês de Abrantes, 206

Rua Teixeira de Melo, 32

Uma das qualidades primaciais da gente portuguesa, qualidade essa que herdamos esplendidamente, é a tenacidade. Não a levam ao desânimo as dificuldades, nem as aparencias atemorizantes conseguem fazê-la recuar. Quando resolvem efetuar uma obra, qualquer que seja a natureza dos seus objetivos, os filhos de Portugal a realizam de maneira positiva.

Os empreendimentos que, principalmente em nossa capital, se admiram são em grande copia devidos ao espírito vigoroso dos lusiadas.

Uma das mais prestigiosas e sólidas organizações da nossa metrópole é, nem há dúvida, GAIO, MARTI & C., que dispõe de magníficas filiais, cujas fotografias temos o prazer de estampar, ilustrando esta nossa reportagem.



Rua S. Clemente, 423



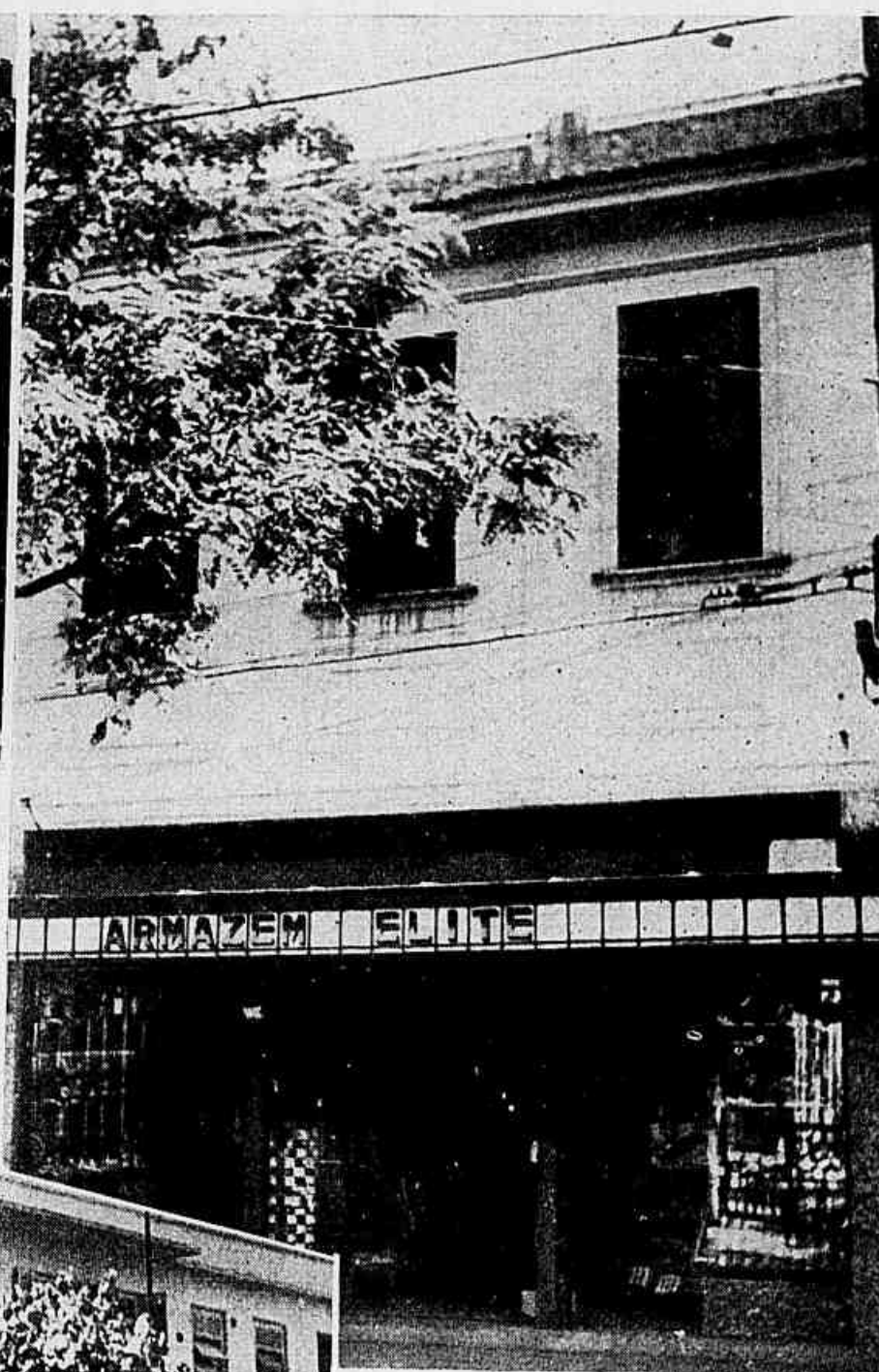


Praia de Botafogo, 120



Avenida Copacabana, 1018,

Avenida Copacabana, 595



Avenida Copacabana, 831



Ramiro & Cia. Ltda., rua dos Coqueiros, 17/19 (Assucar Brasil); Standard Oil Company (Flit), av. Presidente Wilson, 118; Biscoitos Aymoré Ltda., rua da Quitanda, 106/110; Bhering, Companhia S/A (Café Globo), rua 7 de Setembro, 113; Oliveira, Barroso & Cia., rua do Rosario, 63; Aranha, Goetze & Cia., rua dos Beneditinos, 28, 1.º and. e Acre, 29; Ramalho, Torres & Cia, rua do Ouvidor, 28; David, Monteiro & Cia., travessa do Comercio, 15; J. Lobarinhas & Cia. Ltda. (Sabão Português e Cera Cristal), rua General Câmara, 196; Companhia Laticínios Alberto Boeke S/A, rua dos Andradas, 125; Sarmiento & Cia. (Laticínios Tupy), rua do Ouvidor, 52; Cunha Lima & Cia., rua Mayrink Veiga, 26; Soares, Bastos & Cia., rua do Mercado, 7 e 9; A. Behmer & Cia. (Cera Parquetina e Pox), avenida Rio Branco, 111 e São Paulo; S/A Refinaria Magalhães (Assucar Neve), rua Conselheiro Mayrink, 304; Café Paulista Ltda., rua da Constituição, 23-A.



Rua Visconde de Pirajá, 546

Todas estas casas, especialistas em líquidos e comestíveis de fabricação esmerada e escrupulosa manipulação — característicos, aliás, que consagram a sua vitória perante uma clientela escolhida e vastíssima — representam, no Rio de Janeiro, o que existe de modelar em armazéns modernos, desses que merecem a confiança da população e honram o progresso da nossa adiantada e linda cidade!

Lembremos, aqui, a história desse triunfo, embora numa síntese modestíssima.

Em 1898, os sócios Manuel Jorge Gaio e José Francisco Martins fundaram GAIO, MARTINS & Cia., singela casa.

Foi exatamente em 1918 que a primitiva organização se ramificou em duas; em consequência, ficou a firma GAIO, MARTI & Cia., com seis casas, e composta dos sócios Manuel Jorge Gaio, Americo Ferreira Marti e Artur Ferreira da Costa.

Dai a sucessão de iniciativas, desdobramento de estoques e instalações apresentadas a primor, sucessão que confirma o genio realizador dos portugueses, a culminar, hoje, nesta realidade empolgante: GAIO, MARTI & Cia. dispõe, atualmente, de 20 estabelecimentos perfeitos em seu gênero, com 21 sócios, os quais haviam mesmo, em sua totalidade, sido auxiliares da grande e admirada firma.

Damos, a seguir, os nomes dos principais fornecedores de GAIO, MARTI & CIA.:



Rua Voluntarios da Patria, 207



Rua Conde de Bonfim, 136



Avenida Copacabana, 1183

Rua Voluntarios da Patria, 409



NOTICIARIO ELEGANTE



Senhorita Victoria Issa, destacado ornamento da sociedade carioca, filha do sr. José Issa e da sra. Carime Issa.

ANIVERSARIOS

11 as sras. Vitoria Campos da Silva e Vera de Vasconcelos Cavalcanti; as senhoritas Alaide Viana e Noemia Gonçalves Columbano; o prof. Luiz Barbosa; os drs. Manoel Veloso Borges, Nestor Ascoli e Osvaldo Pilar.

12 as sras. Batista Nogueira e Lucia Seixas; as senhoritas Ondina Leite e Djanira Maia; o general Mendonça Lima, ministro da Viação; o nosso confrade dr. Agenor Brandão; o ministro José Roberto de Macedo Soares; o general Franco Ferreira; o nosso companheiro Ivan das Chagas Guimarães.

13 as sras. Maria Cristina Fleiuss Carneiro e Henriqueta Barcelos Potiguara; a senhorita Tereza Alves de Lima; os drs. José Mariano Filho, Raul Marques de Azevedo e Mario Castilhos do Espírito Santo; a menina Maria Angela Vergara Paes Leme.

14 as sras. Olivia Kuhlmann Guedes de Melo e Maria Luiza Carvalho Gusmão; a senhorita Regina Astolfo de Rezende; o conde Pereira Carneiro; o arquiteto Paulo Guaraná; o comandante Henrique Coutinho Marques.

15 as sras. Clelia Bernardes Alves de Souza e Góes Armbrust; a senhorita Maria da Graça Diniz; o desembargador Francisco Cesario Alvim; o maestro Francisco Braga; o dr. Raul Pitanga dos Santos; o capitão Haroldo Tavares da Gama; o dr. Abgar Renault.

16 as sras. Gilda Guinle e Leonor Lessa; as senhoritas Miriam Maia Ferreira e Ilka de Castro; o desembargador Martinho Garcês Caldas Barreto; os drs. Pedro Lago e Raimundo de Castro Pereira Rego.

17 as sras. Alice Costa e Constança de Carvalho; a poetisa e escritora Ana Amelia Carneiro de Mendonça; os drs. Maric Bulhão, Urbano Pedral Sampaio e Francisco de Magalhães Castro; o ministro Laudo de Camargo.

A NOSSA CAPA

Neste nmero, em que a REVISTA DA SEMANA condensa toda a sua grande reportagem sobre a Semana Santa, feita aqui no Rio e na tradicional cidade mineira de Ouro Preto, nenhuma capa diria melhor do que a que escolhemos e que é uma fotografia da exposição do Senhor Morto na igreja de Nossa Senhora da Conceição.

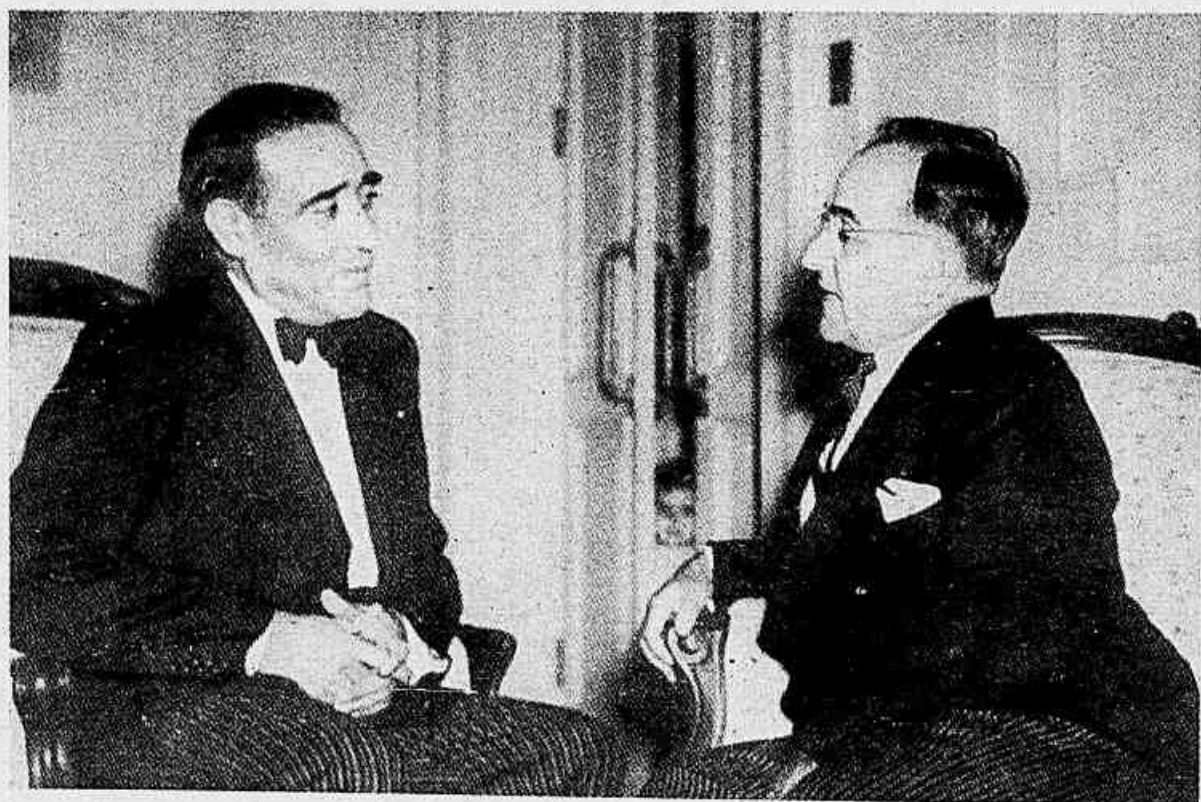
E' bem possivel jamais a velha igreja comemore a semana sagrada de todos os anos, porque — situada na rua General Camara, à esquina da da Conceição — será em breve demolida, para prosseguimento das obras da Avenida Presidente Vargas. E isso é um justo título de maior valor da fotografia reproduzida em tricromia na capa deste número.



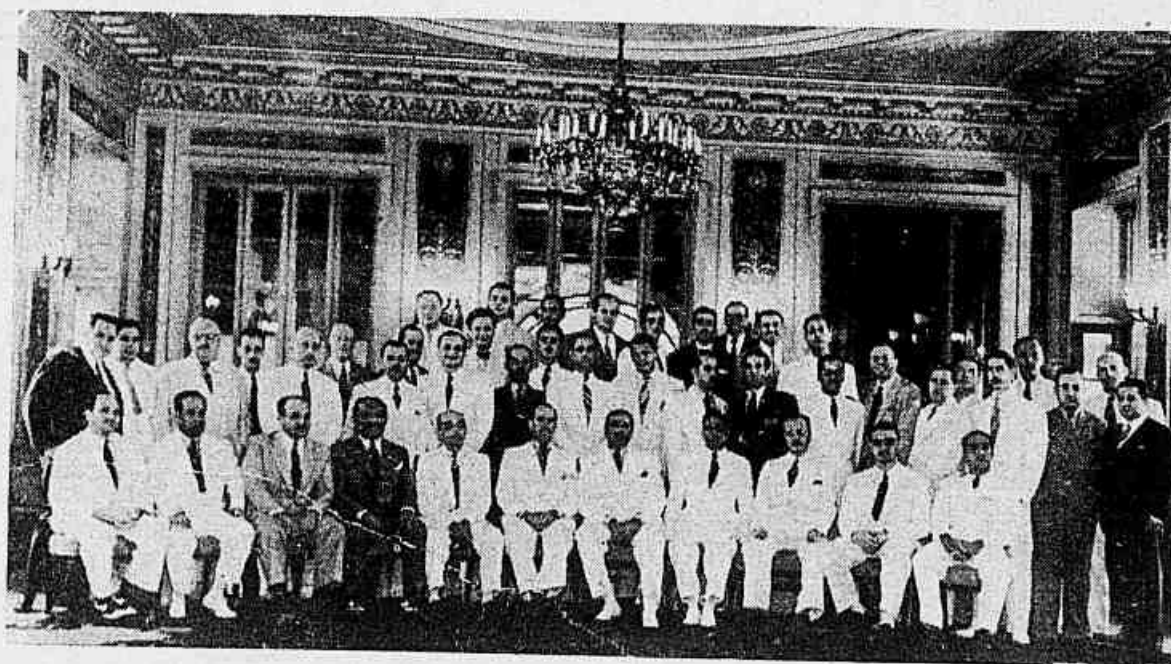
A EMBAIXADA BRASILEIRA AO CHILE — Partiu para o Chile a embaixada especial que foi representar o governo brasileiro na posse do novo Presidente daquela Republica, recentemente eleito, sr. Juan Antonio Rios. Compõe-se a representação brasileira dos srs. Marcondes Filho, ministro do Trabalho, chefe da embaixada; coronel Procopio de Souza Pinto, adido militar; comandante Braz Veloso, adido naval; major Martinho dos Santos, adido aeronautico; Helvecio Xavier Lopes e Antonio Garcia Miranda Neto, conselheiros, e consul Antonio Borges Leal Castelo Branco, secretario.



Senhorita Berta Blumen, da sociedade carioca.

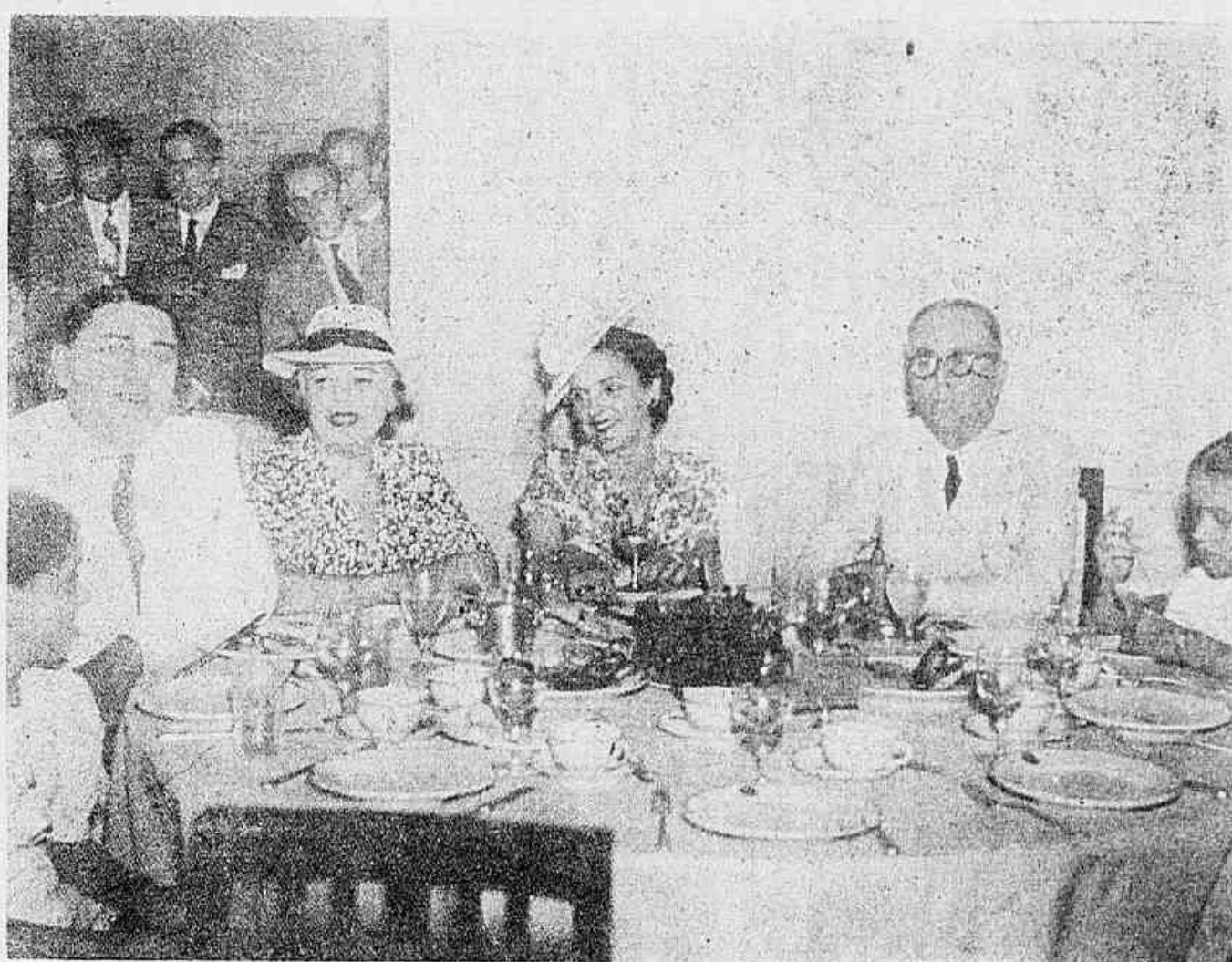


O EMBAIXADOR DO PARAGUAI — O sr. Juan Bautista Ayala em palestra com o Presidente Vargas, no Palacio Rio Negro, após a entrega das credenciais que o acreditam como embaixador junto ao nosso governo.



FESTAS INTIMAS — Por motivo de sua partida para o Paraguai, como membro da Missão Militar Brasileira, foi oferecido ao capitão Santa Rosa pelos seus amigos um almoço de despedida.

JOCKEY CLUB MUNDANO



Revestiu-se de grande brilhantismo o chá dansante oferecido pelo Jockey Club Brasileiro aos seus associados a 4 do corrente.

Como amplamente se noticiara, foi apresentado na mesma ocasião um maravilhoso show, sob a responsabilidade de Miss Baby, Emilinha Borba, Wilson de Andrade, "Garoto e seus garotos" e o notável artista mexicano Chucho Martinez.

E' dessa reunião de alta expressão social que estampamos nesta pagina diversos flagrantes.



JORNAL DAS FAMILIAS



Elegantíssimo modelo de fina lã cinza, apresentado por Nancy Coleman.

CRONICA DA MODA

A moda aproveita-se de tudo até das coisas mais tristes para fazer novos modelos, no luto ha sempre novidades, os antigos véus das viúvas tendem a desaparecer, são substituídos por véus mais elegantes, perderam a rigidez, os crepes são flexíveis, graciosos. As meias pretas foram substituídas primeiro por meias cinzento muito escuro, hoje o cinzento já vae tomando uma nuancinha puxando para o bege. Agora a ultima novidade são os modelos para o **blackout**, quando as cidades teem de ficar ás escuras, para não esbarrarem as pessoas nas ruas, usam qualquer coisa bem branca para destacar na escuridão. Entre os modelos notam-se uma saia de tecido branco com um grande bolso, bolso para conter biscoitos, uma garrafinha com agua, remedio, enfim tudo que fôr possível levar, se tiver que se refugiar num abrigo anti-aéreo. Guarda-chuva branco, **manteau** de seda bem branca com capuz. Vestido branco, turbante deste mesmo colorido, assim como um casaco

e o cabo de um guarda-chuva. Para as noites chuvosas e frias luvas e capuz de **crochet** de lã branca.

O numero de modelos de pijamas aumenta cada vez mais, uns já não podem mais ser chamados de pijamas, são verdadeiros costumes para homens, alguns sendo até acompanhados por um colete. Mas, ao lado desses classicos, encontram-se muitos extremamente originais, como por exemplo um de jersey de rayon executado em dois coloridos, cada perna muito ampla da calça e cada lado do **soutien-gorge** dum tom, estes podem ser: **beige** claro e turqueza, côr de limão e vermelho fogo, amarelo claro e azul escuro. Um outro de **shantung** ou linho cuja saia-calça muito ampla é côr de limão com blusa de tecido de fantasia, com grandes folhas verdes, ou então a saia-calça é azul e a blusa com desenhos vermelhos.

Os tecidos sejam eles de seda, linho ou algodão teem, desenhos pequenos, flôres, bolinhas, xadrez, ou então desenhos bastante grandes.

Marinette.

Elizabeth



Arden

O primeiro e mais essencial cuidado que devemos dedicar à tez, é a sua perfeita limpeza, pois, somente uma cutis realmente limpa pôde ser bela.

Elizabeth Arden foi feliz em idealizar com o "Ardena Creme de Limpeza", um preparado com extraordinárias propriedades para limpar a cutis. O "Ardena Creme de Limpeza" unido ao "Ardena Tónico para a Pele" clareando e refrescando o rosto, livra a pele de todas as impurezas. A combinação desses preparados, indispensáveis ao tratamento da beleza, constitui o passo inicial para obter-se uma cutis verdadeiramente linda.

SALÃO NO RIO: AVENIDA RIO BRANCO, 257
SALÃO EM S. PAULO: CASA ANGLO-BRASILEIRA



Elegante vestido de crepe rayon azul pastel, guarnecido com bordado feito com fio de ouro e strass.

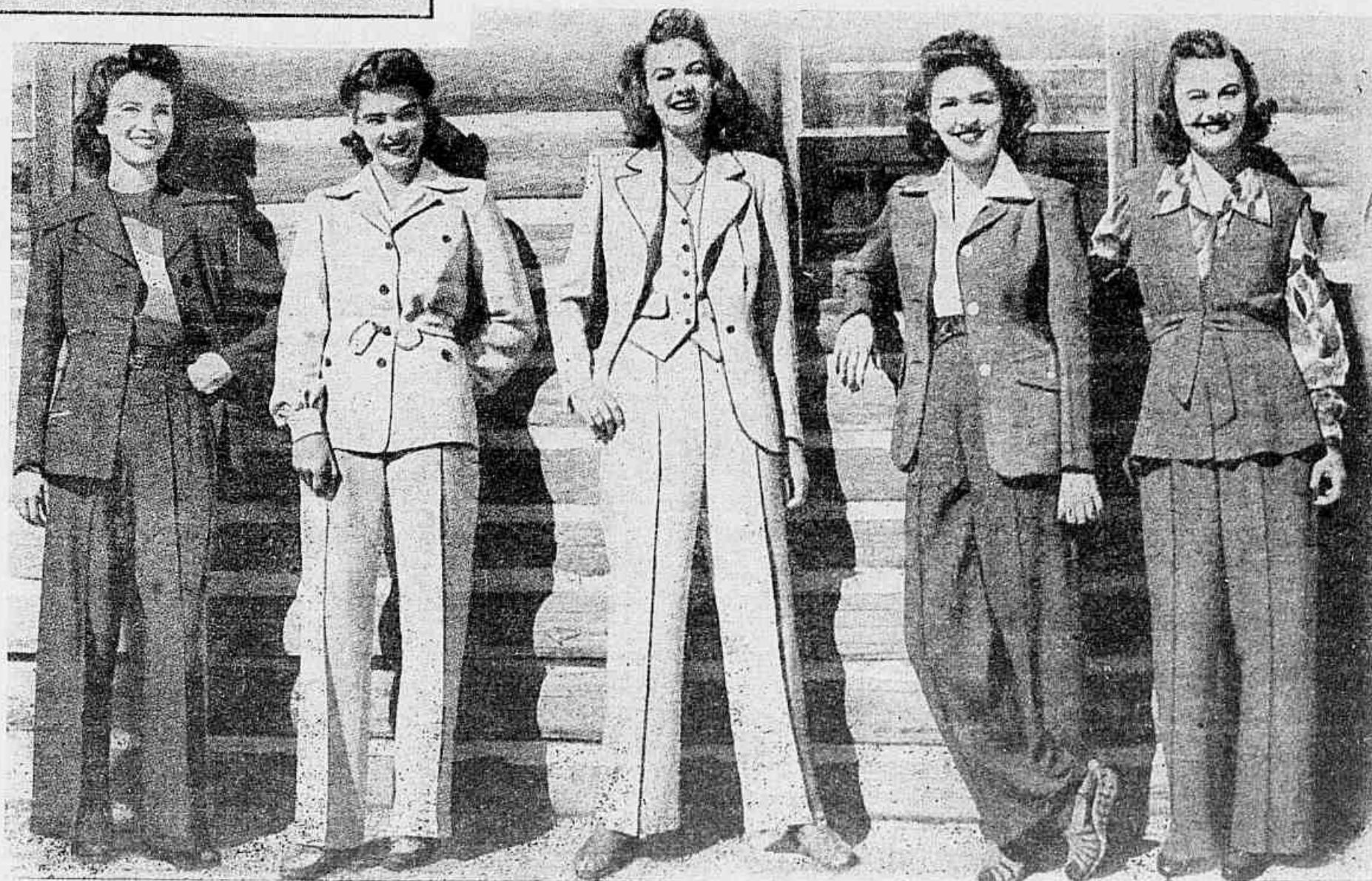
1 — Costume composto de calça e casaco de tecido de seda ou linho cinza. A blusa de seda listada de diversos tons vivos.

2 — Calça e casaco de tecido de linho ou de algodão. Faixa do próprio tecido.

3 — Costume de shantung branco; o que tira o aspecto masculino do costume é o ponto de festão feito com linha azul marinho, guarnecendo os revers e bolsos.

4 — Calça de lã ou shantung marron, casaco do mesmo tecido bege. Blusa de toile de seda branca ou azul claro.

5 — Calça e casaco de shantung ou linho verde, a blusa de crepe ou cambraia branca com desenhos verdes.



MÁSCARA DE LAMA
RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos
LIMPA OS POROS — MODELA O ROSTO
A VENDA EM TODA A PARTE

Pijamas modernos



- 1 — Pijama de jersey de seda executado em dois coloridos: bege claro e turquesa, cor de limão e vermelho fogo, amarelo claro e azul escuro.
2 — Saia-calça muito ampla, de shantung ou linho cor de limão, a blusa do mesmo tecido de fantasia com grandes folhas verdes.

DOIS VESTIDINHOS ELEGANTES



- 1 — Avental amplo de zefir branco com xadrez vermelho, vestido de tecido vermelho e gola branca. 2 — Avental de zefir rosa com pintas azues, sobre vestido de linho azul.

“Nação Armada”

Revista Civil-Militar consagrada à Segurança Nacional.
Numero de Abril á venda.

Com humor desorientamos os pérfidos, ao mesmo tempo que anulamos as perfídias. Com humor e fina ironia vivemos, inteligentemente, até no paraíso dos medíocres

Renato Kehl.

Vestidos leves



- 1 — Vestido de shantung branco, saia en-forme e com franzidos. Bolsos aplicados.

- 2 — Vestidos de linho branco, enfeitado com viezes azues. Ancoras bordadas.

- 3 — Vestido de crepe verde e saia com franzidos. Os bolsos e punhos guarnecidos com festonados.

UM LIVRO PARA TODOS

V. S. ainda poderá encontrar nas livrarias e bancas de jornais o “ALMANAQUE EU SEI TUDO” para 1942, em cujo texto constam, entre mil assuntos, os seguintes:

A prova de fogo — A árvore de Turene — Desvendando o futuro — Brady, precursor dos reporteres fotográficos — Causas e sentenças contra animais — Os últimos samaritanos — O maior convento do mundo — A paternidade das frases célebres — Proverbios de todos os povos — O Canal de Suez — O vinho que vira água — Um peixe que pesca — Estômagos incríveis — Chamam Paleosiberiano — Quem foi Barba Azul? A árvore tunel — A aranha que pesca — De quando datam os cachimbos — Gargantua — Um inseto que hipnotiza — Os juramentos da felicidade — Calendário de 1942.

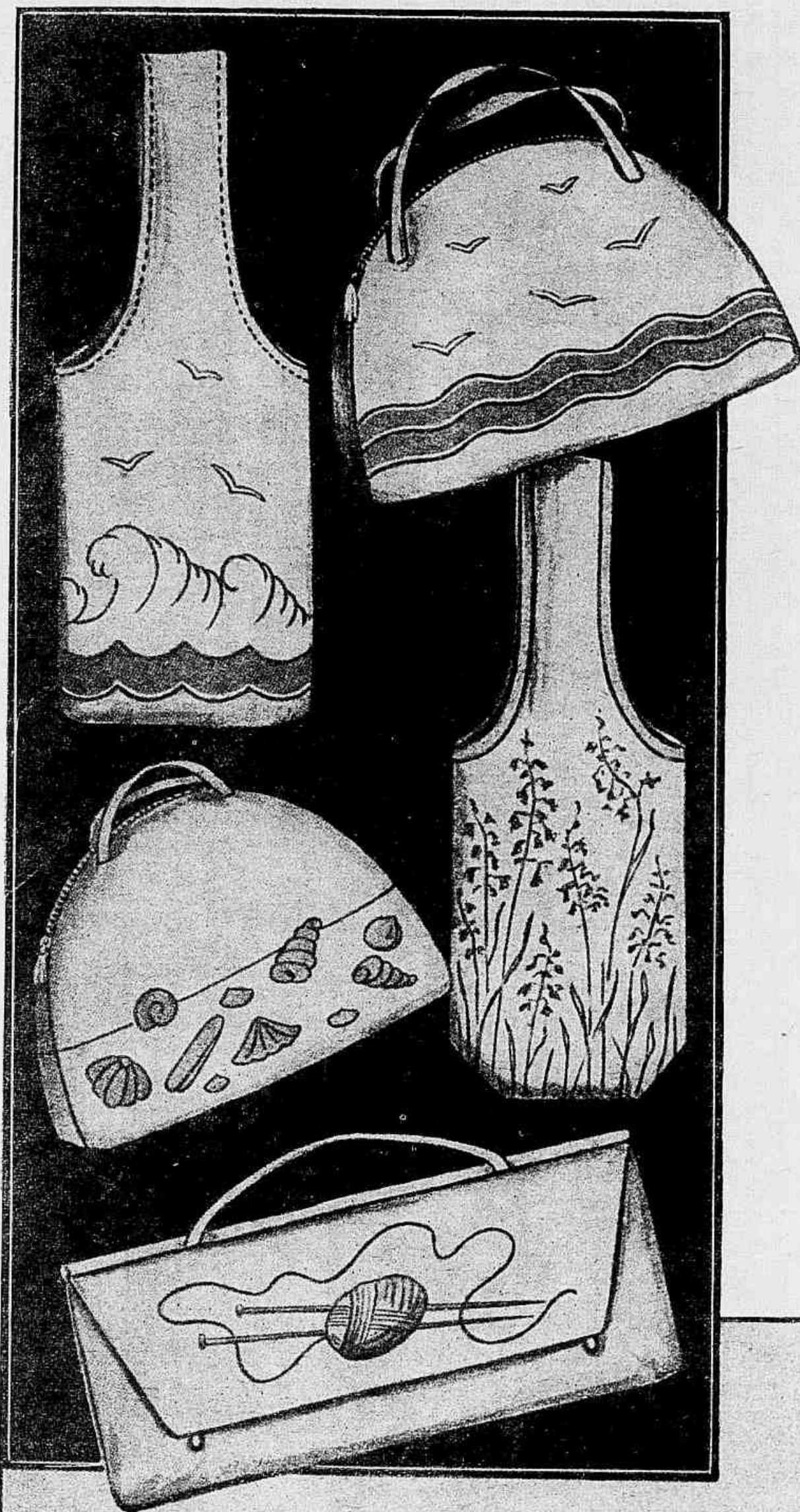
“ALMANAQUE EU SEI TUDO” — Maravilhosa edição à venda por 5\$000, no Rio, e 6\$000 nos Estados.

Redação: Maranguape, 15 — Rio

Ornamentação do Lar

Bolsas e sacos para trabalho e para a praia

Estas bolsas ou sacos para trabalho, roupa de banho etc., que tenham alças estreitas ou largas, com fecho "éclair" ou abotoadas com botões, todas elas são feitas em linho grosso ou brim. Em coloridos vivos ou nos tons cinza ou bege. Terminados com pespontos ou viezes de outro colorido. São guarnecidos com aplicações de tecido de outro tom, mantidos por um ponto de "bourdon" ou de fustão: o mar, as vagas, as conchas. As aves, as flores e outros detalhes são bordados.



*Mobiliários,
Tapeçarias e
decorações*

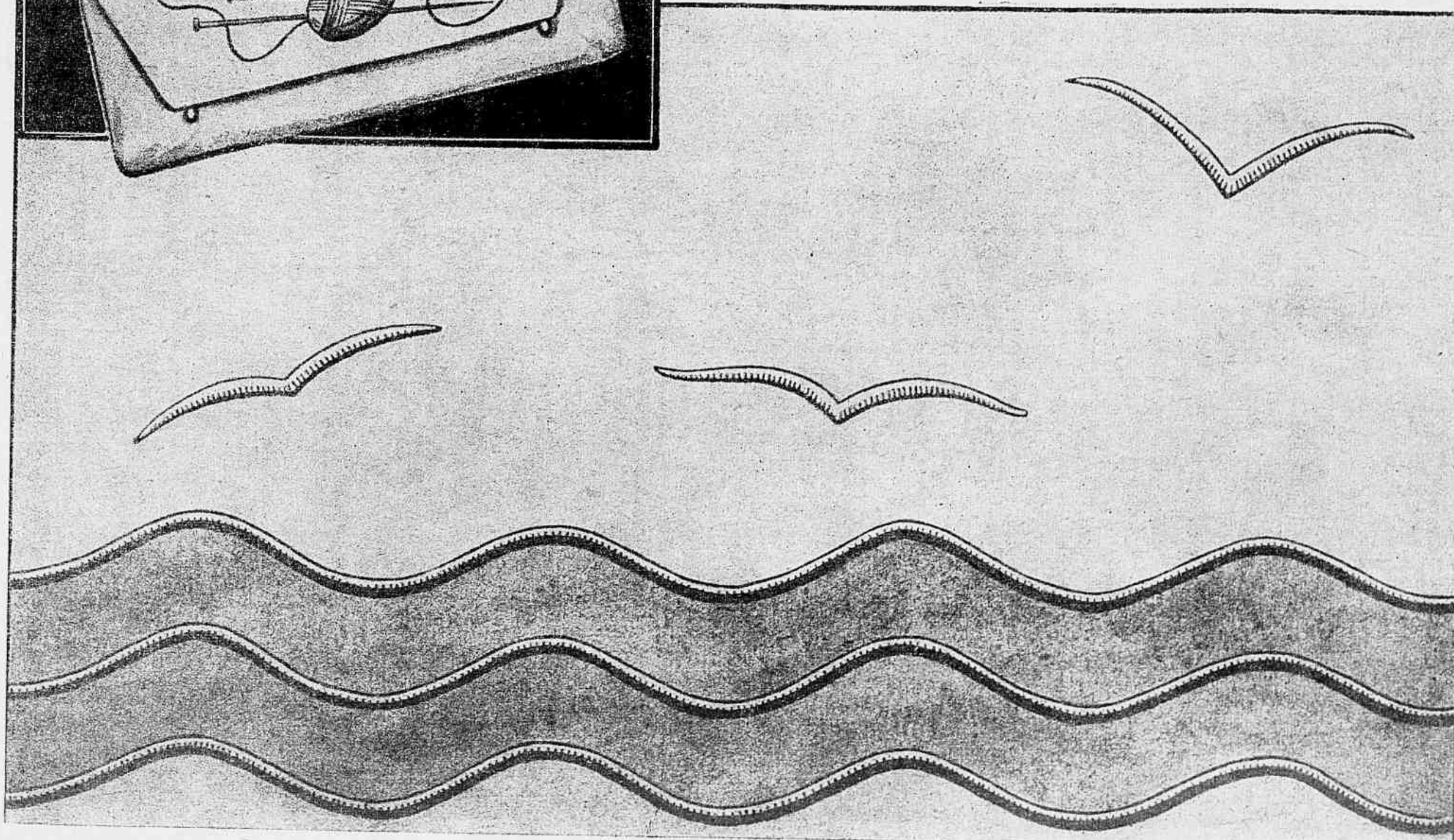
CORTINAS
PASSADEIRAS
TECIDOS

ASA **UNES**

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL

65 - RUA DA CARIOCA - 67 - RIO

1 — Bolsa longa em linho azul céu, o mar aplicação de tecido azul esverdeado, as vagas em tecido branco, o ponto de bourdon com linha azul, as gaivotas bordadas com linha branca. Medidas: 55 x 25. 2 — Bolsa em feitiço de meia lua de linho azul, com aplicações de tecido azul mais escuro e gaivotas bordadas com linha branca com fecho éclair. Medidas: 25 x 35. 3 — Bolsa tendo a parte de cima cinza claro e a de baixo amarelo claro, as conchas aplicadas em linho branco, fecho éclair. Medidas 25 x 35. 4 — Bolsa longa de linho cinza claro, as hastes e folhas bordadas com linha verde, as flores com linha vermelha. Debruada com viez verde ou vermelho. Medida: 55 x 25. 5 — Bolsa longa para guardar o tricot, em linho rosa, verde claro ou azul, o bordado representa um novelo com as agulhas de tricot. Medidas: 45 x 20.



Pijamas e roupões modernos

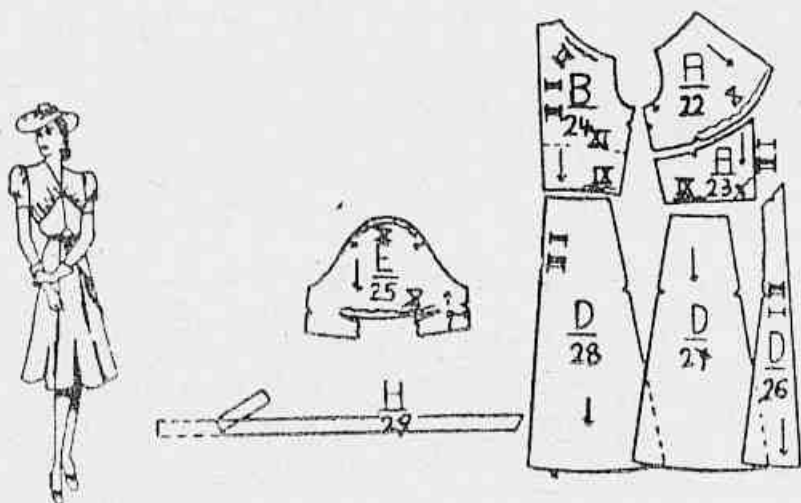


1 — Pijama elegante — Calça e bolero de setim preto, a blusa de lamê prateado. 2 — Roupão de setim verde palido. 3 — Pijama e roupão de crepe no colorido chartreuse.

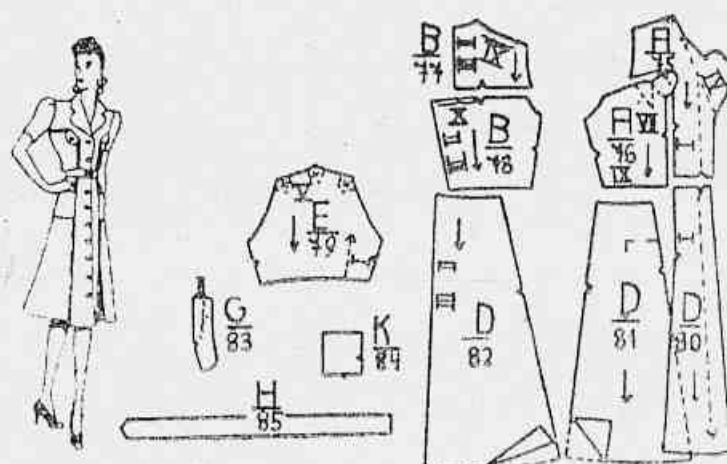
Vestido de crepe azul marinho, largo cinto nos coloridos azul, verde e bege claro.

CREME DE MASSAGEM
RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos
ALIMENTA A PELE — CONTRA AS RUHAS
A VENDA EM TODA A PARTE



Moldes para vestido de crepe ou tecido flexível, formando uma especie de corselet.



Moldes para vestido de linho ou zefir.



Vestido de crepe cinza claro com desenhos multicores. Fita de setim preto na cintura e nas mangas. Gola de crepe branco.

86 RECEITAS Grátis!

Poderá encontrá-las em "Meu Livro de Receitas", o qual, além de atraente e finamente ilustrado, contém uma variedade de receitas de toda especie de pratos deliciosos com

MAIZENA DURYEA

À MAIZENA BRASIL S. A. 31
CAIXA POSTAL, F. S. PAULO

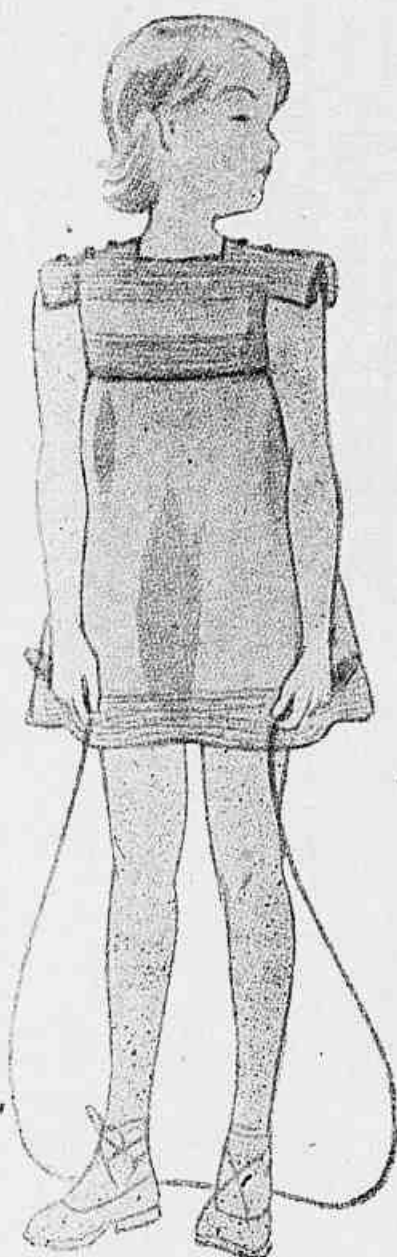
Peço enviar-me, **grátis**, o "Meu Livro de Receitas"

Nome _____
Rua _____
Cidade _____ Estado _____

MENTHOLATUM
nos ferimentos e
nas contusões.
Acalma e cura
TENHA-O SEMPRE A' MÃO.

"MAMÃE!
TRAGA
O
MENTHOLATUM!"

Modelos para Crianças



Vestidinho de linho vermelho, guarnecido com ordens de pespontos verde escuro.



Vestido de zefir escocês; gola e punhos de fustão branco.



Para a Primeira Comunhão

1 — Vestido para a Primeira Comunhão, em marquize, guarnecido com babados plissados. Touca do mesmo tecido e véu de tule. 2 — Costume para menino, de drap preto. 3 — Vestido de crepe georgette, enfeitado com nervuras e fita de setim. Touca do mesmo tecido e véu de organdi. 4 — Vestido elegante; saia de crepe georgette e blusa de renda. A touca de crepe com rosas, véu de tule. 5 — Costume de lã azul marinho, com gola á marinheira. 6 — Vestido de crepe da China, guarnecido com bordado de soutache de seda branca e nervuras. Pequeno véu de tule. 7 — Vestido de crepe mongol, na saia nervuras e aplicações com recortes em bicos. Como guarnição galão de seda branca. Touca de crepe e véu de tule.

Aventaes, vestidos para a casa e roupas de baixo



1 — Avental de organdi branco, guarnecido com bordado feito com linha vermelha. 2 — Avental de crêtone branco com desenhos verdes e o mesmo tecido verde. 3 — Avental de linho branco, enfeitado com botões de côr. 4 — Avental, gola e punhos de cambraia branca guarnecidos com renda. 5 — Vestido singelo de linho branco azul, guarnecido com cadaço zig-zag azul. 6 — Camisa de dormir de crepe da China, enfeitada com nervuras e renda. Faixa de fita. 7 e 8 — Camisa e calça de crepe, guarnecidas com franzidos.



Vestido de crepe georgette rosa hortense, guarnecido com nervuras.

Vejam o perigo. Portanto, aqueles que tem uma hernia não hesitem, façam-se operar. Que uma pessoa idosa fique com a hernia, isto é possível, porque na velhice as hernias são volumosas e por esta razão não correm tanto o perigo de estrangular-se, mas que um adulto prefira conservar este mal, sempre incomodativo e ameaçador, a passar um mão quarto de hora, não se compreende.

Não ha o menor perigo. A cura radical da hernia é hoje cirurgia banal, é portanto inutil ficar doente quando se pode ficar bom sem riscos.

CONSELHOS PRATICOS

Para encerar os moveis — Fazer derreter 15 grs. de carbonato de potassa hidratado, 40 grs. de cera branca em meio-litro de agua, em banho-maria.

Quando a mistura está bem perfeita, assemelha-se a agua pura.

Côa-se por um pano e guarda-se num vidro de boca larga. Para empregar, aquece-se o vidro em banho-maria e passa-se uma leve camada (uma só) com um pincel. Passadas vinte quatro horas, esfrega-se energicamente com uma flanela, obtendo-se assim muito brilho.

PRECEITOS DE HIGIENE

AS HERNIAS

A operação é o unico processo radical da cura da hernia. A operação é sem perigo quando não ha estrangulamento. O unico aborrecimento é ter de ficar imobilizado durante alguns dias na cama. Mas vale a pena quando se trata de ficar socegado toda a vida.

Não ha outra coisa a fazer, porque as fundas e cintas não evitam completamente

o estrangulamento, dando apenas uma garantia relativa á ameaça quotidiana.

Quanto menor a hernia mais depressa deve ser operada, porque as pequenas são mais perigosas que as grandes, estrangulam-se mais facilmente.

E quando ha estrangulamento é precisa a operação imediata e feita em peores condições, com probabilidades de conservar uma parede abdominal menos solida.

Conhecem o mecanismo do estrangulamento herniario?

Uma hernia é constituida por uma alça intestinal que, devido a esforços, fez saliencia atravez a parede abdominal num ponto onde esta parede está fraca. Na sua saída, o intestino é apertado por um anel muscular. Que este anel aperte o intestino, o estrangule por uma causa qualquer, então a parte estrangulada esfacela-se, gangrena-se, perfura-se e declara-se a peritonite, sempre muito grave. Tudo isso acontece em algumas horas.

Manchas de gordura na madeira

Assim como nos tecidos o talco presta bons servicos, para tirar as manchas de gordura. Pôr uma boa camada e colocar em cima um ferro de engomar, retirar o talco que já chupou parte da gordura e pôr nova camada. Deixando-se tambem algumas horas o talco sobre a nodoa, depois de bem comprimido pôde tirar a mancha sem ser preciso o ferro quente, porque este só pode ser usado sobre as madeiras não envernizadas.

Vestidos singelos



- 1 — Saia azul marinho em crepe, blusa e túnica do mesmo tecido branco. Cinto azul marinho.
2 — Vestido de linho branco, guarnecido com pespontos.
3 — Vestido de shantung de dois coloridos: amarelo palido e azul claro.



Vestido de crepe rosa, guarnecido com estreita renda preta. Chapéu de palha preta com rosas côr de rosa.



Vestido para a manhã, de linho ou cretone florido. Decote quadrado e bolsos originais.

Um livro para todos

V. S. ainda poderá encontrar nas livrarias e bancas de jornais o **"Almanaque Eu Sei Tudo"** para 1942, em cujo texto constam, entre mil assuntos, os seguintes:

A prova de fogo — A árvore de Turene — Desvendando o futuro — Brady, precursor dos reporteres fotográficos — Causas e sentenças contra animais — Os últimos samaritanos — O maior convento do mundo. A paternidade das frases célebres — Provér-

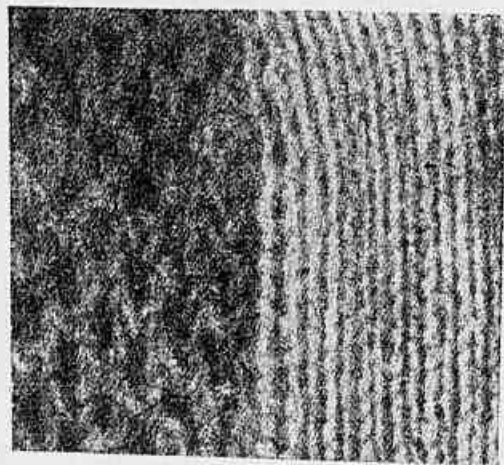
bios de todos os povos — O Canal de Suez — O vinho que vira água — Um peixe que pesca — Estômagos incríveis — Chaman Paleosiberiano — Quem foi Barba Azul? A árvore fatal — A aranha que pesca — De quando datam os cachimbos — Gargantua — Um inseto que hipnotiza — Os juramentos da felicidade — Calendário de 1942.

"ALMANAQUE EU SEI TUDO" — Maravilhosa edição à venda por 5\$000, no Rio, e 6\$000 nos Estados.

Redação: Maranguape, 15 — Rio.

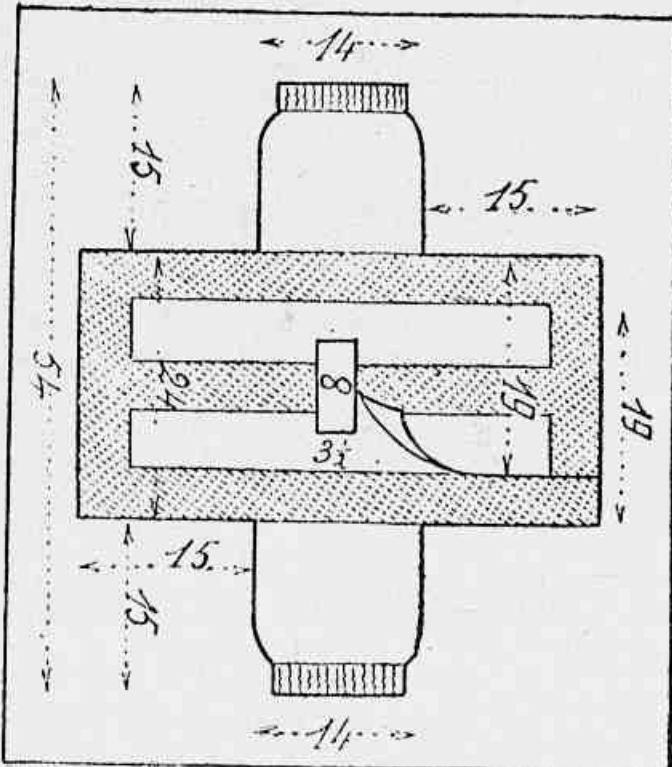


Capo- tinho = de = tricot



Os pontos de jersey e de ninho de abelhas, empregados no tricot.

O molde com as suas medidas.



São necessarias 150 grs. de lã branca de 2 fios e 50 grs. da mesma qualidade de lã, no tom rosa ou azul claro, 2 agulhas de tricot 3mm. de diametro, duas agulhas de tricot de 2mm. e meio de diametro e 1 agulha de crochet de 3mm. e meio de diametro.

Pontos empregados — Ponto de jersey: 1 carreira pelo direito, uma carreira pelo avesso. — Ponto ninho de abelhas: é tricotado sempre pelo direito. 1.ª carreira — pelo direito. — 2.ª carreira: escorregar 1 malha (x) tricotar a primeira malha pelo direito, tricotar a 2.ª malha pelo direito mas metendo a agulha de tricot na malha da carreira precedente, deixar cair a malha de cima colocada na agulha esquerda (x), 1 malha pelo avesso. — 3.ª carreira: toda pelo direito. — 4.ª carreira como a 2.ª, começando por uma malha escorregada (x) tricotar a 1.ª malha metendo a agulha de crochet na carreira precedente para colocar esta malha desencontrada com a tricotada da mesma maneira na segunda carreira, 1 malha pelo direito, (x) 1 malha pelo avesso. Recomeçar como na primeira carreira.

Execução — Começar pela parte de baixo da frente, pondo 72 malhas com a lã rosa na agulha de tricot, fazer 4 centímetros no ponto de ninho de abelhas; depois, no direito do trabalho, da direita para a esquerda, começar as tres listas verticaes rosas indicadas no desenho em cinzento, tricotando 15 malhas rosas no ponto de ninho de abelhas e 15 brancas no ponto de jersey, 12 rosas no ponto ninho de abelhas, 15 brancas no ponto de jersey, 15 rosas no ponto ninho de abelhas. De cada lado direito, a 15 centímetros de altura nas duas extremidades duma carreira, juntar 36 malhas brancas, para cada manga, tricotadas no ponto de jersey. Quando medir 20 centímetros de altura, colocar a metade das malhas numa

outra agulha, á espera, e trabalhar as outras fechando do lado da gola 12 malhas na primeira carreira, a direito em seguida durante 3 centímetros e meio, depois juntar do lado da gola 32 malhas, a agulha ficando com 92 malhas, tricotar desta maneira no direito do trabalho da direita para a esquerda: 14 malhas brancas no ponto de jersey, 12 rosas no ponto de ninho de abelhas (metade das costas), 15 malhas brancas no ponto de jersey, 15 malhas rosas no ponto de ninho de abelhas, 36 malhas brancas no ponto de jersey. Quando medir 29 centímetros de altura, fechar nas extremidades da carreira as 36 malhas das mangas. Tricotar as malhas restantes na ordem estabelecida durante 10 carreiras, terminar por 4 centímetros no ponto de ninho de abelhas com a lã rosa.

Retomar a outra metade das malhas deixadas á espera para tricotar-las da mesma maneira.

Punhos das mangas — Com as agulhas mais finas apanhar as malhas da terminação das mangas, tricotar 2 centímetros e meio no ponto de gaita, 2 malhas pelo direito, 2 malhas pelo avesso, com a lã branca.

Depois de feitas as costuras, rodear a gola e as fendas com duas carreiras de pontos baixos executados com a agulha de crochet.



QUASI sempre o sucesso na vida social e comercial depende da **bôa apresentação**. Homens moços, não pôdem ter cabelos brancos ou falta de cabelo. A Loção Brilhante acaba com a caspa, seborréia e parasitas do couro cabeludo, evitando a calvície e restituindo a cor primitiva, sem tingir.

● Pense mais em "manter os cabelos", evitando sua queda ou embranquecimento. 70% dos homens têm propensão para calvície, que é favorecida pelo descuido no tratamento do cabelo antes dos 30 anos! A Loção Brilhante remove completamente as partículas invisíveis de pó que se depositam sobre o cabelo e obstruem os bulbos capilares. Use diariamente Loção Brilhante em uma enérgica fricção de 40 segundos. A Loção Brilhante elimina a caspa, a seborréia e as afecções do couro cabeludo.

LOÇÃO BRILHANTE
destrói os germens da caspa infecciosa.



Estes são os germens de caspa infecciosa; que se põe de contrair a qualquer momento. Para combater os germens e evitar a caspa faça uso diario da Loção Brilhante.



LABORATÓRIOS
ALVIM & FREITAS

Loção Brilhante

A GUARDEM

Em Maio proximo o numero especial de aniversario da
REVISTA DA SEMANA

CABELLOS BRANCOS
CASPA
Quêda dos Cabellos
JUVENTUDE ALEXANDRE



Echarpe de crochet

Esta **echarpe** é feita numa simples rede de **crochet** de feitiço triangular, com a barra bordada em diversos coloridos.

Para executar este trabalho escolhe-se tons vivos harmonizando com o colorido da rede.

Execução — É necessário um novelo de lã Zefir de tom vivo, por exemplo verde tyrol, lã vermelha e bege claro para a guarnição (não é preciso um novelo para cada um desses últimos coloridos), uma agulha de **crochet** de aço n. 19 e uma agulha de bordar um pouco longa.

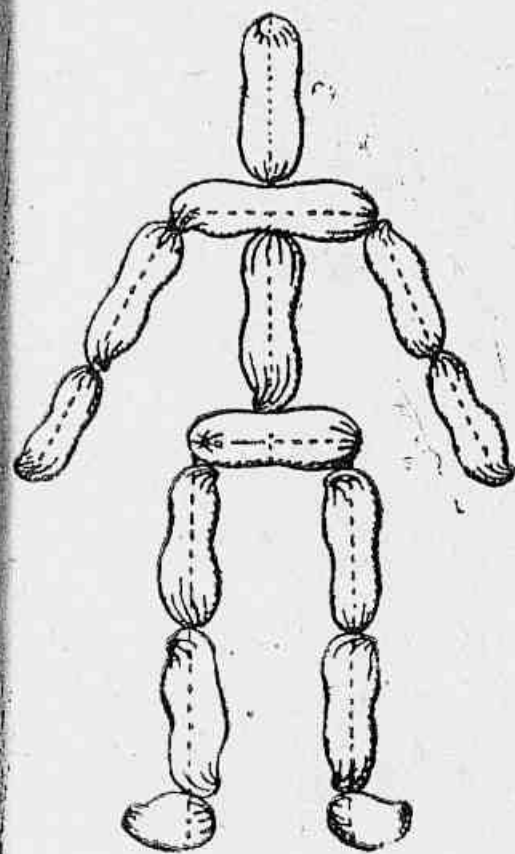
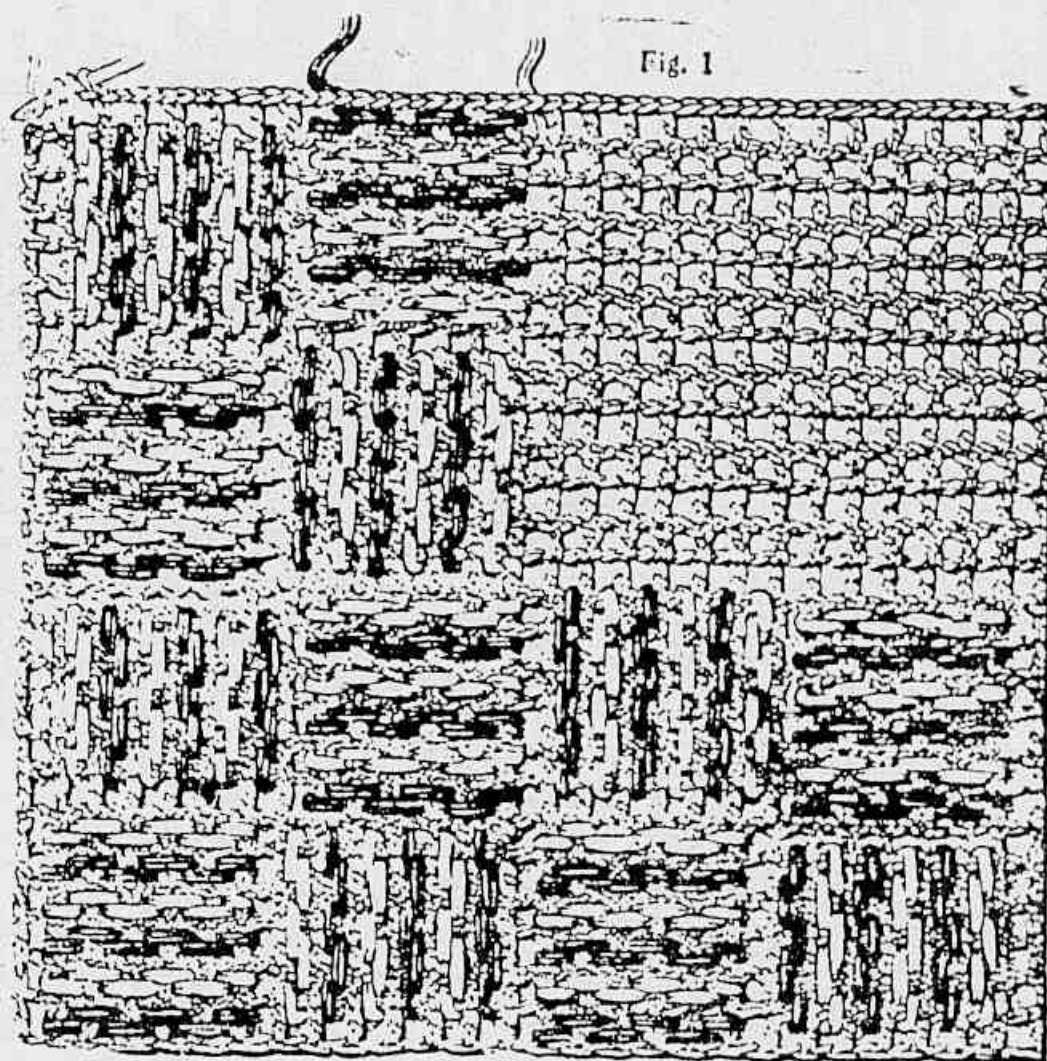
Começar a roda fazendo uma trancinha de 120 malhas e 3 malhas a mais para voltar, fazer 1 ponto alto na 4.^a malha sobre a trancinha, 1 malha de trancinha, saltar 1 malha, ponto alto na malha seguinte, e assim até o fim da carreira.

Diminuir deixando de fazer o último ponto alto no fim de cada carreira de um só lado e continuar o mesmo

ponto pondo sempre os pontos altos uns sobre os outros. Continuar o mesmo trabalho fazendo sempre do lado direito, 3 malhas de trancinha para voltar, e diminuindo de um ponto alto no fim da outra carreira até que não restem mais malhas (fig. 1).

Depois guarnecer os dois lados com os quadrados no ponto de serzir, com os outros dois tons de lã, como mostra a fig. 1.

O tom claro indica o colorido **beige** e o escuro o vermelho.



Bonecos fetiches de amendoim



Todos acham graça nos fetiches originais, damos aqui uns cujos corpos são feitos com amendoins.

Os vestuários são executados com retalhos de tecidos vistosos. Nisso deve se lançar no excessivo para poder admitir a fantasia. No corpo como se pôde ver nos desenhos, os amendoins são bastantes diversos de feitiço e de grossura. Porque encontram-se pequenos contendo só um grão, que são reservados para os pés. Os amendoins colocados horizontalmente nos ombros e quadris, devem ser mais longos para os ombros que o dos quadris. O traço pontilhado que risca o desenho, indica os fios de linha que mantem o todo. Um pri-

GRIPES RESFRIADOS NEURALGIAS



DÔRES de CABEÇA

TRANSPIROL

meiro fio vertical parte do amendoim horizontal formando os quadris, atravessa o vertical formando o tronco, assim como o que simula os ombros e o da cabeça. Outros fios partem de uma extremidade (pé ou mão) para terminar na outra extremidade (pé ou mão). O fio saindo pela cabeça será bastante longo para poder dependurar o fetiche por ele. Mais os vestuários serão excêntricos, mais o aspeto será engraçado. O Chinez será vestido com túnica de seda de ramagem multicôr, ou bordada. A calça de setim verde, azul ou preto. O chapéu de papel preto. Os bigodes formados por fios de seda preta passados na goma arábica, olhos, boca e nariz pintados com tinta de Nan kim.

MENU DE ALMOÇO

CUSCÚS DE CAMARÕES

Litro e meio de farinha de milho, peneirada com 1 pires de farinha de mandioca, umedece-se com água fria temperada com sal, juntando em seguida coentro, salsa e cebola verde tudo bem picado. Pôr numa panela bastante banha, assim que estiver bem quente juntar uma cebola grande cortada em fatias, 6 tomates grandes, pimenta e deixar refogar bem. Juntar depois 1 quilo de camarões cozidos e descascados, despejando em seguida este refogado com os camarões sobre a farinha preparada. Faz-se á parte um refogado com palmito cozido e picado em pedaços. Pôr para cozinhar também uns 6 ovos, estes são cortados em rodela. Arrumar no cuscuseiro uma camada de farinha com os camarões, sobre esta alguns pedaços de palmitos, ovos e azeitonas, depois outra de farinha, até acabar todos os ingredientes. Por na parte de baixo do cuscuseiro água até o meio e assim que ferver encaixar a outra parte em cima. Cobrir com folhas de couve e por cima um guardanapo do qual amarram-se as pontas. Quando as folhas de couve estiverem cozidas está pronto o cuscús.

Póde-se, querendo, juntar ao cuscús de camarões postas de peixe, sardinha de lata.

CEBOLAS RECHEADAS

Escolhem-se cebolas não muito grandes, depois de tirada a casca, corta-se a parte de cima, guardando-se para formar a tampa. Com a ponta da faca, tira-se com todo o cuidado a parte do centro para formarem umas tigelinhas, estas são recheiadas com o seguinte picado: Passa-se na maquina um pedaço de carne, mas que a carne não forme massa, fiquem os pedacinhos separados. Faz-se um refogado com manteiga juntando parte do que se tirou das cebolas, alguns tomates, juntar a carne, deixar tomar cor para molhar com calda de carne, juntar um bouquet de cheiros e deixar cozinhar em fogo brando. Misturar no picado algumas azeitonas, ou ovos duros picados. Tampar as cebolas com a parte reservada para este fim e mantê-las com um palito. Arrumam-se as cebolas recheadas num prato que possa ir ao forno, despeja-se dentro caldo de carne, tampa-se o prato e deixa-se cozinhar as cebolas.

TALHARIM COM MOLHO DE LEITE

Pôr para cozinhar 600 grs. de talharim picado, depois escorrer bem a água, juntar 100 grs. de manteiga e 100 grs. de queijo parmeão ralado, temperar com pimenta e noz moscada ralada, ligar depois com 4 boas colheres de molho, feito com leite, maizena e manteiga. Arrumar numa travessa que possa ir ao forno, alisar bem a superfície, despejar por cima 150 grs. de manteiga derretida, peneirar por cima farinha de rosca e pôr no forno uns minutos.

PERNA DE CARNEIRO ASSADA

Toma-se uma boa perna de carneiro, depois de bem lavada, dá-se um golpe com a ponta da faca na parte mais carnuda da perna e mete-se o dedo para retirar a glandula que dá mau cheiro á carne. Em seguida golpeia-se com a ponta da faca toda a perna e mete-se dentro de cada golpe uma lasca de toucinho, uma rodela de chouriço, salsa, pimenta, cravinho moído, rega-se com vinho branco. Vae assar no forno, regando-se de vez em quando com o seu molho, ou com caldo de carne. Serve-se com o seguinte molho:

Põe-se numa panela um pouco de manteiga junta-se farinha de trigo e cebolas cortadas em rodela, assim que as cebolas estiverem refogadas juntar um pouco de caldo de carne, tempera-se com sal, pimenta em grão e noz moscada ralada, deixa-se ferver até que as cebolas estejam bem cozidas, passa-se então por um passador ou peneira, tempera-se com um pouco de mostarda desfeita numa pequena quantidade de vinagre. Junta-se a este molho o molho do assado coado e desengordurado.

SALADA DE ABACATES

Escolher abacates maduros, mas não muito moles, tirar a casca e cortar em fatias, arrumar num prato de cristal, fazer um molho com sal, caldo de limão e pimenta, despejar em cima das fatias de abacate, enfeitar com rodela de tomates e de limão.

OMELETA

Batem-se seis ovos com duas colheres de leite, tempera-se com sal e pimenta. Pôr numa frigideira uma colher de manteiga, assim que aquecer despejar dentro os ovos batidos. Assim que começar a cozinhar, levantar com a ponta da faca, e despejar uma colher de manteiga e vae se enrolando a omeleta. (Só com bastante gordura enrola-se bem uma omeleta). Póde-se variar o gosto da omeleta, juntando cebola picada, queijo ralado, salsa picada, assim como póde ser recheiada com qualquer picado, de carne ou de legumes.

PUDIM FRANCES

Untar uma forma com bastante manteiga, depois forrar com palitos franceses, o fundo e os lados, em seguida ir enchendo as camadas com os seguintes ingredientes: picar em pedacinhos laranja, abacaxi, cidra e limão cristalizados e passas sem as sementes. Por cima de uma camada das frutas uma de palitos franceses e assim ir arrumando até certo ponto para dar lugar para o creme.

Preparar um creme feito com meio litro de leite misturado com igual quantidade de creme de leiteira, 350 grs. de açúcar, 8 gemas, perfumar com uma fava de baunilha ou com raspa de limão, despejar esta mistura dentro da forma e pôr para cozinhar em banho-maria. Deve cozinhar uma hora. Serve-se este pudim com um molho de creme, perfumado com baunilha ou com raspa de limão.

PÃES DOCES

Desfazer 12 grs. de fermento (fermento de pão, pão cru) com dois decilitros e meio de

leite morno, misturar este fermento com 250 grs. de farinha de trigo peneirada, cobrir a massa obtida, para crescer, até dobrar a sua altura primitiva. Juntar então ao fermento 250 grs. de farinha de trigo, e juntar pouco a pouco 2 ovos inteiros, e 5 gemas, trabalhando bem a massa com as mãos. Juntar uma pitada de sal, 2 colheres de açúcar e 2 colheres de creme de leiteira (nata). A massa deve ficar depois de bem amassada antes mais dura que mole, formar uma bola e cobrir, para de novo dobrar o seu volume. Tirar então pedaços da massa do tamanho de uma noz, arredonda-la com as mãos rapidamente, ir arrumando sobre toalha peneirada com farinha de trigo com alguma distancia entre eles. Cobrir com um pano, mas de maneira que o pano não toque nos pãesinhos. Deixar crescer uns 25 a 30 minutos num lugar quente (temperatura da cozinha).

Depois tomar um a um e arrumar em taboleiros bem untados com manteiga. Pôr no forno assim que já estiverem quasi prontos regar com um pouco de leite quente. Levemente para dar brilho por cima. Acabar de assar.

Da. JOSEFINA DA COSTA SILVEIRA diz:

Em casa todos

apreciam Quaker Oats



Para maior valor — Insista em QUAKER OATS

Nem toda aveia é Aveia Quaker. As palavras "Quaker Oats" são a marca registrada que identifica unicamente a original e legítima Aveia Quaker. Ao adquiri-la, veja se a lata traz estas duas palavras e a figura do Quaker. São a garantia da mais alta qualidade e do maior valor nutritivo. Insista na legítima Quaker Oats, em lata hermeticamente fechada.



QUE alimento de valor extraordinário! Não há ninguém, em minha família, que não tire proveito da deliciosa Quaker Oats. O Thiamin (Vitamina B-1), o ferro, o fósforo e as proteínas que Quaker Oats contém em abundância, fortalecem o organismo, tonificam os nervos, auxiliam a digestão, enriquecem o sangue e evitam o nervosismo e o cansaço. Um mingau de manhã, uma sopa ao almoço ou alguns bolinhos para o chá, preparados com Quaker Oats, são sempre muito apreciados. Compre Quaker Oats e receberá o peso integral — 567 gramas em cada lata.

QUAKER OATS

Mais peso e melhor qualidade asseguram maior rendimento por lata

Raça preta no Canadá

No nordeste do Canadá, nos confins do Alaska, numa região de neve e de gelo, existe uma raça de índios pretos.

Esses indígenas, que residem em pleno território do Yukon, a algumas milhas do Oceano Artico, são tão pretos como os reários da Africa central. Mas tem os cabelos lisos, o nariz aquilino. Tem muito orgulho da sua raça e casam-se só entre eles. Os indivíduos dessas tribos gozam duma saúde robusta, mas o seu numero vae decrescendo, devido — dizem — aos casamentos consanguíneos.

A existencia d'esta raça preta nos confins do Alaska é um dos misterios mais singulares da etnografia americana.

Entre os especialistas que se occuparam com a questão, uns julgam que se trata de descendentes de uma tribu americana desconhecida, os outros — os partidarios da famosa teoria pretendendo que a Asia e a America formavam outrora um unico continente — asseguram que se trata de um ramo da raça hindu vinda, nos tempos prehistoricos, desegarrar-se naquelas regiões boreaes.

FIGURINOS

DIVERSOS

...e a que família ele pertence?



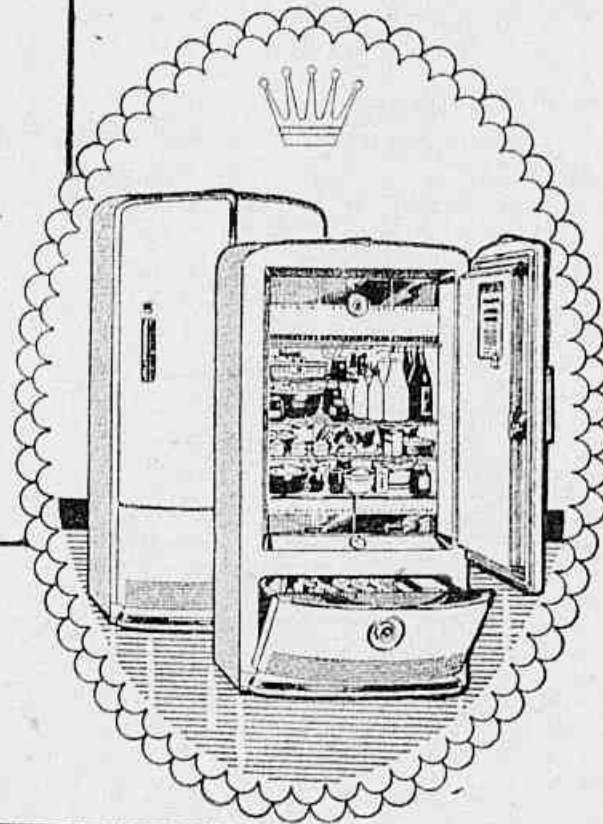
Vestido simulando um costume, de crêpe de fantasia, guarnecido com franzidos e babadinhos plissados.



Eis uma pergunta que tem sido formulada milhões de vezes, sempre que está em jogo uma decisão de magna importância.

Ela sintetiza uma experiência universal: a experiência de que *bóas* árvores é que dão *bons* frutos.

Também na vida comercial é esta uma pergunta que se aplica sabiamente. Ao escolher, por exemplo, o seu refrigerador, o senhor terá mais garantia e mais certeza de uma seleção feliz, preferindo um Frigidaire — fruto de uma nobre família industrial, que nos tem dado tantos elementos líderes, como Cadillac, Oldsmobile, Buick, Pontiac, Chevrolet ... e outras criações que são bem um atestado da excelência de uma organização.



FRIGIDAIRE

UM PRODUTO da GENERAL MOTORS



Vestido de crêpe azul, a saia com tiras aplicadas e nervuras. Gola e punhos de crêpe branco bordados com linha azul.



Vestido para a noite de tule azul "aguardante", guarnecido com franzidos e babadinhos plissados. Duas grandes rosas, vermelho escuro no decote.



Vestido de voile vermelho enfeitado com cadaço zig-zag branco. Pode ser executado em linho.



Vestido de tafetá de rayon multicolor, as listas formando xadrez, sobre fundo azul marinho.

Modelos para o "black-out"

A influencia
da guerra
no vestuario
noturno



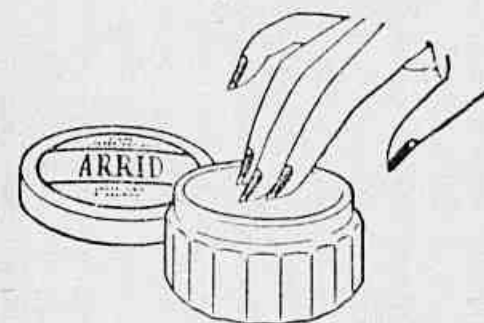
Avental e guarda-chuva brancos.

Michel
O BATON
DAS MULHERES BONITAS

Manteau com capuz de seda branca.

PARA SAIR A' NOITE

Novo... CREME
Desodorante *que Detém*
A Transpiração
das Axilas sem perigo



1. Não danifica os tecidos, não irrita a pele.
2. Não é preciso esperar que seque.
3. Detém instantaneamente a transpiração de 1 a 3 dias. Remove o odor da transpiração.
4. Um creme evanescente, branco, puro, sem gordura.
5. ARRID traz os Selos de Aprovação dos Institutos Internacionais de Tinturaria, como inofensivo aos tecidos.

ARRID

É usado por mais mulheres do que qualquer outro desodorante.

PREÇO **4\$800** 9\$500
Pote grande

Distr.: S. V. Mangual & Cia. — Rio
Rua Paulino Fernandes, 55

Preços pelo Correio:
5\$000 resp. 10\$000 (grande)



Ao alto, á esquerda — Vestido e turbante brancos;
o colar, o cinto e as luvas no colorido verde.

Ao alto, á direita — Casaco longo de lã, crepe ou
fustão.

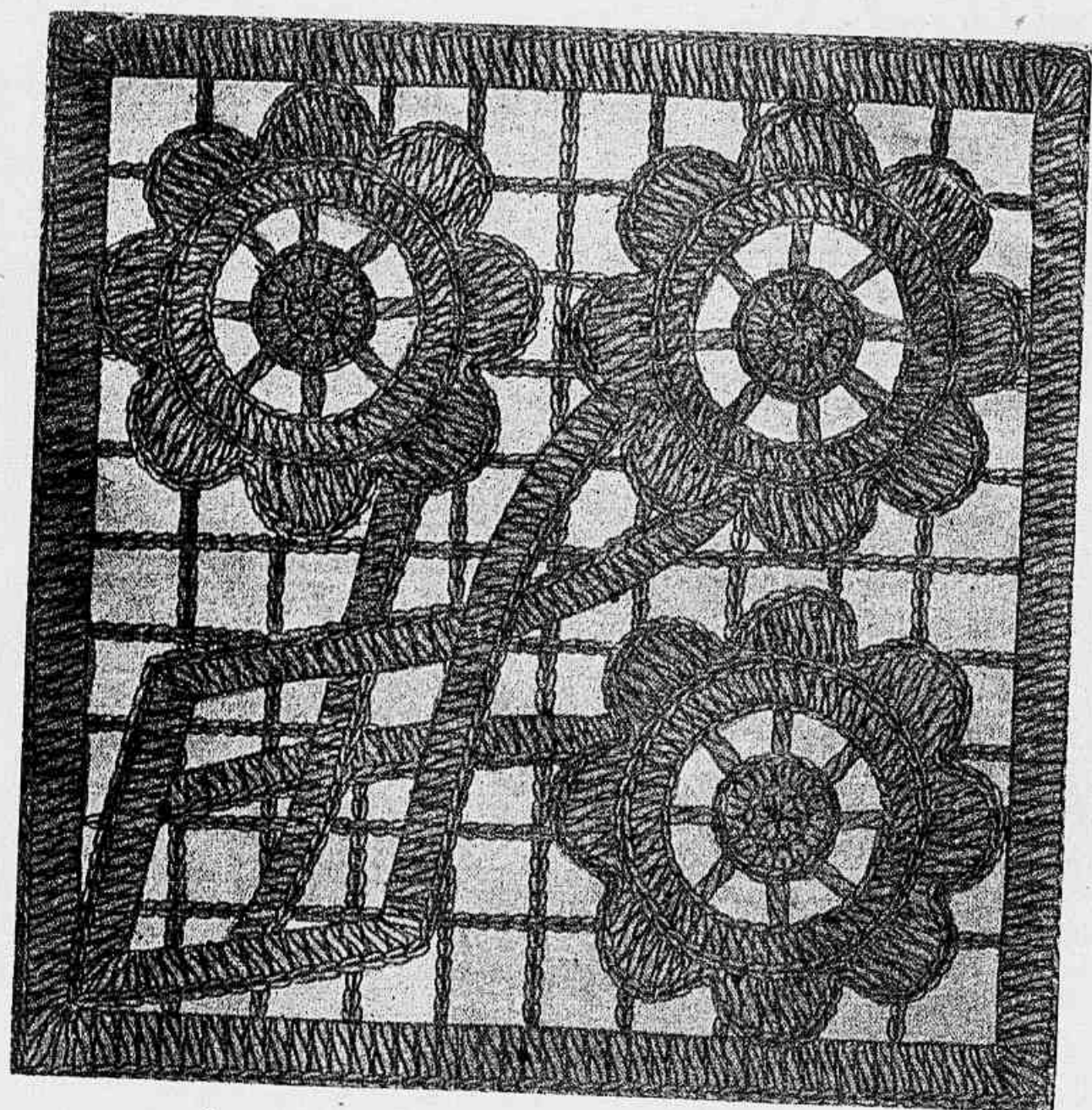
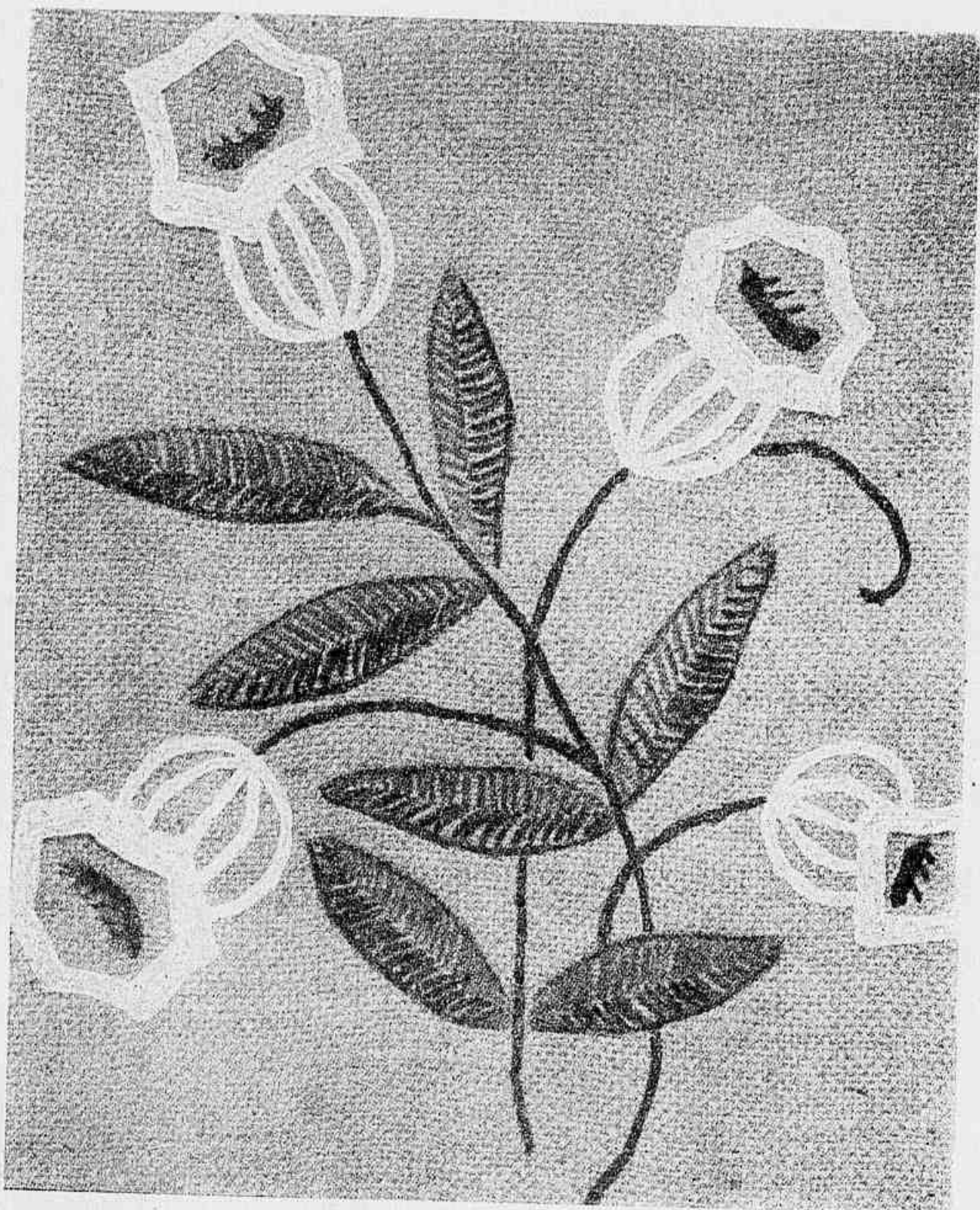
Ao lado — Capuz e luvas de crochet de lã branca.



PROBLEMAS DO LAR

Bouquet bordado para toalha

Quadrado de crochet, para guarnecer cobertas para cama, toalhas e stores



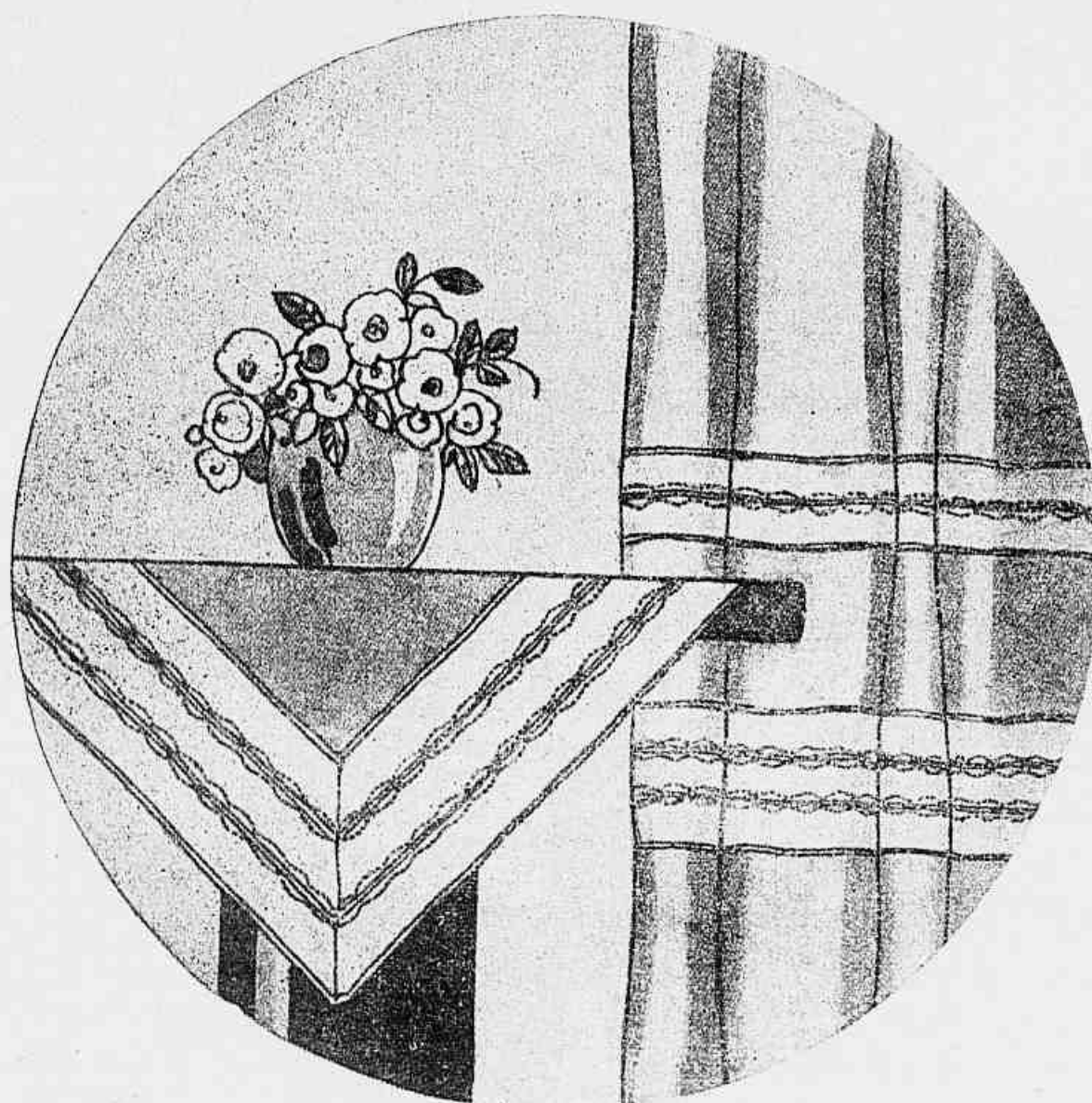
Este quadrado, de muito simples execução, é muito decorativo. Compõe-se de três flores ligadas por um simples galão que simula folhas e hastes. O enquadramento é também feito com um galão igual. De um lado e do outro deste galão são colocadas trancinhas fixadas umas nas outras, todas as 5 malhas; sobre este engradado são aplicadas as flores. — Execução das flores: Uma rodela começada por uma trancinha de 3 malhas, fechada em anel, primeira volta, 8 pontos altos separados por 4 malhas de trancinha, 2ª volta, 56 pontos altos, 3ª volta, 8 pétalas formadas por 2 malhas de trancinha, 1 ponto baixo, 4 pontos altos, 1 ponto baixo, 2 malhas de trancinha, 1 malha apertada sobre o centro. O galão para as hastes: pontos altos sobre uma trancinha. A grade para o fundo é feita com trancinhas de 50 malhas, nove para um lado, fazendo as 9 trancinhas para o outro lado, fixar às primeiras todas as 5 malhas. A grade fica assim muito regular. Fazer a trancinha para enquadrar, prendendo nela todas as extremidades das trancinhas da grade. Fazer em volta os pontos altos.

Alguns bouquets formam uma cercadura no centro da toalha de linho ocré; as flores são bordadas no ponto de cadeia com linha de Argel branca. As folhas, no ponto largo de festão, em dois tons de verde folha. As hastes, no ponto de haste com linha marrom; os centros das flores são bordados com linha marrom. Flores soltas espalhadas pela toalha e guarnecendo os guardanapos. Termina a toalha uma bainha guarnecida com ordens de ponto de cadeia, executadas com as linhas empregadas no bordado.

Guarnição de galões ou viezes e pontos de nó para toalhas e resposteiros

**PASSADEIRAS
TAPETES
CAPACHOS**
AS MAIORES
NOVIDADES

CASA BEIRIZ
RUA 7 SETEMBRO, 82
TEL. 42-6964 - JUNTO A AVENIDA



MOBILIARIOS FINOS EXPOSTOS EM GRANDES MONSTRUARIOS

Convidam-se as distintas famílias a visitarem os mostruários junto à fábrica de Moveis "Lamas", nos quais estão expostas as mais recentes criações de mobiliários nos diversos estilos, dotados de todos os requisitos para satisfazer quem pretende adquirir moveis de qualidade e de bom desenho.

As exposições que a fábrica "Lamas" mantém no Flamengo, Urca e Copacabana são de simples propaganda, sendo os moveis "Lamas" vendidos exclusivamente nos mostruários anexos à fábrica com facilidade, em certos casos, de pagamento.

A carta inviolável — Um envelope exposto sobre uma panela com água a ferver descola-se, podendo assim ser lida a carta por pessoa pouco escrupulosa.

Molhando-se levemente com clara de ovo a beirada do envelope, e depois passando a ferro, o envelope não poderá mais ser descolado no vapor da água, e ninguém poderá abri-lo clandestinamente.

Limpeza do linoleum — Se o linoleum ficou deteriorado por máos tratos, ou por não ter sido suficientemente cuidado, dá-se-lhe novo brilho molhando-o com água a que se adicionam gemas de ovos (duas por litro de água).

Passar esse líquido sobre o linoleum com um pano bem limpo. Não andar sobre o linoleum senão depois de bem seco.

CONSELHOS PRATICOS

As escovas — Quando se quer que as escovas durem, devem-se colocar para secar com os pelos para baixo, e não do lado da madeira. A água escorre ao longo dos fios, ao passo que se a água ficar dentro da armação acabará por apodrecê-la.

Numa toalha vermelha, a barra branca guarnecida com viezes do tecido vermelho e pontos de nó deste mesmo tom colorido. A toalha é debruada com o viez vermelho. Num reposteiro bege, os viezes ou galão no tom cor de laranja e os pontos de nó executados com linha amarelo ouro. Póde-se fazer toda sorte de combinações a dizer com a guarnição do aposento que vai enfeitar.

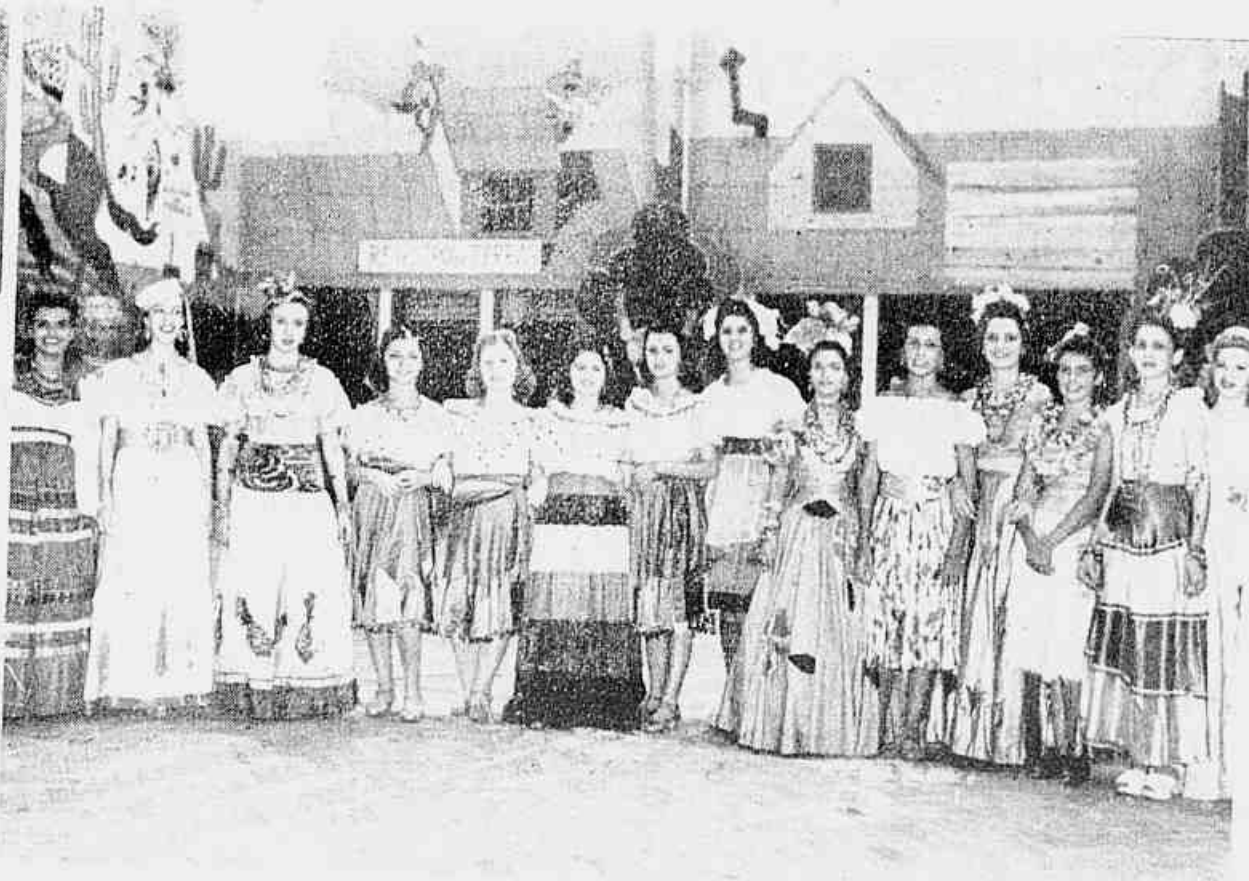
BAILES DE ALELUIA



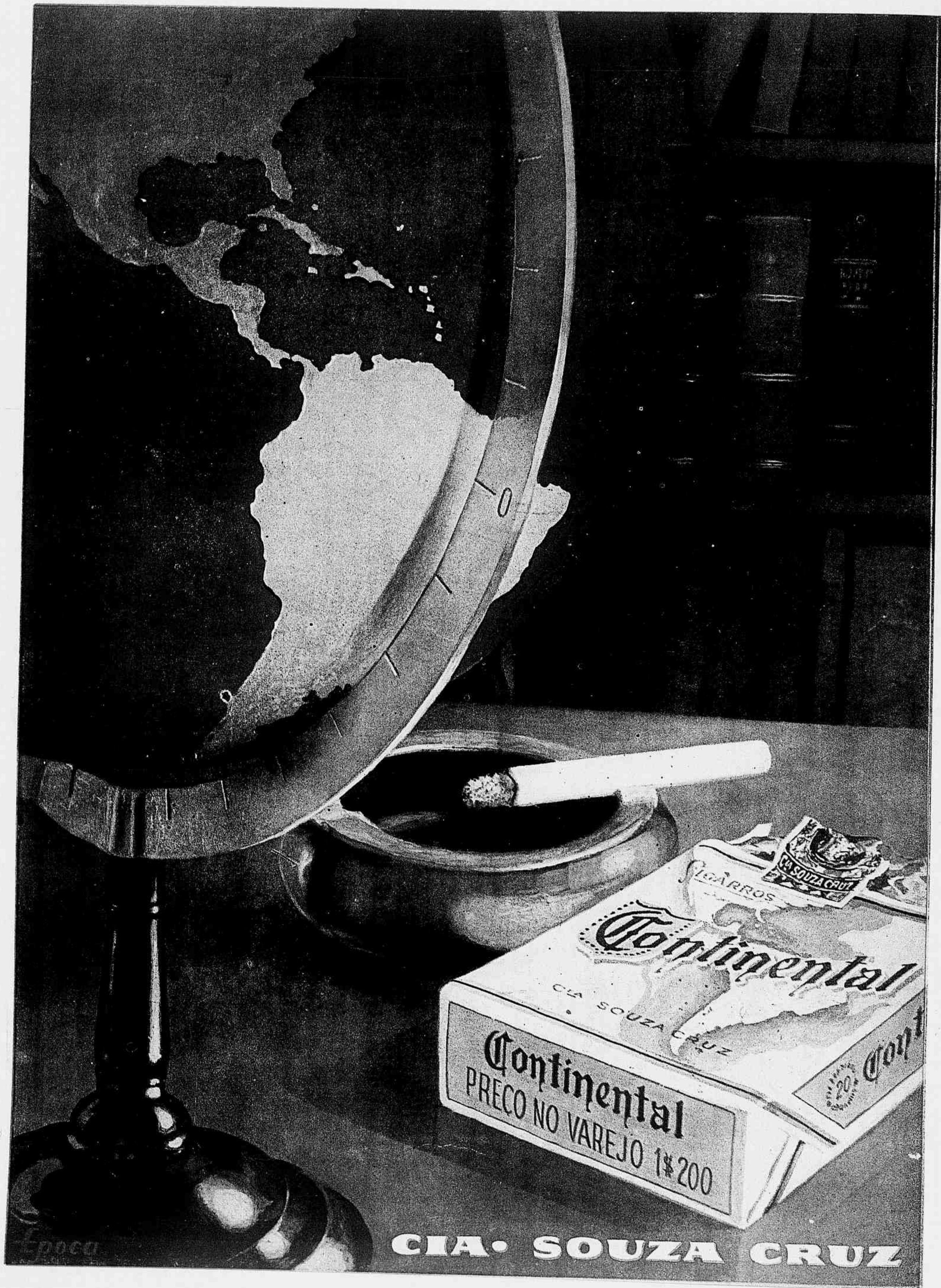
No "Botafogo F. C."



No "C. R. Flamengo"



No "Tijuca T. C."



CIA. SOUZA CRUZ